



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia

**NASCIMENTO DE FILHOS: REDE SOCIAL DE APOIO E  
ENVOLVIMENTO DE PAIS E AVÓS**

**Maíra Ribeiro de Oliveira**

**Orientadora: Maria Auxiliadora Dessen**

Brasília-DF, fevereiro de 2007

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia

**NASCIMENTO DE FILHOS: REDE SOCIAL DE APOIO E  
ENVOLVIMENTO DE PAIS E AVÓS**

Maíra Ribeiro de Oliveira

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de Brasília,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Professora Doutora Maria Auxiliadora Dessen

Brasília-DF, fevereiro de 2007

Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia

**ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO FOI APROVADA PELA SEGUINTE  
COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Professora Doutora Maria Auxiliadora Dessen  
(Presidente)**

---

**Professora Eunice Maria Lima Soriano de Alencar  
(Membro)**

---

**Professora Doutora Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira  
(Membro)**

---

**Professora Doutora Diva Maria Morais de Albuquerque Maciel  
(Suplente)**

Brasília-DF, fevereiro de 2007

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, que apesar de ausente, está presente em todos os momentos da  
minha vida.

À minha filha Ana, por encher meu coração de alegria, diariamente.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, às pessoas que tornaram este trabalho possível: às mães que se dispuseram a participar da pesquisa, possibilitando-nos conhecer um pouco mais sobre esses momentos de suas vidas; à Dora, que com muita paciência, atenção e carinho me “abriu as portas” para um novo mundo de conhecimentos, e fez com que eu me encontrasse profissionalmente; às colegas Adriane, pela atenção e apoio no meu primeiro ano de mestrado, e Simone, pelo apoio nos momentos finais da dissertação; às colegas do grupo de estudos do Laboratório de Desenvolvimento Familiar, Adriane, Nadja, Nara, Patrícia, Simone e Sylvia, pelas minuciosas correções que foram fundamentais para o resultado final dessa dissertação.

Agradeço, também, àquelas pessoas que tornaram a realização desse trabalho mais prazerosa: meu pai, pelo apoio e interesse; Laura, por ser minha grande amiga; Raquel, pela torcida; minhas sobrinhas lindas, simplesmente por existirem; Maria e Nailê, por cuidarem da minha filha e da casa enquanto me dedicava ao mestrado, e aos alunos da disciplina “Desenvolvimento Psicológico e Ensino”, por me mostrarem que estou no caminho certo.

Por último, mas sempre em primeiro lugar, agradeço ao Rodrigo, pela paciência durante o mestrado, pela ajuda na elaboração dos gráficos, pela amizade, pelo amor e por me acompanhar em cada etapa do meu desenvolvimento, me fazendo muito feliz nesses dez anos de união.

Oliveira, Maíra Ribeiro. *Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2007, 147 páginas.

**RESUMO** – O nascimento de um bebê, e sua conseqüente inserção na família, é visto como uma das mudanças normativas mais significativas do curso de vida familiar, por seu grande impacto na estrutura e nas relações entre os seus membros. Neste contexto de transição decorrente do nascimento de filhos, a rede social de apoio tem sido apontada como um dos fatores de influência preponderante, podendo contribuir para o equilíbrio no funcionamento da família e para o bem-estar, sobretudo das mães. Para elas, os principais membros da rede social de apoio, nesse momento, são, respectivamente, o companheiro e seus próprios pais, além dos sogros. Assim, este estudo tem como objetivo descrever, na perspectiva das mães, a rede social de apoio de famílias brasileiras durante o período de gestação e imediatamente após o nascimento de filhos, enfatizando a participação e o apoio do pai e dos avós de seus filhos. Participaram da pesquisa dois grupos, um composto por 45 mulheres grávidas, primíparas ou não, e outro formado por 42 mulheres com bebês de até seis meses de idade. A coleta de dados ocorreu em Centros de Saúde do Distrito Federal e consistiu na aplicação dos seguintes instrumentos: (a) questionário sociodemográfico da família e (b) entrevista semi-estruturada, ambos respondidos pelas mães. O questionário foi elaborado visando, além de obter informações sociodemográficas, caracterizar o sistema familiar e sua rede social de apoio; e as entrevistas tinham como objetivo investigar as alterações ocorridas durante o nascimento de filhos, bem como o envolvimento do marido/companheiro e a participação dos avós na vida familiar, com destaque para este período de transição. Os resultados mostraram que houve mudanças na família durante a gestação e o nascimento dos filhos, especialmente quanto ao apoio psicológico e divisão de tarefas domésticas. Grande parte das mães relatou que as mudanças foram positivas, com pais e avós constituindo as fontes principais de apoio. Embora as mães relatassem mudanças positivas por parte dos pais, elas já consideravam a sua participação na vida familiar como satisfatória, sobretudo quanto à divisão de tarefas domésticas e de cuidado dos filhos. A maioria das mães relatou que os avós não interferiam na vida da família; quando os avós interferiam, usavam como estratégia principal o aconselhamento, sobretudo em relação à educação dos netos e ao relacionamento do casal. Os resultados sugerem que é fundamental intensificar os estudos sobre a influência da rede de apoio familiar durante os momentos de transição decorrentes do nascimento de filhos no contexto brasileiro, visando fornecer subsídios para a elaboração e implementação de programas de educação familiar, com ênfase na participação do pai e dos avós.

**Palavras-chave:** família, rede social de apoio, nascimento de filhos, papel do pai, participação dos avós.

Oliveira, Maíra Ribeiro. *Children's birth: A social support network and the involvement of fathers and grandparents*. Master Dissertation presented at the Psychology Institute of the "Universidade de Brasília", Brasília, 2007, 147 pages.

**ABSTRACT**– A child's birth and the consequent insertion of this child in a family is seen as one of the most significant normative changes in the family life course, due to its great impact in the structure and in the relationship among family members. In this transition context of a child's birth, a social support network has been pointed out as one of the leading aspects of influence, capable of contributing to the balance of the family and its welfare, especially considering mothers. The mothers have reported that at this specific moment, the main social supportive members are the husband and the mother's own parents, respectively, besides the parents in law. Thus, this study has the objective of reporting the social support network established in Brazilian families during the gestation period and immediately after children are born, according to the mothers' perspectives. It also emphasizes the support and participation of fathers and grandparents. Two groups participated in this study; one was formed by 45 pregnant women, whether primary or not and the other was formed by 42 women with children up to the age of six (6) months. Data was collected at the Health Centers from the Federal District and it consisted of the application of the following instruments: (a) a family social demographic questionnaire and (b) a semi-structured interview. Both instruments were answered by the mothers. The questionnaire was constructed viewing the social demographic information, as well as the characterization of the family system and its social supportive network. The interviews aimed at investigating the alterations occurred during the child's birth, as well as the involvement of the husband/companion, and the participation of grandparents in the family life, highlighting this transition period. The results demonstrated that changes had occurred during the gestation period and the child's birth, especially in relation to the psychological support and division of house chores. A high number of mothers reported that changes had been positive and that fathers and grandparents were considered as the main support sources. Although mothers had reported the fathers' changes as positive, they had already considered their family participation as satisfactory, above all, in respect to house chore division and in relation to the division of care towards the child. Most mothers reported that the grandmothers did not interfere in the family life. When grandparents interfered, they used counseling as the main strategy, especially in relation to the grandchildren's education and the couple's relationship. Results suggest that it is fundamental to conduct further studies on the influence of a family support network during transition moments as a result of a child's birth in the Brazilian context with views to the supply of subsidies to the elaboration and implementation of family educational programs, emphasizing the fathers' and grandparents' participation.

**Key-word:** family; social support network; child's birth; father's role; grandparents' participation.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	i
<b>ABSTRACT</b> .....	ii
<b>SUMÁRIO</b> .....	iii
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	1
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	3
Compreendendo as transições familiares decorrentes do nascimento de filhos e a importância da rede social de apoio.....	3
Fundamentação conceitual e teórica: avanços recentes .....	3
Nascimento dos filhos: a família se transforma .....	8
Rede social de apoio e sua influência durante o nascimento de filhos .....	14
A diversidade de redes sociais e suas funções .....	15
A importância da rede social de apoio durante transições decorrentes do nascimento dos filhos .....	18
A participação do pai na vida familiar: fonte principal de apoio durante a gravidez e o nascimento dos filhos .....	23
O que é ser pai?.....	25
A participação do pai durante a transição familiar decorrente do nascimento dos filhos .....	28
Os avós no contexto da família: parceria com pais e netos .....	31
Contextos de desenvolvimento e as relações intergeracionais.....	32
Os avós e seus diferentes papéis na família .....	35
Os avós em papéis participativos.....	36
Os avós como cuidadores voluntários.....	37
Os avós como cuidadores involuntários.....	38
<b>JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS</b> .....	42
<b>MÉTODO</b> .....	44
Amostra: seleção dos participantes e caracterização do sistema familiar.....	44
Seleção dos participantes .....	44
Caracterização do sistema familiar .....	44



Idade, escolaridade, ocupação e renda dos pais .....	45
Filhos: quantidade, sexo, idade e escolaridade .....	45
Com quem as mulheres coabitavam, estado civil e tempo de Relacionamento .....	49
Local de moradia das famílias e tempo de residência no local ....	51
Procedimentos para coleta de dados .....	55
Questionário sociodemográfico da família .....	55
Entrevista semi-estruturada .....	56
<b>RESULTADOS</b> .....	57
Modos de vida familiar e rede social de apoio durante a gravidez e o nascimento de filhos .....	57
As atividades familiares e os trabalhos domésticos.....	58
Quais são as atividades e quem participa delas?.....	58
Como era a divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos?.....	60
Há mudanças decorrentes da gestação e do nascimento de filhos?.....	62
O apoio recebido e o contato social .....	63
Tipo de apoio, sua ordem de importância e mudanças percebidas .....	63
Houve mudanças no apoio recebido pelas mães? .....	65
O contato social da família: mudanças decorrentes do nascimento de filhos .....	66
Envolvimento do pai na família: o pai real e o pai ideal.....	68
O pai real: participação na vida familiar .....	68
Tarefas domésticas: O que o pai faz em casa?.....	68
Como os pais participam do cuidado dos filhos?.....	70
Como os pais se comportaram durante a gestação e o nascimento dos filhos?.....	72
O pai “ideal”: expectativas das mães sobre o envolvimento do pai na família .....	73
O pai faz o que deveria fazer?.....	73
O pai deveria fazer mais? O quê? .....	74

O que seria uma participação “ideal” do pai na família?.....	77
Influência dos avós na vida familiar .....	79
Influência direta dos avós na família .....	79
A interferência dos avós na vida familiar .....	80
Os avós e a transmissão de valores: usando o aconselhamento como estratégia .....	82
O apoio dos avós durante a gestação e o nascimento dos netos .....	83
Influência indireta dos avós na família: a infância das mães .....	86
Influência indireta dos avós: o que as mães mais gostaram em sua infância .....	86
Influência indireta dos avós: o que as mães não gostaram em sua infância .....	88
<b>DISCUSSÃO</b> .....	91
Reflexões sobre o método do estudo .....	91
O que os resultados sugerem?.....	95
Modos de vida familiar e rede social de apoio durante a gravidez e o nascimento de filhos .....	95
As atividades familiares e os trabalhos domésticos .....	96
Há mudanças na família decorrentes da gestação e do nascimento de filhos? .....	99
Envolvimento do pai na família: o pai real e o pai ideal .....	102
O pai real: participação na vida familiar .....	102
O pai real X o pai ideal: em busca do equilíbrio na família .....	105
Os avós e sua contribuição para a continuidade da família .....	107
Influência direta dos avós na família .....	107
Influência indireta dos avós na família: a infância das mães .....	109
Considerações finais: contribuições para a família durante momentos de transição por nascimento de filhos .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
<b>ANEXOS</b> .....	131
Anexo 1: Termo de Consentimento Informado .....	132

Anexo 2: Questionário Sociodemográfico da Família .....	133
Anexo 3: Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada .....	140
Anexo 4: Sistema de Categorias para Análise da Entrevista .....	141
Anexo 5: Lista de Tabelas .....	145
Anexo 6: Lista de Figuras.....	146

## APRESENTAÇÃO

Sabe-se que o ser humano encontra-se em constante processo de transformação, desde o período embrionário até a sua morte. No decorrer destas etapas do curso de vida, compete ao pesquisador acompanhar os processos de desenvolvimento do indivíduo, levando em consideração as tarefas e desafios que são próprias de cada fase. Portanto, o estudo do desenvolvimento humano, na atualidade, não está mais limitado ao acompanhamento sistemático de apenas uma ou algumas fases do curso de vida.

O delineamento de pesquisa mais apropriado para investigar questões de desenvolvimento humano é o longitudinal, uma vez que possibilita acompanhar o indivíduo em um período de tempo ampliado, verificando tanto os padrões descontínuos como aqueles que se mantêm ao longo do tempo. Porém, sabemos que a realidade brasileira não estimula esse tipo de pesquisa, pois o pesquisador não possui a infra-estrutura necessária para implementar projetos que requeiram a descrição das estabilidades e mudanças no comportamento humano. A falta de condições apropriadas leva o pesquisador a usar outros tipos de delineamentos, sobretudo, transversais, e recursos metodológicos que permitam responder questões de investigação relevantes para o desenvolvimento humano, embora não propriamente de desenvolvimento, tal qual concebido neste início de século.

Um dos recursos utilizados na pesquisa em desenvolvimento humano é coletar os dados em momentos específicos de transição, normativos ou não normativos, que são caracterizados por etapas de desestabilização e posterior estabilização. Cada período de transição requer tarefas específicas a serem realizadas, e a passagem de um estágio a outro demanda novos desafios e exigências para todos os envolvidos. Portanto, no curso de vida, momentos estáveis e instáveis se alternam, em um ciclo constante, constituindo períodos significativos para o estudo dos processos adaptativos.

Para compreendermos o desenvolvimento humano devemos, ainda, considerar as demandas próprias do contexto cultural, econômico e social em que a pessoa se insere. As características macrossistêmicas influem direta e indiretamente na realidade de cada indivíduo, e devem ser consideradas, especialmente no enfoque dos grupos sociais em que o indivíduo se insere. Dentre estes diversos grupos que compõem a sociedade ocidental contemporânea, destacamos a família, que é a responsável principal pela socialização das

crianças. A maneira como as famílias funcionam e como elas enfrentam os desafios das transições e realizam as tarefas próprias de cada estágio do curso de vida têm impacto profundo no desenvolvimento do indivíduo.

Uma das transições familiares mais importantes é aquela decorrente do nascimento de filhos, que provoca mudanças profundas na estrutura e nas relações familiares. A chegada de uma nova criança no sistema familiar transforma toda a família: a mulher torna-se mãe, a mãe se transforma em avó, o irmão em tio, e assim por diante. Durante a gestação e a infância do bebê, a rede social de apoio passa a exercer um papel preponderante, na medida em que possibilita prevenir os eventos e/ou amenizar os efeitos do estresse decorrente deste período normativo. Uma rede social é formada por indivíduos ou instituições que fornecem diferentes tipos de ajuda, como o apoio material ou financeiro, o auxílio nas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, além do oferecimento de apoio emocional. Os principais membros da rede social de apoio da mãe, durante o nascimento dos filhos, são o seu companheiro e seus próprios pais, além de seus sogros. Estes podem colaborar prestando apoio emocional e material, na ajuda com as tarefas domésticas e nos cuidados ao bebê, além de garantir a assistência financeira.

Portanto, optamos, nesta pesquisa, por focalizar as mudanças relatadas por 87 mulheres na estrutura e funcionamento do seu grupo familiar, durante os momentos de transição decorrentes do nascimento de filhos. As mães, primíparas ou não, estavam grávidas (n=45) ou tinham bebês de até seis meses de idade (n=42). Utilizando instrumentos como questionário sociodemográfico da família e entrevista semi-estruturada, a coleta de dados foi efetuada em um único momento, usando como recurso metodológico um delineamento transversal, pelas razões mencionadas anteriormente.

Nossa expectativa é conhecer um pouco melhor o período do nascimento dos filhos no contexto brasileiro, destacando o apoio da rede social e a participação do pai e dos avós na vida familiar. Apesar de se tratar de um campo relativamente investigado na literatura internacional, somente nos últimos anos é que tem recebido atenção dos pesquisadores brasileiros.

## INTRODUÇÃO

Este capítulo introdutório é composto por quatro seções. Na primeira seção apresentamos, brevemente a fundamentação conceitual e teórica desta pesquisa no que tange às concepções de desenvolvimento humano e família, enfatizando as alterações ocorridas no sistema familiar por ocasião do nascimento dos filhos. A segunda seção trata da influência da rede social de apoio durante o nascimento de filhos, destacando a sua diversidade e funções, bem como a sua importância. Tendo em vista que o pai/marido é considerado a principal fonte de apoio durante a gravidez e o nascimento dos filhos, a terceira seção é dedicada a discutir o papel do pai e seu envolvimento durante este período de transição familiar. Finalmente, a quarta e última seção trata de outra fonte de apoio também importante para a família, que são os avós, com destaque para os contextos de desenvolvimento e os diferentes papéis desempenhados por estes no contexto familiar.

### **Compreendendo as Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos e a Importância da Rede Social de Apoio**

Nessa seção apresentamos uma breve fundamentação conceitual e teórica do desenvolvimento humano, destacando os avanços recentes da ciência do desenvolvimento. Em seguida, discorreremos acerca das mudanças familiares ocorridas por ocasião do nascimento de um bebê, seja ele o primogênito ou não.

### **Fundamentação Conceitual e Teórica: Avanços Recentes**

A compreensão do desenvolvimento humano mudou muito nas últimas décadas, particularmente nos últimos trinta anos. Os conceitos transmitidos por autores como

Bronfenbrenner (1977, 1999), Cairns, Elder e Costello (1996), Hinde, (1979, 1997) e Valsiner e Connolly (2003), entre outros, foram responsáveis por uma alteração paradigmática da compreensão do desenvolvimento humano, já que este não está mais limitado a um determinado campo de conhecimento, e sim a uma teia de processos que integram sistematicamente as diferentes perspectivas de compreensão do homem.

Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), o desenvolvimento pode ser compreendido como as “estabilidades e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos ao longo do curso de vida e de gerações” (p. 995). Em sua definição de desenvolvimento, van Geert (1998) considera que este é um fenômeno que une diversos aspectos, de maneira integrada e sistêmica, e que tem como resultado algo que está além de cada um desses aspectos.

Para estudarmos o desenvolvimento humano é necessário, primeiramente, considerarmos a sua relação com todos os processos de mudança, desde os níveis micro, como as alterações biológicas, até os níveis macro, como as alterações sócio-históricas (Aspesi, Dessen & Chagas, 2005). As mudanças do desenvolvimento são, portanto, o produto de alterações em diversos níveis do organismo e do ambiente, e são também as fontes para novas alterações, em um ciclo constante. Em outras palavras, as mudanças são produtos e produtoras do desenvolvimento humano.

Isto implica considerar o desenvolvimento como um processo totalmente aberto, sendo o momento presente o “estágio inicial” e não o “final”. Portanto, o desenvolvimento deve ser compreendido em uma visão prospectiva, e não retrospectiva, em que a partir de um “ponto final” considera-se toda a trajetória percorrida (van Geert, 2003). Segundo esse autor, este olhar coloca o desenvolvimento em uma perspectiva epigenética e probabilística: epigenética, porque o processo do desenvolvimento é o “desenvolvimento em si”, que vai

se construindo durante a sua própria formação; e probabilística, pois essa constante mudança não nos possibilita prever o resultado deste desenvolvimento.

Segundo Gottlieb (1996), todas as alterações que ocorrem são decorrentes da transição entre um período inicial de homeostase e seu subsequente retorno a este estado. A mudança que estimula a transição é decorrente de um estado de tensão provocado por forças de coação entre os diferentes níveis do organismo-ambiente e sua manifestação exata é probabilística e epigenética, resultando em um aumento da complexidade da organização e das ações humanas. Essas forças atuam em dois níveis: horizontal e vertical. As coações horizontais são aquelas que ocorrem em um mesmo nível do sistema, como aquelas existentes entre as células ou entre um ambiente social e outro. As coações verticais ocorrem em níveis diferentes do sistema, como entre as atividades comportamentais e o sistema nervoso. Assim, o desenvolvimento humano é uma consequência de forças entre, pelo menos, dois componentes do sistema.

Nesse sentido, para Gottlieb (1996), a natureza do fenômeno do desenvolvimento é um produto das possibilidades de reações a um determinado acontecimento, sendo este resultado imprevisível. Porém, os resultados do desenvolvimento não ocorrem ao acaso, pois estão intrinsecamente ligados às possibilidades próprias do indivíduo, decorrentes de suas experiências através do curso de vida. Logo, apesar de todas as imprevisibilidades próprias do processo, o desenvolvimento humano deriva de alguns aspectos que são comuns a todos, ou seja, os padrões que nos caracterizam enquanto uma única espécie.

Outro aspecto importante para a compreensão do desenvolvimento humano é a necessidade de “olhar” o indivíduo em uma perspectiva do curso de vida, considerando também as características do macrossistema (Cicchetti & Rogosh, 2002). A cultura influencia o indivíduo e o contexto imediato no qual ele está inserido, formando valores,



crenças e práticas culturais que estão presentes no cotidiano familiar. Simultaneamente, as experiências individuais e familiares influenciam a cultura, evidenciando a bidirecionalidade das relações e o intercâmbio constante entre os diferentes componentes, fundamentais para a ocorrência do desenvolvimento.

Na perspectiva da ciência do desenvolvimento, um sistema fundamental para a compreensão do indivíduo é a família. A disciplina que se ocupa em estudar a família na perspectiva do desenvolvimento, intitulada “desenvolvimento familiar”, tem como foco “estudar os processos de comunicação e as interações e relações existentes entre os membros da família, levando em consideração a fundamental importância do contexto sócio-histórico-cultural” (Dessen & Braz, 2005a, p. 128). Portanto, estudar como a família se desenvolve pressupõe conhecer não apenas os seus membros, mas também a dinâmica das relações entre eles, levando em consideração os desafios e tarefas de cada ciclo do curso de vida familiar. Sob a ótica do desenvolvimento familiar é importante identificar quais comportamentos se mantêm ou se alteram durante o curso de vida, descrevendo as estabilidades e as mudanças familiares (L’Abate, 1994). É necessário ressaltar, ainda, que essa disciplina considera a família como parte de um todo maior, em que aspectos históricos, culturais e econômicos exercem influência contínua, ao mesmo tempo em que são influenciados pelas transformações vividas pela família.

Para compreendermos a família a partir dessa perspectiva de desenvolvimento é fundamental definir o seu conceito e as transformações pelas quais ela passa. Petzold (1996) considera que família é “um grupo social especial, caracterizado pela intimidade e pelas relações intergeracionais” (p. 39). Isto significa que as características tradicionais deste grupo, como a consangüinidade e a coabitação, não são mais os determinantes para a definição deste conceito, na atualidade.

Diversas mudanças ocorreram ao longo das últimas décadas nas sociedades contemporâneas, sendo a família uma das instituições que mais sofreu alterações, abrindo espaço para a diversidade atual de configurações familiares (Biasoli-Alves, 1997; Dessen & Pereira-Silva, 2004; Pereira, 2003). Essa diversidade de tipos de família deve ser levada em consideração nos planejamentos de pesquisa atual. Por outro lado, as instituições que se relacionam diretamente com a família, como a igreja e a escola, também mudaram muito, exigindo atenção especial às suas transformações, uma vez que estas influenciam as relações no contexto da família e vice-versa.

Para estudar a família e a sociedade frente a essas mudanças, o recurso teórico mais apropriado tem sido o da perspectiva sistêmica, pois ela permite compreender as transformações pelas quais uma família passa enquanto resultado das relações dentro dessa família, tanto entre seus membros quanto entre estes e a realidade extrafamiliar que os cerca (Dessen & Braz, 2005a). De acordo com Calil (1987), “as ações e comportamentos de um dos membros influenciam e simultaneamente são influenciados pelos comportamentos de todos os outros” (p. 17). Dessa forma, a família não deve ser entendida como uma massa difusa e indiferenciada, mas como indivíduos intimamente relacionados.

Dentre os princípios básicos que regem o funcionamento da família, de acordo com a abordagem sistêmica, Minuchin (1985, 1988) destaca: (a) o sistema é um todo organizado; (b) os padrões, em um sistema, são circulares e não lineares, ou seja, há influência mútua e bidirecionalidade entre os seus componentes; (c) os sistemas vivos são abertos, isto é, estabelecem trocas com o ambiente externo que, por sua vez, provocam transformações no sistema; (d) os sistemas possuem elementos homeostáticos e mecanismos de reequilibração que mantêm a estabilidade de seus padrões; e (e) a evolução e a mudança, inerentes aos sistemas abertos, representam as transformações ocorridas ao

longo do tempo, as diferenciações de um momento anterior e a emergência de nova condição ou situação.

Segundo Kreppner (2005), quatro princípios devem ser considerados em um planejamento de pesquisa sob a perspectiva do desenvolvimento familiar: (a) a família é uma estrutura específica em que ocorrem as relações entre seus membros; (b) as interações familiares têm uma organização dinâmica, na qual as mudanças que ocorrem em uma determinada relação afetam as demais; (c) a família tende a manter um estado de equilíbrio, ou a homeostase; e (d) o equilíbrio familiar ocorre através de uma constante readaptação ao seu contexto, tanto em situações nas quais o modo como a família funciona é mantido, como também quando esse modo é alterado. Para compreender o seu funcionamento é preciso conhecer o contexto no qual ela está inserida ou a sua relação com os demais sistemas existentes, uma vez que a família influencia e é influenciada nos e pelos diversos contextos que a rodeiam.

As alterações que ocorrem nas famílias, os desafios e as tarefas que ela encontra em cada ciclo, são mais facilmente identificados nos momentos de transições familiares (Kreppner, 2003). Essas transições ocorrem continuamente e, a cada mudança, a família precisa se readaptar e se reorganizar frente a uma nova situação. O tópico a seguir trata de uma transição normativa importante do ciclo de vida familiar, que é o nascimento dos filhos.

### **Nascimento dos Filhos: a Família se Transforma**

O sistema familiar é caracterizado por uma série de transições normativas em seu ciclo, isto é, por períodos de desestabilização e reequilíbrio. Segundo Kreppner (2003), os períodos de transições normativas são como “janelas” entre diferentes estágios do

desenvolvimento nos quais novas competências são estabelecidas para lidar com as mudanças e incertezas que se apresentam neste curso.

O desenvolvimento da família é composto por uma série de estágios desde a sua formação, com a união do casal. Segundo Carter e McGoldrick (1980/1995), cada um destes estágios apresenta desafios e requer a realização de tarefas específicas, que possibilita à família adaptar-se às mudanças. Quando nasce um bebê, ainda que o casal não esteja mais junto, um novo sistema já foi formado, e as famílias de origem não serão mais as mesmas, pois a gestação e a chegada deste novo ser acarretam profundas alterações no seu funcionamento (Berthoud & Bergami, 1997). Essas alterações demandam novos desafios e exigências para todos os membros familiares, e a criação de novas estratégias faz-se necessária (Dessen & Braz, 2000).

O novo membro transforma todos os outros membros familiares: o filho torna-se pai, o pai torna-se avô, a irmã torna-se tia, o sobrinho torna-se primo e, em famílias em que já há uma criança, ela torna-se irmão (Bradt, 1995). De acordo com Salmela-Aro, Nurmi, Saisto e Halmesmäki (2000), não existe mudança mais profunda do que a chegada de uma nova criança no sistema familiar,

Diversos são os fatores que norteiam a decisão de se ter um bebê, como a situação emocional e financeira do casal, seus objetivos profissionais e pessoais, e a expectativa da quantidade de filhos desejados (Michaels, 1988). Independentemente de tais fatores, a transição para a parentalidade acarreta uma grande alteração na vida do homem e da mulher, trazendo novas implicações e responsabilidades. Essa transição introduz mudanças substanciais na vida do casal. A gestação é o momento em que pai e mãe se preparam para assumir o papel parental, e para as novas tarefas e perspectivas que essa situação lhes trará (Montigny, Lacharité & Amyot, 2006; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004).

Apesar de a gravidez ser uma situação natural e esperada na vida da mulher, os sentimentos de ansiedade e as dúvidas quanto às conseqüências físicas e emocionais da gestação são comuns nessa etapa (Hofberg & Ward, 2003; Lopes, Donelli, Lima & Piccinini, 2005). Matthey, Barnett, Ungerer e Waters (2000) consideram que, além do aumento da ansiedade, o humor deprimido também é esperado durante a gestação e no decorrer das primeiras semanas após o nascimento do bebê, tanto para a mãe quanto para o pai. O ciúme da relação entre mãe e bebê, experienciado pelo pai, e a ansiedade quanto à aparência física, vivenciada pela mãe, também são sentimentos que geram insatisfação do casal durante a gestação (Dessen & Braz, 2005b). O interesse e a atividade sexual declinam durante a gravidez, mantendo-se quase inexistentes nas semanas seguintes ao parto, embora, posteriormente, voltem a crescer (Barrett & cols., 1999; Sydow, 1999). Além da freqüência, a satisfação sexual também tende a decrescer (Morof, Barrett, Peacock, Victor & Manyonda, 2003).

O pós-parto é, ainda, um momento de muitas mudanças na vida familiar, especialmente da mulher, que tende a mostrar menos satisfação consigo mesma e com os seus papéis do que o homem, provavelmente porque é mais comum que ela deixe de estudar ou trabalhar para cuidar de seu bebê (Cowan & Cowan, 1988). O estudo realizado por Gjerdingen e Chaloner (1994) mostra que a saúde mental da mãe no pós-parto está relacionada ao apoio social que ela recebe. A percepção de estarem sendo cuidadas por seus companheiros, parentes e amigos está diretamente relacionada ao bem-estar materno. Por outro lado, a saúde mental das mães pode influenciar o nível de apoio social que ela recebe, em um processo bidirecional.

Lopes, Menezes, Santos e Piccini (2006) consideram que a transição para a parentalidade envolve eventos seqüenciais, desde a idéia e o planejamento de engravidar, a

gestação, o nascimento e os cuidados com a criança. Após o nascimento do primeiro filho, é comum pais e mães vivenciarem estresse, em geral decorrente das diferenças entre a expectativa do casal e a realidade de ter um bebê em casa, o que pode gerar uma série de problemas, especialmente na relação conjugal (Delmore-Ko, Pancer, Hunsberger & Pratt, 2000). Ainda durante os primeiros meses após a transição para a parentalidade, muitos casais realizam uma quebra na divisão tradicional de tarefas por gênero, a qual se dá por um período de tempo variável (Singley & Hynes, 2005). É também comum que as mulheres exerçam menos funções remuneradas, enquanto os homens tendem a aumentar essas funções, fatos que se mantêm por um longo período após o nascimento do bebê.

Portanto, ainda que a relação marital e a divisão de tarefas domésticas sejam aspectos importantes no que concerne à transição decorrente da chegada dos filhos, eles não são os únicos, pois finanças, atividades de lazer, planos de carreira e o relacionamento com amigos e parentes também podem ser profundamente afetados pelo nascimento do bebê (Brody, Pellegrini & Sigel, 1986; Sydow, 1999). De acordo com Cusinato (1994), a chegada de uma criança leva os pais a amadurecerem emocionalmente e a desenvolverem um maior “senso de si”. Segundo o autor, pais e mães verificam uma série de benefícios com a mudança advinda pela parentalidade, mas também de desafios e problemas a serem enfrentados, pois a chegada de um recém-nascido isola os pais e requer um reajustamento drástico à nova situação. Aceitar a criança no sistema familiar, ajustar o relacionamento com a família de origem, assim como a comunicação com o companheiro e com o ambiente, são tarefas da transição para a parentalidade. Para reestruturar a organização familiar, a família tem, também, que se ajustar à presença da criança, compartilhar a responsabilidade com o filho e as tarefas domésticas, e administrar o tempo livre, o trabalho e o ambiente social.

A transição para a parentalidade, segundo Petzold (1995), vem sendo há muito discutida, sobretudo por sua importância para o funcionamento da família e para as relações entre os diferentes subsistemas. O tornar-se pai e mãe constitui um ponto central no desenvolvimento do indivíduo, no qual a vida das pessoas toma uma nova direção, demandando adaptação ou mudanças (Salmela-Aro & cols. 2000). No entanto, a maioria das pesquisas (Cusinato, 1994; Goldberg & Michaels, 1988; Kendrick & Dunn, 1980) realizadas sobre a reorganização da família em torno da chegada de um novo membro objetiva compreender como as expectativas dos genitores evoluem, da gestação até os primeiros meses do bebê.

Em geral, tanto o pai quanto a mãe se sentem inseguros em relação aos cuidados com seu filho, independentemente da sua idade. Um bebê recém-nascido demanda cuidados e responsabilidades que podem afligir os pais, tornando-os inseguros. Após o primeiro mês do bebê, porém, os genitores geralmente se sentem mais seguros. A insegurança retorna quando a criança está mais crescida mas, com o decorrer do tempo, os genitores aprendem a lidar com ela, tornando-se mais confiantes. A essa estabilidade seguem-se novos desafios e demandas, o que novamente pode gerar inseguranças, em um ciclo que se estende ao longo da vida (Petzold, 1995).

Em famílias cujo casal já se tornou pai e mãe, vários dos sentimentos pertinentes à gestação e às primeiras semanas são similares, mas, em outros aspectos, a vivência familiar é diferente. Segundo Goldberg e Michaels (1988), mulheres multíparas e seus maridos já experienciaram a mudança estrutural do casal que ingressa para a parentalidade, mas a experiência advinda com o primeiro filho pode ser bastante diferente nas gestações posteriores. Os genitores podem se surpreender com bebês calmos, após terem convivido

com um primeiro filho com cólicas. Por outro lado, os pais podem ficar apreensivos durante a gestação, com medo de que o próximo bebê não seja tão bom quanto o primeiro.

De acordo com Cusinato (1994), o nascimento do primeiro filho é mais marcante para a mulher, enquanto que o do segundo é mais marcante para o pai. Isso ocorre porque, geralmente, a mãe precisa dedicar-se aos cuidados do bebê, o que é estressante tanto para ela quanto para o primeiro filho, enquanto o pai se vê “obrigado” a participar mais da vida do primogênito (Cusinato; Dessen, 1997). Porém, o nascimento do segundo filho também traz mudanças significativas para a mulher, pois as suas relações com o primogênito são alteradas na busca pelo reequilíbrio familiar (Dessen, 1992): “As mudanças na família, provenientes do nascimento do segundo filho, têm sido vistas recentemente como integradas em uma estrutura de desenvolvimento mais ampla, envolvendo mudanças estruturais, tarefas familiares e desenvolvimento familiar” (p. 54).

Portanto, o nascimento de um filho é associado a mudanças substanciais no ambiente familiar, seja ele primogênito ou não, e a compreensão destes períodos de transição requer considerar também as implicações do nascimento para as relações entre o casal. Como os sistemas conjugais e parentais estão interligados, essa transição interfere na vida conjugal em vários aspectos, dentre os quais na satisfação marital, que decai após o nascimento do bebê (Cowan & Cowan, 1988).

Em estudo meta-analítico realizado por Erel e Burman (1995) sobre as inter-relações entre as relações conjugais e parentais, os autores mostram que as relações conjugais interferem nas parentais e que, por sua vez, a qualidade do casamento interfere diretamente na qualidade do relacionamento entre pais e filhos. Em outras palavras, o relacionamento do casal influencia não apenas a sua própria dinâmica, mas também as relações estabelecidas entre as díades pai-filho e mãe-filho (Bigras & Paquette, 2000).



Os estudos sobre as inter-relações conjugais e parentais devem focalizar, sobretudo, cinco aspectos principais: (a) as características de cada indivíduo da família, com ênfase especial no auto-conceito e na auto-estima; (b) a relação esposa-marido, com ênfase na divisão de tarefas domésticas e padrões de comunicação; (c) os relacionamentos pai-filho e mãe-filho; (d) os padrões presentes na família e nas famílias de origem e (e) o balanço entre as fontes externas de estresse e apoio aos genitores, com ênfase especial nas redes sociais (Cowan & Cowan, 1988). Avaliar esses cinco aspectos proporciona uma visão sistêmica do relacionamento conjugal e parental, facilitando a compreensão das relações que ocorrem na vida familiar.

Um dos aspectos da relação conjugal de especial impacto nas relações parentais é a “aliança” estabelecida entre o pai e a mãe (Konold & Abidin, 2001). Essa aliança, de modo geral, inicia-se antes do nascimento do bebê, pois a própria idealização que os pais fazem de seu futuro filho já é um início desta aliança.

Esta aliança pode ser fortalecida durante o nascimento de um bebê, passando o pai a constituir uma das fontes de apoio mais importante para a mãe. Além do pai, outras pessoas e instituições podem fornecer o suporte e a atenção que a família necessita neste momento. Portanto, conhecer a rede social de apoio, seus participantes e as tarefas por eles realizadas é fundamental para a compreensão da dinâmica familiar em períodos de transição. Este suporte pode ser um importante preditor da saúde familiar, justificando, assim, o interesse por este tipo de pesquisa, conforme descrito na seção a seguir.

### **Rede Social de Apoio e sua Influência Durante o Nascimento de Filhos**

Tendo em vista a importância da rede social de apoio durante as transições familiares decorrentes do nascimento de filhos, esta seção apresenta o conceito de rede

social adotado neste estudo, identificando seus diferentes tipos e funções, bem como seus principais participantes. As implicações da rede social durante a gravidez e o período imediatamente após o nascimento do bebê são enfatizados.

### **A Diversidade de Redes Sociais e suas Funções**

Nossas relações com companheiros, familiares, amigos e colegas de trabalho são significativas em nossas vidas, e vários deles podem ser os participantes da rede social de apoio da família, além dos membros familiares íntimos e demais parentes, amigos e vizinhos (Dessen & Braz 2000; Llewellyn & McConnell, 2002; Sluzki, 1997). Embora a maioria dos estudos sobre a rede social de apoio enfoque a família, várias outras pessoas participam da rede, podendo exercer uma influência maior, em um dado momento, do que o próprio núcleo familiar (Feijó, 2006).

Uma rede social é formada por um grupo de indivíduos e as conexões entre eles (Gottlieb & Pancer, 1988), constituindo “um sistema que oferece apoio instrumental e emocional à pessoa, em suas diferentes necessidades” (Dessen & Braz, 2000, p. 221). Segundo Caplan (conforme citado por Langer & cols., 1996), a rede social de apoio é um sistema de relações formais e informais pelas quais os indivíduos recebem suporte emocional, cognitivo e material, todos considerados necessários em situações estressantes. A rede social refere-se, portanto, à ajuda de pessoas significativas que, por sua vez, contribuem para que o indivíduo conheça suas necessidades emocionais e materiais (John & Winston, 1989).

São diferentes os tipos de ajuda fornecida pela rede social de apoio: apoio material e financeiro, auxílio nas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, orientações e informações, e oferecimento de apoio emocional (Dessen & Braz, 2000). Gottlieb e Pancer

(1988) classificam as possibilidades de suportes oferecidos pela rede social em quatro tipos: (a) apoio emocional, constituído por expressões de apego e estima pelo indivíduo em foco, próprio de relações em que existe intimidade entre as pessoas; (b) orientação cognitiva, tipo de apoio que se dá através de aconselhamento e informações sobre a situação do indivíduo ou sobre suas expectativas para lidar com ela; (c) ajuda por meio de serviços e recursos materiais, ocorrendo sem que haja perspectiva de qualquer tipo de retribuição; e (d) apoio consistente, no qual o indivíduo conta com alguém capaz de ser coerente na adversidade, ou seja, que possa prover um apoio emocional de acordo com as necessidades da pessoa em crise. Ainda que os tipos de suporte sejam conceitualmente independentes, na prática eles são freqüentemente interdependentes.

O apoio promovido pela rede de apoio pode ser benéfico tanto para as pessoas que estão em condições estressantes (Ribeiro, 2005) quanto para aquelas que estão em condições normativas, por agir de forma preventiva (Cohen & Wills, 1985). A rede de apoio oferece a experiência de convívio com pessoas com papéis positivos na sociedade, promovendo o afeto positivo, o senso de previsibilidade e estabilidade e o sentido de autovalia. Ademais, estar inserido em uma rede social previne experiências negativas, como problemas econômicos ou legais que poderiam aumentar a probabilidade de desordens psicológicas ou físicas.

No entanto, os membros familiares que provêm o apoio emocional podem ser, ao mesmo tempo, uma fonte do estresse (Ray & Miller, 1994), na medida em que não conseguem fornecer o apoio adequado. Para que uma rede social de apoio seja benéfica, é necessário que haja uma compatibilidade entre o evento estressante e o apoio fornecido, afim de que este suporte seja satisfatório (Cohen & Wills, 1985). Segundo estes autores, a

simples idéia de que outras pessoas podem prover os recursos e apoios necessários de acordo com o que a situação demanda já facilita lidar com ela.

O apoio adequado pode intervir entre o estresse da situação e as possíveis patologias advindas dele, reduzindo ou eliminando as reações estressantes, e até mesmo influenciando nos processos fisiológicos. Por exemplo, em um estudo realizado com portadores do vírus HIV, Robbins e cols. (2003) verificaram menos queixas de solidão e depressão quando os pacientes possuíam parentes e amigos por perto, ou seja, quando sua rede de apoio era presente e participativa, e quando estes discutiam, inclusive, questões relacionadas à doença. Os pesquisadores verificaram, ainda, que a qualidade da rede de apoio era mais importante do que sua quantidade.

O apoio fornecido por uma rede social de apoio estável, sensível, ativa e confiável diminui a possibilidade de disfunções na família e é geradora de saúde (Dessen & Braz, 2000; Sluzki, 1997). Sabemos hoje que a saúde, ou a sua falta, é multideterminada, sendo necessária a análise conjunta de fatores psicológicos, biológicos e sociais. De acordo com Chor, Griep, Lopes e Faerstein (2001), a hereditariedade, os fatores biológicos e os hábitos de saúde são considerados quando da realização de pesquisas sobre saúde, mas os fatores psicossociais nem sempre o são, dentre os quais a rede social de apoio.

Em síntese, a rede social de apoio é móvel, complexa e interligada, e seus componentes e funções variam de acordo com “o contexto sócio-cultural, o tempo histórico e o estágio de desenvolvimento do indivíduo e da família enquanto grupo” (Dessen & Braz, 2000, p. 222). As transições familiares decorrentes do casamento e da entrada dos filhos na adolescência constituem exemplos de como, em cada uma dessas etapas há mudanças do curso de vida na rede de apoio social.

As relações entre as fontes de apoio e o indivíduo são bidirecionais, já que quando as pessoas necessitam do apoio da rede, essa mesma rede sofre as conseqüências da crise vivida pela pessoa (Feijó, 2006). Segundo Feijó, quando as pessoas da rede social mobilizam-se para corresponder às expectativas geradas por quem as solicita, elas vivenciam mudanças na sua própria rotina.

Dada a importância da rede social de apoio como fonte de equilíbrio para o sistema familiar, é fundamental conhecer não somente a sua estrutura, que define a quantidade de pessoas que participam dela, mas também o seu funcionamento, que demonstra como ocorrem as relações que lhe são próprias. Segundo Cohen e Wills (1985), o ideal é que os estudos combinem medidas estruturais e funcionais, além de não privilegiar apenas um determinado grupo de pessoas. Parentes, vizinhos e organizações sociais devem ser igualmente considerados quando da análise da rede social, com maleabilidade para incluir outras pessoas que também sejam importantes, tais como uma empregada doméstica, um professor ou até mesmo um animal de estimação. Para Sluzki (1997), a rede de apoio deve ser estudada sob a perspectiva da pessoa em foco, devendo o pesquisador estar sensível para a composição e função da rede social de apoio do indivíduo e da família durante os momentos de transição familiar. Tais períodos são, por si só, caracterizados por eventos estressantes próprios de cada fase do curso de vida. Uma das transições mais significativas no curso de vida da família ocorre por ocasião do nascimento dos filhos.

### **A Importância da Rede social de Apoio durante Transições Decorrentes do Nascimento dos Filhos**

A gravidez é um dos eventos mais importantes na vida de uma mulher (John & Winston, 1989; Salmela-Aro & cols., 2000), demandando cuidados especiais, conforme

discutido na primeira seção. Nesse período, a rede social de apoio exerce um papel preponderante pela própria característica da sociedade humana, onde a cooperação de diversos adultos na criação de um novo membro sempre foi comum (Barnett & Hyde, 2001). De acordo com John e Winston (1989), o nível de apoio recebido pela mulher durante a gestação pode ser um fator determinante para o recebimento adequado de cuidado pré-natal, além de possibilitar a diminuição de ocorrências de eventos estressantes.

Em relação ao nascimento, a rede social de apoio atua desde o período pré-concepcional até o pós-parto (Gottlieb & Pancer, 1988). A influência da rede social está presente desde antes da gravidez, por meio da própria história familiar e sua relação com os motivos que levam o casal a decidir pela gestação. Isto é, as experiências das pessoas que compõem a rede influenciam na tomada de decisão do casal. Durante a gestação, as necessidades psicossociais do casal estão centradas na minimização da fadiga física e do desconforto decorrentes da gravidez, na percepção de si e do próprio corpo, especialmente da gestante, e na utilização de serviços pré-natais.

Durante o nascimento e no período pós-natal há uma série de novas tarefas impostas aos pais, pois eles precisam aprender a lidar com mudanças em suas famílias, além de executar tarefas básicas, como segurar, alimentar e banhar a criança, e ter que lidar com choros e doenças. Nesse momento, o apoio social desempenha papel preponderante frente às necessidades financeiras, à necessidade de descanso, aos comportamentos dirigidos ao bebê e à divisão de tarefas domésticas. Ele contribui, também, para evitar ou amenizar a depressão pós-parto ou um possível rompimento familiar, características deste período (Dessen & Braz, 2000; Goldberg & Michaels, 1988; Gottlieb & Pancer, 1988; Singley & Hynes, 2005). Para John e Winston (1989), fortalecer a rede social de apoio da mãe é benéfico, uma vez que diminui o estresse percebido, sobretudo quando há problemas na

gestação. Além disso, quanto melhor o apoio recebido pela mãe, mais assertiva ela será, diminuindo a necessidade futura de suporte (Crittenden, 1985).

Em relação à estrutura, é comum que ocorram mudanças na rede social familiar durante a transição para a parentalidade, podendo haver o fortalecimento de algumas relações, a adição de novos membros, ou a exclusão de membros já existentes. Cabe ressaltar ainda que a rede social dos genitores influencia não somente o nascimento de um novo bebê, mas ao mesmo tempo é influenciada pelas mudanças ocorridas durante esta transição (Gottlieb & Pancer, 1988). Após o nascimento, o bebê também passa a participar da rede social, influenciando-a. A transitividade é uma marca da rede social, e o contato das crianças com as pessoas que fazem parte da rede de seus genitores é, inicialmente, indireto (Lewis & Weinraub, 1976).

Considerando a importância da rede social de apoio durante o momento de transição decorrente do nascimento dos filhos, pesquisas têm sido realizadas para investigar, sobretudo, a sua estrutura e funcionamento (Dessen & Braz, 2000; Falcão & Salomão, 2005; Montigny, Lacharité & Amyot, 2006). As décadas de 70 e 80 foram particularmente marcantes no sentido de identificar as fontes de apoio e descrever como o suporte era fornecido, bem como os seus efeitos no funcionamento da família. Por exemplo, Levitt, Weber e Clark (1986) realizaram um estudo aplicando um questionário sobre rede social e fizeram observações em laboratório sobre o tipo de apego entre mães e filhos, com o intuito de relacionar o bem-estar materno à sua rede social e à dificuldade de temperamento de seu filho e de identificar a potencial contribuição da rede de apoio social da mãe. Para o estudo, foram pesquisadas 43 díades mãe-bebês de até 13 meses de idade. Do total de mães, 61% eram primíparas, e as idades destas variavam entre 21 e 39 anos.

Os resultados encontrados pelos pesquisadores (Weber & Clark, 1986) foram os seguintes: (a) quanto à composição da rede social de apoio, os maridos, as crianças, os pais e as mães (da mãe) foram os participantes mais frequentemente mencionados; (b) dentre as fontes de apoio consideradas mais significativas, o companheiro, a mãe, os amigos e demais parentes foram os mais citados; (c) aproximadamente metade das participantes expressou insatisfação com sua rede social de apoio, desejando que esta fosse mais densa; (d) grande parte das mães considerou que houve mudanças, tanto negativas quanto positivas, nos relacionamentos com seus maridos, seus pais e suas mães após o nascimento do bebê; (e) quanto ao bem-estar materno, este era maior quando a mãe recebia apoio de seu companheiro; e (f) as mães de crianças consideradas mais “difíceis” apresentavam menor bem-estar.

Em relação à rede social de apoio em famílias de baixa renda, a pesquisa de Burchinal, Follmer e Bryant (1996), realizada com 62 famílias afro-americanas, constatou que mães com rede social de apoio mais extensas tendem a ter mais assistência, maior número de interações diárias e redes mais densas que as mães com redes sociais menores. Uma família extensa pode, também, encorajar um maior envolvimento paterno, estimulando o pai a prestar cuidados à mãe durante a gravidez e aos filhos, ainda quando crianças (Coley, 2001). O pai pode e deveria assumir um papel muito mais ativo, participativo, prestando maior suporte no que se refere às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos (Lewis & Dessen, 1999).

Poucos são os estudos realizados no contexto brasileiro, com o objetivo de verificar as transformações ocorridas na rede social de apoio de famílias em períodos de transição familiar decorrentes do nascimento de filhos. Dessen e Braz (2000) investigaram como 15 mães e 15 pais vivenciaram este momento e verificaram que, no contexto de famílias



economicamente desfavorecidas, o suporte emocional tende a aumentar durante esta transição, tanto do ponto de vista instrumental (apoio financeiro e na divisão de tarefas domésticas) quanto emocional (apoio, conversas, aconselhamento).

Outro estudo que investigou a rede social de apoio durante o nascimento dos filhos, particularmente ao longo da infância, foi o de Bazon (2000). Nessa pesquisa, com mulheres de classes economicamente menos favorecidas da região sudeste do Brasil, Bazon identificou que elas usavam diferentes estratégias frente à necessidade de trabalhar e criar os filhos. Uma opção recorrente foi “coletivizar” o cuidado e a responsabilidade pelas crianças entre parentes e amigos. Para isso, as mães contavam com a ajuda de uma grande rede social de apoio, a qual incluía desde os vizinhos e amigos mais próximos até familiares. Os dados evidenciam, portanto, a importância do apoio social para as mães e suas famílias, sobretudo no contexto de famílias brasileiras de baixa renda.

Em relação ao papel do pai e da mãe, Petzold (1995) mostra que estes ainda são papéis tradicionais, especialmente no que concerne à divisão de tarefas domésticas e de cuidados dispensados aos filhos. Nos resultados da pesquisa apresentada pelo autor, as mães identificam-se como as maiores responsáveis pelos cuidados de seus filhos, desde o início da vida destes. Já os pais sentem-se pouco responsáveis nos primeiros meses, mas essa responsabilidade aumenta à medida que a criança cresce. Esses papéis tradicionais são mais frequentes quando a mulher apresenta um nível de educação inferior ao do homem. Em estudo realizado em 13 diferentes nações, Davis e Greenstein (2004) mostraram que mulheres com a mesma educação ou com educação superior à de seus maridos são menos propensas à execução da maior parte das tarefas domésticas, embora haja diferenças significativas quanto à divisão de trabalho doméstico nos diferentes países.

Independentemente dos papéis desempenhados culturalmente por pais e mães, a participação do pai no cuidado com os filhos melhora a qualidade de vida das mães e propicia que seus filhos considerem o pai tão ou mais competente nas tarefas realizadas do que a mãe (Deutsch, 2001). Simpson, Rholes, Campbell e Wilson (2003) verificaram que mães com parceiros mais presentes, que as ajudavam nas tarefas com seus filhos, tinham menores chances de experimentar mudanças negativas nos tipos de apego. O apoio prestado pelos pais pode, ainda, predizer a possibilidade do casal ter mais de um filho. Em pesquisa realizada na Alemanha, Cooke (2004) verificou que em famílias em que o casal trabalha fora, a chance de ter uma segunda criança é maior quando o pai contribui com as tarefas domésticas e de cuidados com os filhos.

Frente à importância do pai como membro da rede social da mãe, é necessário conhecermos o papel e o tipo de participação do pai na família, em diferentes contextos culturais, bem como as transformações pelas quais o pai passa durante a transição para a paternidade.

### **A Participação do Pai na Vida Familiar: Fonte Principal de Apoio Durante a Gravidez e o Nascimento dos Filhos**

Apesar de atualmente haver maior ênfase nos estudos sobre a família, pouco ainda se pesquisa sobre o papel do pai e suas influências no ambiente familiar (Bustamante, 2005; Cia, Williams & Aiello, 2005a; Eaterbrooks & Goldberg, 1984; Phares & Compas, 1993), sobretudo se comparados aos estudos realizados sobre as mães (Lewis & Dessen, 1999). De um total de 577 estudos revisados por Phares e Compas (1993) sobre as psicopatologias envolvendo genitores e filhos, 48% incluíam na pesquisa apenas as mães, 25% incluíam ambos, sem distinção entre mães e pais, 26% incluíam mães e pais separadamente, e 1%

tinha como foco apenas o pai. Estes dados refletem a disparidade entre as pesquisas conduzidas com e sobre pais e mães, embora as últimas duas décadas tenham registrado um aumento significativo no número de estudos sobre o pai (Coley, 2001; Lewis & Dessen; Tudge & cols. 2000).

Sob uma perspectiva histórica, as principais tarefas atribuídas ao pai, no passado, eram proteger e prover economicamente a sua família, enquanto as funções de manter o grupo unido e de cuidar da prole cabiam à mãe e às demais mulheres (Setton, 2004). Além disso, evolutivamente, o homem deveria ser agressivo e ter acesso ao maior número possível de mulheres, enquanto a mulher deveria investir na criação de seu filho (Barnett & Hyde, 2001). Assim, ser bem-sucedido, para o homem, significava ter várias mulheres, enquanto que, para a mulher, sucesso era ter um filho que sobrevivesse à infância e se tornasse um jovem. Neste contexto, duas eram as principais tarefas dos pais: primeiramente, obter um bom padrão de vida e, posteriormente, responsabilizar-se por sua esposa e seus filhos (Fedele, Golding, Grossman & Pollack, 1988).

No entanto, há uma nova configuração de papéis do homem e da mulher surgindo e, conseqüentemente, de paternidade e de maternidade, pois, atualmente, muitos pais interagem constantemente com seus filhos, apreciando a sua companhia e tornando-se figuras centrais no mundo social das crianças (Horvath, 1995). O pai vem sendo cada vez mais inserido nos cuidados com os filhos, já que o bebê e a criança são participantes ativos nas relações e suas interações não estão mais restritas à mãe (Pontes, 2002; Bustamante, 2005). Apesar dessas mudanças, ainda é raro encontrarmos sociedades em que os pais são os principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, cabendo este papel, em grande parte, às mães (Lewis & Dessen, 1999). Mas constatar que o papel do pai vem mudando não significa que pais e mães devem ter, necessariamente, as mesmas funções nas famílias, pois

as relações pais-filhos e mães-filhos são qualitativamente diferentes (Lamb, 1996). A seguir, apresentamos uma breve exposição acerca do que é ser pai e de seu papel na família.

### **O Que é Ser Pai?**

Para compreendermos as relações familiares, faz-se necessário, primeiramente, entender o que é ser pai. De acordo com Doherty, Kouneski e Erickson (1998), são quatro as principais tarefas da paternidade responsável: prover apoio financeiro, promover cuidados aos filhos, apoiar emocionalmente a família e estabelecer a paternidade legal. Dessen e Lewis (1998) atentam, porém, para o fato de que não necessariamente o pai biológico será o responsável por todas as tarefas paternas, e que mais de um homem pode exercer esses papéis. A figura paterna pode revelar-se no pai biológico, ou em um homem do círculo de convívio considerado como um pai “social”, ou mesmo no pai que é o responsável legal pela criança. Portanto, o conceito de pai é abrangente e não se limita à pressuposição da paternidade biológica.

Nos últimos anos, tem sido constatado, por diversos estudos, que os pais estão, ainda que vagarosamente, mudando seus papéis, ou seja, estão se tornando mais companheiros, participativos e integrados à vida familiar (Dessen & Lewis, 1998; Lamb, 1976). Por exemplo, o pai do novo bebê é a companhia mais freqüentes da mãe quando esta tem a possibilidade de escolher um acompanhante durante o parto (Motta & Crepaldi, 2005). Em pesquisa realizada pelas autoras, com dez parturientes que tiveram seus bebês acompanhadas de seus companheiros, todas consideraram que a participação havia sido positiva. Apesar da presença paterna não significar que ele será um bom pai, o interesse em participar desse momento sugere comprometimento com este novo papel (Nash, 1976).

Indícios de uma mudança inicial no papel do pai podem ser explicados em função tanto da vida profissional feminina, que passou a ser valorizada ao longo da segunda metade do século XX, quanto da dupla-jornada de trabalho (fora e dentro de casa), tão comum no universo feminino, nos dias de hoje. Quando nasce um novo bebê, a mulher precisa reorganizar sua vida profissional, o que sugere, também, mudanças para o homem, que precisa reorganizar suas próprias atividades rotineiras face ao impacto do nascimento de um filho.

Essa reorganização familiar depende, em parte, dos papéis exercidos por pais e mães no âmbito familiar. Para Barnett e Hyde (2001), a família parece ter um funcionamento mais harmônico quando marido e esposa desenvolvem papéis complementares e específicos. Quando cada um se responsabiliza por uma determinada esfera das obrigações domésticas, a satisfação conjugal é maior. Segundo os autores, o mais comum é que a mulher se responsabilize pelas tarefas domésticas, enquanto ao homem cabem as funções de compras e de aquisição de bens materiais para o lar, havendo assim, uma complementaridade entre eles.

A divisão complementar de papéis entre pais e mães não torna o pai um bom pai, por si só. Horvath (1995) apontou múltiplos fatores como influentes para ser um “bom pai”. Ao pensar sobre o pai na família, os pesquisadores devem estar atentos às expectativas e às possibilidades de cada indivíduo, assim como às variáveis do contexto sócio-histórico-cultural. A importância de se pensar estas variáveis é evidenciada pelo estudo brasileiro realizado por Santos, Caldana e Biasoli-Alves (2001). Neste, as autoras pesquisaram a transformação do papel do pai entre as décadas de 40 e 90, através da leitura de números da revista “Família Cristã”. As autoras constataram que, ao longo dos tempos, a imagem paterna, na convivência com os filhos e a família, foi mudando. Na década de 40, o pai

aparecia como o responsável pelo provimento material do lar, mas emocionalmente distante. Nas décadas seguintes, o pai foi, aos poucos, sendo retratado como alguém mais próximo de seus filhos, aproximando-se da figura de amigo e confidente, até que, na década de 90, a preocupação freqüente retratada pela publicação era o fato de o pai ter se tornado tão amigo que não impunha mais limites para seus filhos.

Pais e mães interagem de modo distinto com seus filhos. Enquanto os pais interagem com maior freqüência por meio de brincadeiras e de jogos, as mães têm uma relação de proteção e afetividade com os filhos (Jablonski, 1999). Esta diferença entre os tipos de atividades realizadas por pais e mães junto aos seus filhos pode refletir na preferência da criança por um genitor, em especial, em situações e contextos específicos. De acordo com Lamb (1996), existem algumas situações em que a preferência por um dos genitores fica mais evidente, dentre as quais na ocorrência de eventos estressores, quando a criança, em um primeiro momento, dirige-se à mãe. Além disso, até os 18 meses, é comum o bebê ter maior apego com a genitora, tendo como um dos principais fatores de influência sua maior participação nos cuidados para com ele. Estes dados são consistentes com o fato de que grande parte do tempo das mães é gasto com os cuidados diários de seus filhos, enquanto os pais o utilizam brincando (Lewis & Weinraub, 1976). Além disso, o pai passa mais tempo com seus filhos quando estes estão em idade pré-escolar (Tudge & cols. 2000).

A literatura tem se voltado, assim, para investigações a respeito do papel do pai, mostrando como a dinâmica da distribuição de papéis na família tem ocorrido nos últimos tempos. Exemplo disso é a pesquisa bibliográfica realizada por Cia e cols. (2005a), que procurou correlacionar informações sobre o relacionamento entre pais e seus filhos de até seis anos ao desenvolvimento infantil. Para o estudo, foram utilizadas quatro produções brasileiras e oito produções internacionais. Quanto ao relacionamento infantil, os artigos

pesquisados indicavam que os pais não eram, em geral, os principais responsáveis por seus filhos, e que o tempo dispensado aos filhos, bem como o tipo de atividades eram diferentes para pais e mães. Portanto, há oscilações em relação aos cuidados dispensados aos filhos, tanto em termos do tempo gasto nos cuidados com as crianças quanto das atividades que são realizadas.

Estudar o pai na família não é uma tarefa fácil, pois muitos avanços ainda devem ser feitos nessa área. Segundo Lewis e Dessen (1999), as incongruências e discrepâncias dos dados pesquisados sobre o pai constituem uma limitação ainda maior do que a pouca quantidade de pesquisas sobre o tema. Ainda temos poucos dados sobre o cotidiano familiar no que tange às relações entre pais e filhos. Para que possamos conhecer o papel do pai na família contemporânea, é necessário identificar não só quais atividades estes realizam com seus filhos, mas também quais são os determinantes da paternidade e seus impactos. Devemos, ainda, compreender o que é tornar-se pai e como este influencia a vida familiar e o desenvolvimento infantil (Dessen & Lewis, 1998).

### **A Participação do Pai Durante a Transição Familiar Decorrente do Nascimento dos Filhos**

A experiência da parentalidade é, sem dúvida, diferente para pais e mães. Segundo Piccinini e cols. (2004), o vínculo do filho com o pai é diferente daquele entre mãe e filho, pois o contato direto já começa na gravidez, quando ela sente o bebê em sua barriga e passa por todas as alterações físicas e emocionais próprias da gestação. Por outro lado, o pai também passa por um processo de transformações, em que sentimentos como alegria, ansiedade, medo e ciúmes são comuns. De acordo com Goldberg e Michaels (1988), os pais são menos inclinados a relatarem suas experiências emocionais associadas à gestação do

que as mães. Porém, ainda que os pais não exteriorizem seus sentimentos, eles também necessitam de atenção durante a transição para a paternidade.

Para verificar como o pai vivenciava a gravidez da esposa, Piccinini e cols. (2004) desenvolveram um estudo com 35 pais que esperavam seu primeiro filho. Os resultados mostraram que o envolvimento do pai variava conforme o estágio gestacional, e era comum que a chegada do bebê se tornasse um fato mais presente e real para ele apenas no terceiro trimestre. Nesta ocasião, a transformação física da mãe se tornava evidente e os preparativos para a chegada do filho faziam parte do cotidiano. Os pesquisadores constataram, ainda, que muitos pais estavam envolvidos com a gestação de seus filhos, apoiando a gestante e acompanhando-a durante as consultas médicas, nas ultra-sonografias e nos preparativos com o enxoval do bebê.

Em relação ao envolvimento do pai com a gestação da esposa, e as possíveis conseqüências dessa relação, Fedele e cols. (1988) observaram que quanto mais envolvido estivesse o pai na gestação, melhor a sua adaptação parental no primeiro ano de vida do bebê. Além disso, quanto mais autonomia a mãe concedia ao pai, mais experiente ele era com seu bebê de dois meses, e mais ele incentivava a autonomia de seu filho aos cinco anos.

Os estudos têm confirmado a participação dos pais ao longo da gravidez e após o nascimento dos filhos e, sobretudo, têm mostrado que os pais podem apresentar papéis diferenciados daqueles comumente esperados (Dessen, 1992; Horvath, 1995; Jablonski, 1999; Motta & Crepaldi, 2005). Apesar disto, ao longo das últimas décadas, a responsabilidade pelos filhos ainda continua sendo da mãe. Quando a mãe possibilita ao pai cuidar de seus filhos, eles se tornam companheiros nessa tarefa, e a mãe não sente o peso da excessiva responsabilidade, ao mesmo tempo em que possibilita ao pai o contato com os



filhos (Gomes & Resende, 2004). Ao contrário, quando uma mãe está totalmente disponível para seu filho, a ela é demandada uma responsabilidade exagerada com este, favorecendo que qualquer outro cuidador, inclusive o pai, torne-se apenas um “substituto” nessa função (Deutsch, 2001). Em pesquisa realizada por Phares e Compas (1993), foi verificado que as mães eram constantemente culpadas não só por possíveis psicopatologias de seus filhos, mas também pela suposição de que os pais não participavam suficientemente da vida familiar porque elas não permitiam.

De acordo com Salmela-Aro e cols. (2000), apesar das tarefas do curso de vida serem similares para homens e mulheres, há diferenças na maneira como estes vivenciam as diferentes etapas. As mulheres enfrentam uma mudança mais radical após o nascimento do bebê, voltando-se ao ambiente doméstico e devotando-se a nutrir seu filho, conforme discutido na seção anterior deste capítulo. Em pesquisa realizada por Deutsch, Lussier e Servis (1993), os autores constataram que a família passa por uma série de alterações em decorrência do nascimento dos filhos, e que essas mudanças dependem de fatores variados. Por exemplo, o cuidado dos filhos promovido pelo casal dependia da quantidade de horas que a mulher dedicava ao trabalho e da ideologia do homem quanto ao feminismo. A divisão de tarefas domésticas, por sua vez, variava de acordo com a discrepância entre o salário recebido pelo homem e pela mulher, com o prestígio profissional, com o consenso marital e com a satisfação conjugal. Os autores concluíram, então, que os preditores para o cuidado dos filhos e para as tarefas domésticas eram diferentes.

Ainda conforme o estudo de Deutsch e cols. (1993), quando examinada a relação entre as tarefas domésticas realizadas pelos pais antes e após o parto, verificou-se que a quantidade dos serviços domésticos realizados pelos pais crescia após o nascimento do primeiro filho. Porém, quando perguntadas, as mães consideravam o envolvimento paterno

nos cuidados básicos infantis pequeno, estando abaixo de suas expectativas, assim como a participação nas tarefas domésticas, corroborando os dados de pesquisa realizada no contexto brasileiro (Dessen & Braz, 2000). Os achados de Deutsch e cols. demonstraram que o cuidado infantil, por parte dos pais, depende do número de horas de trabalho da mãe e o quanto estes pais endossam atitudes sexuais não-tradicionais. Segundo esta pesquisa, as contradições existentes são caracterizadas pelas diferenças nas percepções de pais e mães acerca de sua participação no contexto doméstico.

Portanto, o preditor para a relação pai-filhos não se baseia apenas no desejo de que a relação aconteça, mas perpassa uma série de questões, como a relação entre pai e mãe, se existem outros cuidadores da criança (como avós ou educadores), se o pai trabalha e por quanto tempo, as demandas que suas atividades profissionais lhe exigem, dentre outros aspectos (Lewis & Dessen, 1999). Estudar a figura do pai exige pesquisas bem planejadas e executadas com a finalidade de prever fatores aparentemente externos à relação pai e filho, mas que agem diretamente sobre ela.

Além dos pais, os avós constituem fontes importantes de apoio familiar, principalmente durante as transições decorrentes do nascimento dos filhos. Os avós, tanto maternos quanto paternos, apóiam a família emocionalmente, financeiramente e instrumentalmente, provendo apoio a mães, pais e filhos, conforme relatado na próxima seção.

### **Os Avós no Contexto da Família: Parceria com Pais e Netos**

Os avós podem constituir uma valiosa rede de apoio para seus familiares, provendo suporte emocional e financeiro para filhos, netos, genros e noras. Quando algum filho necessita de recursos econômicos ou de ajuda para cuidar de seus próprios filhos, ele tende

a recorrer a seus pais (Reynolds, Wright & Beale 2003). Muitas vezes, os avós precisam cuidar de seus netos enquanto os pais trabalham, provendo-lhes alimentação e atenção durante todo o dia.

A rotina de cuidados prestados pelos avós aos netos constitui uma forma compulsória de unir a família, que tem sido modificada ao longo do tempo (Coelho, 2002). A entrada da mãe no mercado de trabalho trouxe alterações na rotina familiar, incluindo novos cuidadores de seus filhos, tendo os avós papel de destaque nessa função (Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997). Nesta seção, discutimos algumas questões relativas ao contexto de desenvolvimento das relações intergeracionais e os papéis desempenhados pelos avós no contexto da família.

### **Contextos de Desenvolvimento e as Relações Intergeracionais**

Não é fácil delimitar quando a velhice começa, ou quando se começa a envelhecer. Segundo Beauvoir (1990), a velhice “não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (p. 20). A fase tardia do curso de vida, último estágio do desenvolvimento, é aquela que sucede a fase madura e apresenta características de fechamento do ciclo (Coelho, 2002). De acordo com Crosnoe e Elder (2002), alguns indivíduos vivenciam esse momento da vida como um período de declínio e frustração, enquanto outros o experienciam como uma oportunidade de renovação e atividade.<sup>1</sup>

No estágio do curso de vida tardio, a grande maioria dos idosos continua participando de maneira ativa de relações sociais, especialmente das familiares. A expectativa de vida aumentou vertiginosamente nas últimas décadas do século XX,

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre este estágio do curso de vida, ver Demick e Andreoletti (2003) e Pratt e Fiese (2004).

tornando comum o convívio de crianças e adolescentes com seus avós e bisavós, ou até mesmo com seus tataravós (Giarrusso, Silverstein & Bengtson, 1996; Guedea, 2005; Mills, 2001; Mills, Wakeman & Fea, 2001). Os avós não apenas vivem mais, como também vivem o suficiente para manterem longos relacionamentos com seus netos, desde a infância até a vida adulta.

O nascimento dos netos acarreta mudanças nas relações familiares que são decorrentes de alterações normativas, próprias do ciclo de vida familiar (Dessen, 1997; Kreppner, 2000). É nesta fase que os avós desempenham um papel preponderante, sendo inegável a sua importância para as famílias, particularmente se eles atuam como 'parceiros' dos pais na tarefa de cuidar de seus filhos. Segundo Dessen e Braz (2000), os avós influenciam a família que se forma, tanto de maneira direta quanto indireta. Porém, apesar de geralmente focarmos nos benefícios que as relações entre avós e netos podem trazer para os netos, a recíproca também é verdadeira, ou seja, os avós também são beneficiados pelo contato com os netos (Araújo & Dias, 2002).

As relações entre os avós e seus netos são influenciadas pelas relações que os avós mantêm com seus filhos/filhas e genros/noras (Chiapin, Araújo & Wagner, 1998). Fingerman (2004) investigou os sentimentos entre avós e netos sendo permeados pelos sentimentos entre avós e seus filhos e concluiu que os avós que mantêm um bom relacionamento com seus filhos tendem a qualificar suas relações com os netos como sendo positivas. Além disso, sentimentos e discordâncias entre avós e genitores podem influenciar negativamente a percepção que os avós têm de seus netos. Por exemplo, se os avós discordam da maneira como seus filhos educam seus netos, eles têm a tendência de demonstrar irritação com seus netos. Quando os avós acreditam que seus filhos ou genros desempenham satisfatoriamente seus papéis como pais, a tendência é que haja uma

qualificação positiva de seus netos e vínculos mais fortes. Porém, quando a relação entre avó e nora é mais tensa, a qualidade da relação da avó com os netos fica sujeita às próprias dificuldades vividas pelas duas mulheres em sua relação, independentemente das qualidades que a avó possa atribuir à mãe.

Tem sido constatado que as relações entre avós e seus filhos podem tornar-se emocionalmente negativas após o nascimento dos netos, sobretudo quando há conflitos entre a avó e a sua nora. Essa delicada relação pode apresentar uma série de dificuldades. Segundo Chiapin e cols. (1998), algumas das reclamações da nora dirigidas à sogra são: “o ciúme, as implicâncias, a necessidade de sustento do filho para com a mãe, entre outros. Pode-se constatar que esses atributos se referem à dificuldade no estabelecimento de fronteiras e, conseqüentemente, na discriminação de papéis” (p. 549). Por outro lado, a mãe tende a tornar-se mais próxima de sua própria mãe, acarretando, conseqüentemente, emoções positivas na relação avó materna-genitora. É comum, ainda, que os avós de um lado tenham dificuldade em aceitar os avós do outro lado enquanto detentores de papéis iguais, com responsabilidades e direitos semelhantes (Bradt, 1995), por considerarem sua relação com o neto e seus pais privilegiada. Esse tipo de presunção é decorrência da complexidade gerada pelo próprio casamento que, afinal, mais do que a união de dois indivíduos, é a união de dois intrincados sistemas familiares (Berthoud & Bergami, 1997).

Embora os avós possam se relacionar com os netos sem que tenham as responsabilidades próprias do desempenho das funções parentais, eles podem interferir sobremaneira no relacionamento parental e mesmo conjugal de seus filhos, ainda que não tenham essa intenção. Conforme menciona Walsh (1995), “pode-se dizer que avós e netos se dão tão bem porque têm um inimigo comum” (p. 274), referindo-se aos genitores. Por outro lado, avós e netos podem desenvolver uma “leve relação jocosa no parentesco,

preservando a autoridade dos pais desses netos e estabelecendo uma amizade mais livre entre gerações alternadas” (Ruschel & Castro, 1998, p. 537).

As relações intergeracionais são, também, influenciadas pela frequência de encontros entre avós e netos. De acordo com Fingerman (2004), quanto mais avós e netos se encontram, menor a interferência das relações avós-genitores. Ou seja, quanto mais avós e netos interagem, menor o impacto das relações dos avós com seus filhos sobre as relações avós-netos. Além disso, de acordo com Giarrusso e cols. (1996), a qualidade das relações dos avós com seus netos, quando estes ainda são crianças, influencia fortemente as relações posteriores, na infância e na adolescência.

Kreppner (2000) alerta para um importante fator na compreensão das relações intergeracionais: o papel dos avós como transmissores do conhecimento. A cultura e os propósitos são transmitidos de uma geração para a próxima, e os avós funcionam como perpetuadores da cultura familiar. Sommerhalder e Nogueira (2003) consideram que os avós são valorizados pela sua maturidade e experiência, e pela capacidade de transmitirem valores para as novas gerações. Nesta função, eles podem desempenhar diferentes papéis na família, conforme descrito no tópico a seguir.

### **Os Avós e seus Diferentes Papéis na Família**

O papel dos avós na família varia de acordo com o contexto social e cultural no qual a família está inserida (Georgas, Berry, Van de Vijver, Kagitçibasi & Poortinga, 2006). Segundo Reynolds e cols. (2003), os avós desempenham três papéis principais na nova família formada por seus filhos: participativos, cuidadores voluntários e cuidadores involuntários.

### **Os avós em papéis participativos**

Os papéis participativos ocorrem quando os avós não são responsáveis por seus netos, mas estão presentes em suas vidas, podendo estar envolvidos total ou apenas parcialmente (Reynolds & cols., 2003). Quando os pais trabalham durante todo o dia, ou não têm condições de oferecer todo o suporte necessário para seus filhos, é comum que os avós lhes provenham ajuda emocional e financeira, segundo os autores.

Entretanto, cuidar dos netos e ajudar com recursos financeiros não são os únicos tipos de apoio que os avós provêm enquanto parte da rede social das famílias. Em pesquisa realizada com 11 avós maternas, Kipper e Lopes (2006) perceberam que estas estiveram presentes durante a gestação e o parto, sendo ativas nos cuidados com a gestante e o neto. A preocupação com a alimentação das filhas, o acompanhamento nas consultas médicas e a participação na escolha e compra do enxoval do bebê eram atividades comumente compartilhadas entre mãe e filha, aproximando-as durante esse período.

A importância das avós para a promoção do desenvolvimento materno e infantil tem sido foco de interesse de pesquisas atuais. Por exemplo, Aubel, Touré e Diagne (2004) enfatizam o papel das avós na promoção da saúde materna e infantil, apesar de as organizações de saúde não considerarem relevante essa participação. Tais organizações acreditam que as avós não promovem as práticas modernas de saúde, perpetuando antigos e perigosos vícios. Em seus estudos realizados na África, porém, as autoras demonstraram que as avós estão fortemente presentes na vida da criança, desde a gestação, aconselhando como a gestante deve se alimentar. Após o nascimento, as avós continuam sendo participativas em relação aos aspectos nutricionais de seus netos e estão presentes durante episódios de doenças da criança, desde a definição do diagnóstico até o provimento de

cuidados para seu restabelecimento. Elas têm, também, responsabilidade por promover o bem-estar e a saúde na comunidade.

Os estudos de Aibel e cols. (2004) demonstraram, sobretudo, que as avós africanas não são avessas às 'novidades', atualizando seus conhecimentos ancestrais às necessidades atuais e atuando como líderes em suas comunidades, o que as torna respeitadas e queridas por seus filhos e filhas, genros e noras e seus netos. Esse compromisso das avós com a comunidade faz com que seus participantes requisitem sua presença e suas opiniões, considerando-as como orientadoras. Estes dados sugerem que as entidades promotoras de saúde, não só na África como em todos os continentes, deveriam considerar as avós como parceiras na promoção da saúde, e não como pessoas que podem fazer com que as práticas atuais sofram um retrocesso. Neste sentido, os avós deveriam ser incluídos como participantes ativos de um processo de educação familiar, ampliando o escopo de participação da família, conforme proposto por Pereira-Silva e Dessen (2004).

### **Os avós como cuidadores voluntários**

Os cuidados voluntários ocorrem quando os avós decidem cuidar de seus netos exercendo um papel parental por, pelo menos, um período da maioria dos dias da semana (Reynolds & cols, 2003). Apesar de se tratar de uma escolha voluntária, os avós podem se sentir como se não houvesse outra escolha, como no caso de os genitores trabalharem durante o dia inteiro e não terem recursos financeiros para contratar uma babá para o filho. A morte e o divórcio dos pais também são motivos que levam os avós a se tornarem cuidadores voluntários. É possível, ainda, que os avós tenham feito a escolha de cuidar de seus netos simplesmente por terem disponibilidade de tempo, saúde e disposição para exercer tais funções.



Interessados em perceber congruências e incongruências entre crenças e práticas na educação, Honig e Deters (1996) entrevistaram 63 pares de mães e avós que dispensavam cuidados voluntários em momentos distintos. Os resultados mostraram que mães e avós apresentam mais similaridades do que diferenças, apesar de a maioria das mães ter relatado que a maneira como educavam seus filhos diferia da maneira como foram educadas, denotando uma possível inconsistência em seu próprio relato verbal. Quanto às diferenças, as maiores disparidades ocorreram em questões específicas relacionadas ao treino do toalete, e aos valores quanto ao sexo do filho, sendo a geração mais jovem mais flexível que a anterior. Outra diferença encontrada foi na maneira de disciplinar as crianças, em que mães recorriam mais freqüentemente a práticas punitivas, físicas e verbais que as avós, provavelmente devido ao estresse parental.

Honig e Deters (1996) verificaram que as mães gritam e batem com freqüência em seus filhos, enquanto as avós demonstram ter mais paciência com seus netos. Essa diferença reflete, em parte, o discernimento das avós quanto às funções que são próprias da mãe e as que lhes são próprias como avós. Entretanto, as avós são caracterizadas principalmente como autoritárias e as mães como permissivas. Porém, há estudos (Silva & Salomão, 2003) que demonstram haver contradição entre o que se observa na prática e o relato verbal, isto é, as mães dizem não estarem educando os filhos como foram educadas e as avós dizem estarem tratando seus netos como trataram seus filhos.

### **Os avós como cuidadores involuntários**

Quando os avós assumem os cuidados primários dos seus netos, com ou sem a presença dos pais, geralmente o fazem de maneira involuntária, recebendo a custódia de seus netos (Reynolds & cols, 2003). Ainda que não haja a obrigatoriedade legal, essa

condição ainda pode ser considerada involuntária. Gravidez na adolescência, problemas emocionais, HIV/AIDS, abuso de drogas e detenção são algumas das situações que “obrigam” os avós a cuidarem de seus netos. Nestes casos, a criança é alojada com seus avós até que seus pais estejam aptos para voltarem a ser os principais cuidadores, caso isso seja possível (Reynolds & cols.). Em se tratando de gravidez na adolescência, é muito comum que as jovens tenham seus próprios filhos, mas ainda necessitem de suporte e atenção de suas mães, tanto para as funções de maternidade quanto para atividades próprias de sua idade, como estudo e busca pelo primeiro emprego (Gordon, Chase-Lansdale, Matjasko & Brooks-Gunn, 1997). Além disso, a possibilidade dessas jovens mães poderem habitar separadamente da sua família de origem é remota, devido a restrições financeiras comuns à faixa etária.

De acordo com Fávero e Mello (1997), a necessidade de garantir que a filha grávida se case é uma constante entre as avós brasileiras, especialmente aquelas de baixa renda. Segundo pesquisa realizada pelas autoras, o apoio familiar, especialmente o da mãe da adolescente, muitas vezes limita-se a persuadir o pai do bebê a se casar com a adolescente ou a esconder a gravidez da filha, proibindo-a de frequentar as aulas ou de ter outros compromissos sociais. Porém, cabe ressaltar que após o nascimento, a família e, em especial, a avó, torna-se fundamental para os cuidados com o bebê.

A gravidez na adolescência pode acarretar três diferentes possibilidades: a avó se responsabilizar pelo cuidado do neto; a avó se envergonhar por sua filha ser mãe e assumir completamente os cuidados com a criança; e a adolescente vivenciar seu papel materno, tendo a sua mãe disponível como um ponto de apoio (Falcão & Salomão, 2005; Silva & Salomão, 2003).

Em se tratando da realidade brasileira, Silva e Salomão (2003) verificaram que a grande maioria das avós (81%) e das mães (73,6%) teve uma reação desfavorável ao saber da gravidez. Além disso, 16% das avós induziram suas filhas a praticarem o aborto. Em relação às atividades desenvolvidas pelas avós, a maioria (57%) relata cuidar/apoiar seus netos e 12% consideram exercer o papel de mãe. As mães se sentem mais satisfeitas com o papel de mãe (83%) do que as avós no mesmo papel (44,4%). Foram freqüentes os relatos de que os netos se dirigem às suas avós como mães e as próprias mães admitiram que as avós são mais responsáveis por seus filhos do que elas mesmas, evidenciando-se, assim, um conflito de papéis. Algumas avós relataram não saber o que é ser avó, já que exercem o papel materno. Outro dado interessante, que corrobora dados de outros países, é o de que 72% destas também foram mães adolescentes.

Ter a responsabilidade de criar e educar um neto não é uma tarefa fácil, e os serviços de saúde e bem-estar deveriam atentar para este fato, que constitui um desafio para as políticas de saúde pública. Segundo Thomas, Sperry e Yarbrough (2000), os mesmos cuidados oferecidos a pais que adotam crianças devem ser prestados àqueles avós que devem se responsabilizar por seus netos. Além disso, deve-se prestar especial atenção à saúde dessas pessoas, pois o estresse advindo dessa nova situação não pode ser ignorado. Combinado com a idade mais avançada, esse fator pode gerar sérias ameaças à saúde do idoso. No entanto, quando os avós dispensam apenas cuidados secundários aos netos, tais efeitos são reduzidos, já que a carga de responsabilidade e dedicação pode ser dividida com os demais cuidadores.

Não resta dúvida que é preciso intensificar os estudos sobre a participação dos avós na vida familiar. Apesar de se tratar de um campo relativamente novo de investigação, algumas reflexões podem ser extraídas dos estudos sobre as relações entre avós e netos, no

que concerne às questões contemporâneas de desenvolvimento, como as de gênero, do papel dos avós quando os netos têm desenvolvimento típico e atípico, das relações em diferentes contextos sociais e de transição do curso de vida familiar, incluindo o de nascimento dos netos. Os avós podem ser uma fonte de apoio importante para a família, especialmente durante os momentos de transição decorrentes do nascimento de netos. A realização de pesquisas e posterior desenvolvimento de programas de educação familiar tendo os avós como parceiros ativos podem beneficiar todos os seus membros (Dessen & Braz, 2000).

## JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS DO ESTUDO

A escolha desse tema baseou-se no meu interesse pelo estudo da família sob a perspectiva do Desenvolvimento Humano, incentivado, especialmente, pelas atividades realizadas no Laboratório de Desenvolvimento Familiar da Universidade de Brasília. Sob a perspectiva do desenvolvimento, verificamos que as melhores oportunidades para compreender o desenvolvimento familiar ocorrem durante as crises normativas, caracterizadas como períodos de transição. Nestes momentos, a família passa por grandes alterações, em um período de tempo consideravelmente curto, o que torna possível conhecer como se processa a reorganização familiar. Afinal, a maneira como as famílias reagem às mudanças próprias das transições e adaptam-se a elas é fundamental para a compreensão de seu próprio funcionamento.

Um dos momentos de transição familiar mais importantes ocorre por ocasião do nascimento de filhos, pois a família precisa se reorganizar e se adaptar à chegada de cada novo membro e à nova estrutura que se modifica. Neste período, a rede social de apoio torna-se fundamental para a reestruturação familiar, já que poderá prover o apoio necessário para que esta possa passar pela crise normativa de forma mais saudável. No momento de nascimento de um bebê é esperado que haja alterações na rede social da família e, sob a perspectiva materna, figuras importantes do círculo familiar podem desempenhar um papel importante, como o seu companheiro, seus pais e seus sogros.

Este estudo tem como objetivo geral coletar informações sobre as alterações familiares na perspectiva das mães de dois grupos: um composto por 45 mulheres grávidas, primíparas ou não, e outro grupo formado por 42 mulheres com bebês de até seis meses de

idade. Em ambos os grupos as mães estarão vivenciando o período de transição. Os objetivos específicos são os seguintes:

1. descrever os modos de vida e a rede social das famílias, destacando os trabalhos domésticos, os cuidados com os filhos e o contato social, identificando se há mudanças na família durante a gestação e o nascimento dos filhos.
2. descrever o papel do pai quanto à participação e apoio deste durante a gestação e nascimento do bebê, incluindo a divisão de tarefas domésticas e o cuidado dos filhos, além de identificar as expectativas maternas em relação ao pai;
3. descrever a influência intergeracional na vida familiar, com destaque para a participação dos avós, enfatizando a transmissão de valores e sua influência no modo de vida das famílias; e
4. identificar as similaridades e diferenças entre os dois grupos de mães, isto é, durante a gravidez e logo após o nascimento dos filhos.

O tema pesquisado certamente contribuirá para avanços nos estudos sobre a família brasileira pois, conforme discutido no capítulo introdutório, há uma escassez de pesquisas, particularmente sobre a rede social de apoio em momentos de transição decorrentes do nascimento dos filhos, apesar de sua relevância científica e social. Ademais, destacar os papéis dos pais e dos avós nas investigações em períodos de transições decorrentes do nascimento de filhos possibilita compreender melhor esse período do curso de vida familiar, na medida em que amplia o escopo das informações para além da mãe.

## MÉTODO

Nesta seção, são descritos o processo de seleção dos participantes e aspectos do sistema familiar, enfatizando as características sócio-demográficas de mães, pais e filhos. Descrevemos, ainda, os procedimentos para a coleta de dados, apresentando os instrumentos utilizados.

### **Amostra: Seleção dos Participantes e Caracterização do Sistema Familiar**

#### **Seleção dos Participantes**

Participaram deste estudo 87 mulheres, primíparas ou não, sendo que, destas, 45 estavam grávidas e 42 tinham bebês recém-nascidos de até seis meses de idade. Para facilitar a identificação desses dois Grupos, o primeiro foi denominado “Grupo A” e, o segundo, “Grupo B”. O Grupo A era composto por mulheres grávidas, com gravidez típica, não havendo gestantes de “alto risco”. No segundo tipo de família (Grupo B), havia mães de bebês de até seis meses de idade, primogênitos ou não. Todas as mulheres coabitavam com seu companheiro, o pai do bebê em questão, e residiam no Distrito Federal, não possuindo gêmeos ou filhos com deficiência física e/ou problemas psicológicos.

As mães foram selecionadas nos centros de saúde da rede pública, localizados no Plano Piloto e nas cidades satélites do Distrito Federal. Em um primeiro momento, as fichas dos setores de ginecologia e pediatria dos respectivos centros foram consultadas, a fim de identificar as mães que preenchiam os requisitos para participação no projeto. Em seguida, as mães que preenchiam os requisitos foram contatadas pessoalmente, quando de sua visita ao centro de saúde para efetuar consulta, visando obter a sua colaboração na pesquisa. Neste contato, foram explicados os objetivos do estudo e solicitada a participação

na pesquisa. Nessa ocasião, as mães assinaram o termo de consentimento<sup>2</sup> (Anexo 1, p. 132).

## **Caracterização do Sistema Familiar**

### **Idade, escolaridade, ocupação e renda dos pais**

As mães, em sua maioria, possuíam idades entre 15 e 29 anos. Já os pais tinham, em grande parte, idades entre 20 e 34 anos. Tanto no Grupo A quanto no Grupo B, a maioria das mães estava na faixa etária compreendida entre 20 e 24 anos. Quanto aos pais, os do Grupo A tinham, majoritariamente, idades entre 20 e 24 anos, enquanto os pais do Grupo B eram, em sua maioria, mais velhos, com idades entre 25 e 39 anos, conforme podemos observar na Tabela 1.

---

<sup>2</sup> Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Distrito Federal-Divisão de Pesquisa/CEDRHUS.



Tabela 1. Idades de mães e pais dos Grupos A e B

Grupos		A		B		Total
		M	P	M	P	
<b>15-19</b>	<i>n</i>	7	2	12	5	<b>26</b>
<b>anos</b>	<i>%</i>	15,56	4,44	28,58	11,9	<b>14,94</b>
<b>20-24</b>	<i>n</i>	17	14	16	8	<b>55</b>
<b>anos</b>	<i>%</i>	37,78	31,11	38,09	19,05	<b>31,61</b>
<b>25-29</b>	<i>n</i>	11	13	8	13	<b>45</b>
<b>anos</b>	<i>%</i>	24,44	28,9	19,05	30,95	<b>25,86</b>
<b>30-34</b>	<i>n</i>	5	9	4	11	<b>29</b>
<b>anos</b>	<i>%</i>	11,11	20	9,52	26,2	<b>16,67</b>
<b>35-39</b>	<i>n</i>	4	6	2	3	<b>15</b>
<b>anos</b>	<i>%</i>	8,89	13,33	4,76	7,14	<b>8,62</b>
<b>+40</b>	<i>n</i>	1	1	0	2	<b>4</b>
<b>anos</b>	<i>%</i>	2,22	2,22	0	4,76	<b>2,3</b>
<b>Total</b>	<i>n</i>	<b>45</b>	<b>45</b>	<b>42</b>	<b>42</b>	<b>174</b>
	<i>%</i>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Quanto ao grau de escolaridade, a maioria dos pais e mães da amostra possuía o ensino fundamental incompleto, tanto no Grupo A quanto no Grupo B. Apenas uma mãe do Grupo A era analfabeta, tal como no Grupo B, que possuía, ainda, duas mães com ensino superior completo e uma com o ensino superior incompleto. Dentre os pais do Grupo A, a minoria possuía o ensino fundamental completo, o ensino médio incompleto ou eram analfabetos. Já no Grupo B, apenas dois pais possuíam o ensino fundamental completo e três pais possuíam o ensino superior completo. Mais da metade das mães do Grupo A não havia concluído o ensino fundamental, assim como as mães do Grupo B e os pais do Grupo A; a maioria dos pais do Grupo B também possuía esse grau de instrução.

A Tabela 2 mostra a frequência absoluta e o percentual do nível de escolaridade de pais e mães dos Grupos A e B.

Tabela 2. Grau de escolaridade de mães e pais dos Grupos A e B

Grupos Grau de escolaridade		A		B		Total
		M	P	M	P	
<b>Analfabetos</b>	<i>n</i>	1	5	1	4	<b>11</b>
	%	2,22	11,11	2,38	9,52	<b>6,36%</b>
<b>Ensino fundamental incompleto</b>	<i>n</i>	27	27	24	20	<b>98</b>
	%	60	60	57,14	47,62	<b>56,65%</b>
<b>Ensino fundamental completo</b>	<i>n</i>	5	3	6	2	<b>16</b>
	%	11,11	6,67	14,29	4,76	<b>9,25%</b>
<b>Ensino médio incompleto</b>	<i>n</i>	6	4	3	3	<b>16</b>
	%	13,33	8,89	7,14	7,14	<b>9,25%</b>
<b>Ensino médio completo</b>	<i>n</i>	6	6	5	8	<b>25</b>
	%	13,33	13,33	11,9	19,05	<b>14,45%</b>
<b>Ensino superior incompleto</b>	<i>n</i>	0	0	1	1	<b>2</b>
	%	0	0	2,38	2,38	<b>1,16%</b>
<b>Ensino superior completo</b>	<i>n</i>	0	0	2	3	<b>5</b>
	%	0	0	4,76	7,14	<b>2,89%</b>
<b>Total</b>	<i>n</i>	<b>45</b>	<b>45</b>	<b>42</b>	<b>41</b>	<b>173</b>
	%	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>97,6<sup>1</sup></b>	<b>99,4</b>

Nota: Uma mãe não soube informar a escolaridade do companheiro.

Quanto à ocupação, 46,51% das mães e 93,33% dos pais exerciam atividades remuneradas, com destaque para as ocupações de serviços operacionais e serviços gerais (auxiliar de cozinha, empregada(o) doméstica(o), diarista, serviços gerais, caseiro(a) de chácara e jardineiro), serviços de construção civil (pedreiro, servente/auxiliar de pedreiro,

mestre de obras, carpinteiro e pintor) e de comércio ou vendas (caixa, balconista, empacotador, repositor de supermercado, entregador, carregador, vendedor, comerciante, camelô, açougueiro e frentista). Ainda em relação ao total, a maioria das mães assalariadas trabalhava em serviços operacionais ou gerais, enquanto os pais, em grande parte, realizavam atividades da construção civil. A Figura 1 ilustra o tipo de ocupação de pais e mães da amostra.

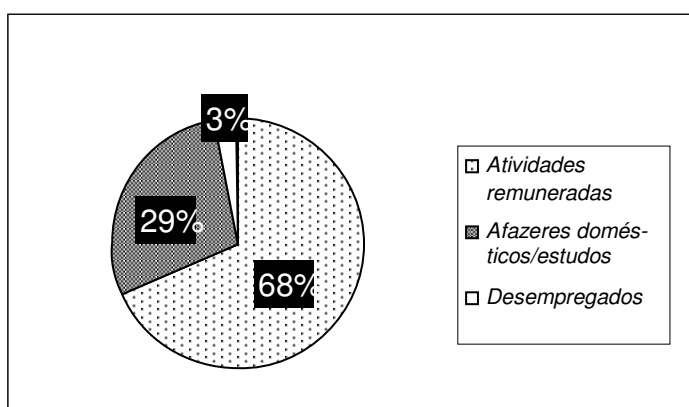


Figura 1. Tipo de ocupação de mães e pais da amostra.

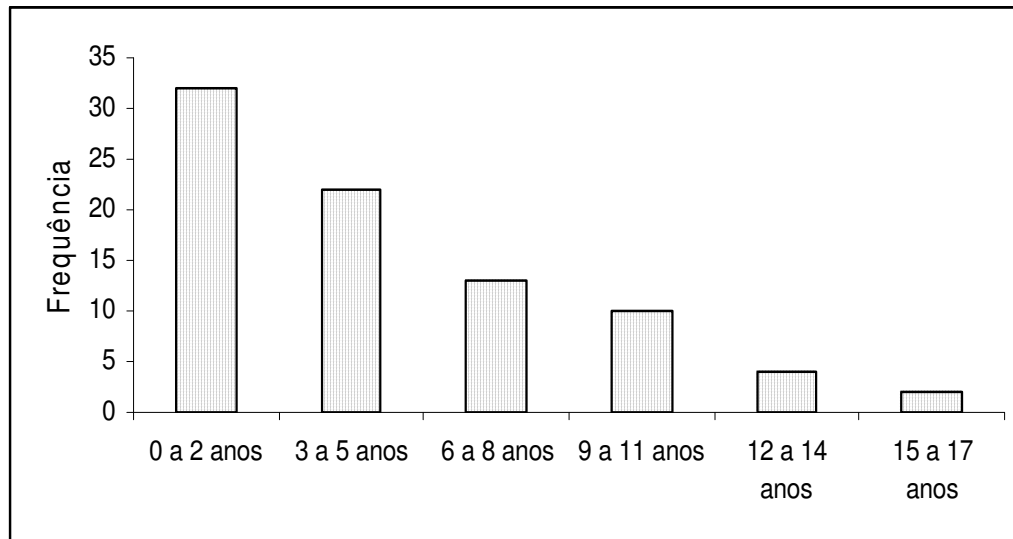
A ocupação das mães, em ambos os Grupos, estava relacionada à execução de serviços operacionais ou serviços gerais, sendo que no Grupo B também foram encontradas mães que eram professoras. Mais da metade da amostra de mães (53,49%), em ambos os Grupos, exercia atividades não remuneradas. Dentre essas, quase todas eram atividades domésticas. As outras mães eram estudantes. Não havia mães desempregadas, e algumas não informaram sua ocupação. Em ambos os Grupos, o número de pais desempregados foi semelhante.

A renda média da amostra era de aproximadamente 4,7 salários mínimos. A renda média das famílias do Grupo A correspondia à aproximadamente quatro salários mínimos, por ocasião da coleta de dados. Duas famílias do Grupo A não souberam informar seus provimentos. A renda média das famílias do Grupo B correspondia a 5,41 salários mínimos. No Grupo B, uma família não possuía renda, e dependia da ajuda financeira dos parentes, e outra não soube informar a quantia percebida.

### **Filhos: quantidade, sexo, idade e escolaridade**

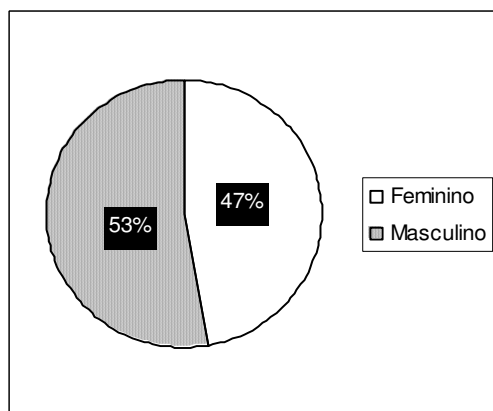
No Grupo A, a maioria das mulheres estava entre o quarto e o nono mês de gestação, e 40% delas estavam esperando o primeiro filho. Dentre as mães que já possuíam filhos, 31,11% já eram mães de uma criança, 11,11% eram mães de duas crianças e, com a mesma frequência (11,11%) estavam as mães de três filhos. Apenas 6,67% das mulheres possuíam quatro filhos ou mais. No Grupo B, exatamente a metade das mães possuía um filho, e a outra metade consistia de mulheres com dois (26,19%), três (11,9%), quatro (9,53%) ou sete filhos (2,38%). Do total de mulheres do Grupo A, a maioria não tinha filhos vivendo com parentes, amigos ou ex-companheiros, assim como no Grupo B. No Grupo B, duas mulheres tinham um filho morando com outras pessoas e uma mãe tinha cinco filhos morando com outras pessoas.

Havia, no total, 83 crianças e adolescentes em ambos os Grupos. A maioria tinha até dois anos, sendo que, deste total, grande parte era formada por bebês de até seis meses. Foi grande também a incidência de crianças entre três e oito anos, e a menor frequência foi de filhos entre 15 a 17 anos (n=2), conforme pode ser observado na Figura 2.

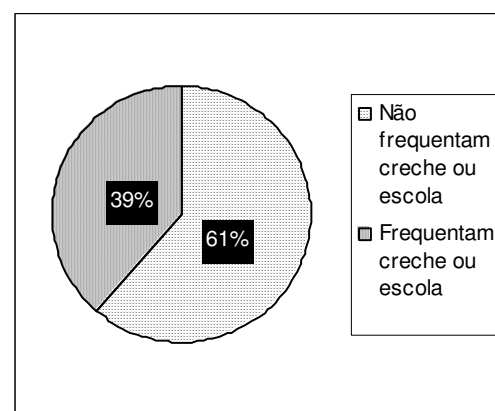


*Figura 2.* Idade dos filhos.

Quanto ao sexo dos filhos, a quantidade de crianças do sexo feminino e masculino era similar, havendo ligeira predominância de meninos (ver Figura 3). Quanto à escolaridade, a maior parte das crianças não frequentava creche ou escola (ver Figura 4).



*Figura 3.* Sexo dos filhos.



*Figura 4.* Filhos que frequentam a escola.

Dentre as mães que apontaram seus motivos para os filhos não estarem freqüentando a escola ou creche (n=20), a maioria (65%) disse que a criança ainda era muito nova, e que seria matriculada quando atingisse uma idade maior. Outras justificativas apresentadas pelas mães (10%) referiram-se à dificuldade de encontrar vaga nas escolas ou ao fato de as crianças não residirem com as genitoras. No entanto, grande parte das mães (n=67) não apresentou justificativas para que seus filhos não freqüentassem creches ou escolas.

Dentre as crianças que freqüentavam os estabelecimentos de ensino, a maioria estava na pré-escola (27%) e na quarta série (42%) e, o restante, em creches (11%) e entre a quinta e a oitava série (11%). Algumas mães (9%) não responderam a questão. A maioria das crianças estudava em escola pública, em período parcial.

### **Com quem as mulheres coabitavam, estado civil e tempo de relacionamento**

Todas as mulheres coabitavam com seus companheiros, os pais dos bebês, já que este era um pré-requisito para a participação na pesquisa, sendo a maioria delas não legalmente casada. No Grupo B, o número de mulheres não legalmente casadas que coabitavam com seus companheiros era maior que o do Grupo A, conforme evidenciado nas Figuras 5 e 6.

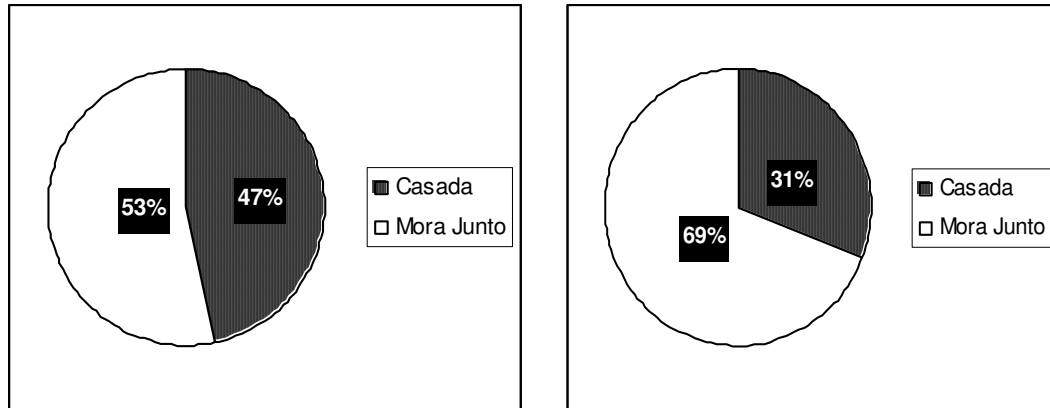
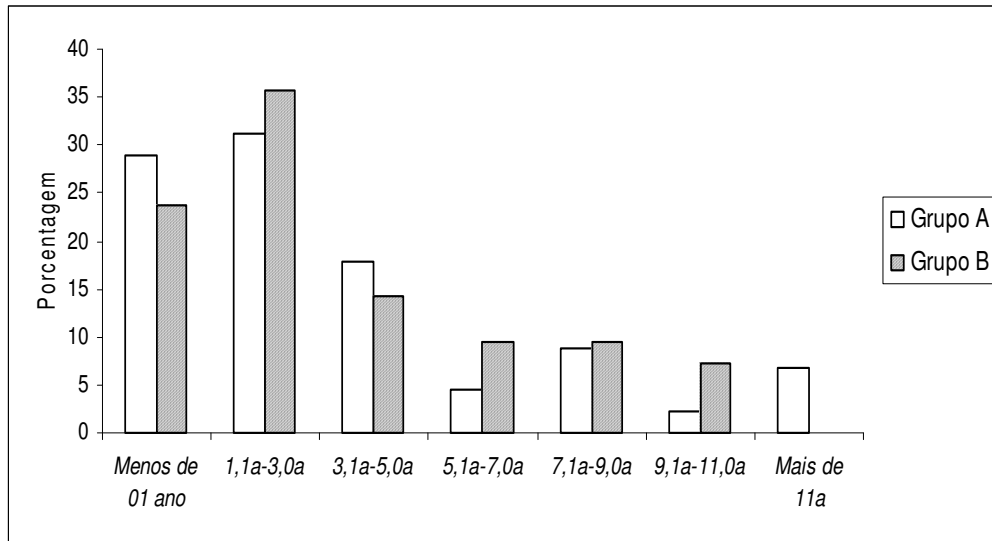


Figura 5. Estado civil das mães do Grupo A. Figura 6. Estado civil das mães do Grupo B.

Quanto ao companheiro, tanto as mulheres do Grupo A (82,22%) quanto as do Grupo B (88,1%), em sua maioria, viviam sua primeira união. No Grupo A, havia mães que viviam com o segundo companheiro (17,78%), enquanto, no Grupo B, havia mães vivendo com o segundo (9,52%) ou o terceiro companheiro (2,38%).

Quanto ao tempo de relacionamento, tanto no Grupo A quanto no Grupo B, a maior parte das mães estava com o parceiro atual há menos de um ano ou na faixa de tempo entre um ano e um mês e três anos, conforme mostra a Figura 7.

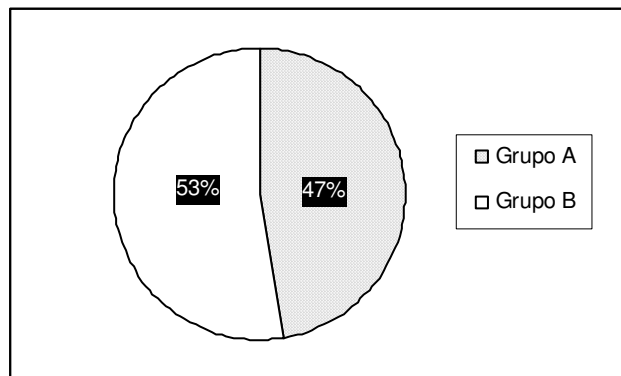


*Figura 7. Tempo de coabitação das mães com seus companheiros.*

Ainda segundo a figura 7, pode-se constatar que, no Grupo A, havia um menor percentual de casais que viviam juntos há um período entre nove anos e um mês e 11 anos, o mesmo ocorrendo no Grupo B. Apenas no Grupo A foram encontrados casais coabitando há mais de 11 anos.

Pouco mais da metade das mães coabitava com seus parentes na mesma casa ou no mesmo lote, conforme mostra a Figura 8. Com relação aos dois Grupos, a coabitação com parentes foi encontrada mais frequentemente no Grupo B (57%) do que no Grupo A (51%).





*Figura 8.* Famílias com parentes residindo na mesma casa ou lote.

Dentre os parentes que viviam na mesma casa ou lote, a maior parte era constituída por parentes maternos, em geral os tios (irmãos da mãe). No Grupo A, além dos tios maternos coabitavam os tios paternos, seguidos dos avós maternos e paternos. No Grupo B, houve predominância de parentes maternos: foi comum encontrarmos tios e avós maternos nessas famílias, seguidos por tios e avós paternos. Estes dados podem ser visualizados na Tabela 3.

*Tabela 3.* Parentes morando na mesma casa ou no mesmo lote da família

Grupos	Grupo A (n=62)		Grupo B (n=60)		Total (n=122)		
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	
<b>Materno</b>	<i>Avós</i>	10	16,1	15	25	20,5	
	<i>Tios</i>	20	32,2	16	26,7	36	29,5
	<i>Outros</i>	2	3,2	5	8,3	7	5,7
<b>Paterno</b>	<i>Avós</i>	8	13	9	15	14	
	<i>Tios</i>	17	27,4	10	16,7	27	22,1
	<i>Outros</i>	5	8,1	5	8,3	10	8,2
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100</b>	<b>60</b>	<b>100</b>	<b>122</b>	<b>100</b>	

### Local de moradia das famílias e o tempo de residência no local

A maioria das famílias residia nas cidades satélites do Distrito Federal, tanto no Grupo A quanto no Grupo B. Quanto ao tempo de residência, grande parte da amostra morava no local há um período inferior a cinco anos. No Grupo A, 48,89% das mães residia no local há menos de três anos, enquanto no Grupo B 28,57% das mães morava naquele local há um período compreendido entre um ano e um mês a três anos. A Figura 9 mostra o tempo de moradia das famílias dos Grupos A e B.

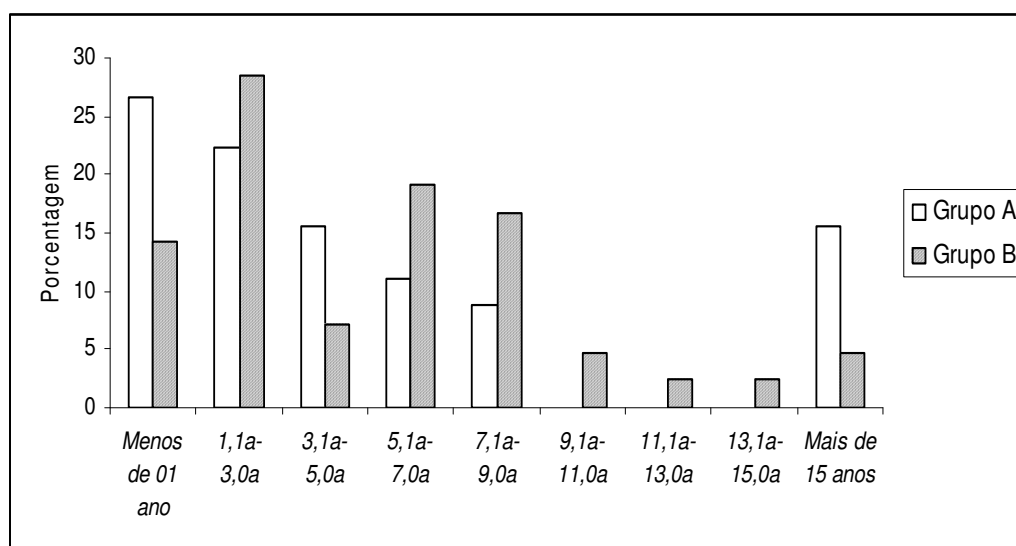


Figura 9. Tempo de moradia das famílias dos Grupos A e B.

### Procedimentos para Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu no Centro de Saúde e consistiu na aplicação dos seguintes instrumentos: (a) questionário sociodemográfico da família (Dessen, 1999) e (b) entrevista semi-estruturada, ambos respondidos pelas mães. A coleta de dados foi realizada por dois bolsistas de Iniciação Científica, que inicialmente conversavam com as mães, a

fim de obter um clima propício e, em seguida, liam as perguntas do questionário e anotavam as respostas no protocolo. Este procedimento foi adotado para evitar constrangimentos decorrentes de possíveis dificuldades de leitura por parte das mães, já que estas, em sua maioria, possuíam baixo nível de escolaridade. As entrevistas foram realizadas após o término do questionário, para todas as mães. A duração média de aplicação de cada instrumento foi de 20 minutos, sendo os dois instrumentos aplicados em um único encontro.

#### **Questionário Sociodemográfico da Família** (Ver anexo 2, p. 133)

O questionário é composto por três partes: (a) características demográficas da família (ex.: estado civil, idade, escolaridade), (b) caracterização do sistema familiar (ex.: contato social da família, divisão de trabalho doméstico) e (c) características da rede social de apoio (ex.: pessoas da rede, tipo de apoio recebido). O questionário sociodemográfico foi preenchido pelo aplicador, sendo ministrado à mãe, com a finalidade de caracterizar a amostra (as famílias) e obter parte das informações referentes aos objetivos deste estudo (itens 2 e 3).

#### **Entrevista Semi-Estruturada** (Ver anexo 3, p. 140)

O roteiro da entrevista aborda os seguintes aspectos: (a) alterações da rede de apoio durante a gravidez e após o nascimento do bebê, (b) participação e apoio dispensados pelo marido/companheiro em relação às tarefas rotineiras da casa e aos cuidados com os filhos, (c) sentimentos e expectativas quanto à participação do pai na vida familiar e (d) influência dos avós na vida familiar. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, na íntegra.

## RESULTADOS

Para análise dos dados obtidos por meio do questionário, os procedimentos realizados foram os seguintes: (a) para as questões fechadas, os dados foram tabulados e as frequências absolutas calculadas, e (b) para as questões abertas foram criadas categorias para análise, as quais foram posteriormente tabuladas e suas frequências absolutas calculadas. Já para a análise das entrevistas, foi adaptado o sistema de análise de categorias de entrevista desenvolvido por Dessen e Braz (2000), tendo sido inseridas novas categorias e excluídas outras. O sistema definitivo para análise dos dados da entrevista deste estudo encontra-se em anexo (Anexo 4, p. 141). Os dados foram tabulados de acordo com o sistema adaptado e as frequências foram calculadas.

A partir destes procedimentos de análise, três seções de resultados foram organizadas. Na primeira seção, apresentamos os modos de vida familiar e a rede social de apoio durante a gravidez e o nascimento dos filhos. Na segunda seção, descrevemos o envolvimento do pai na família, com destaque para as funções paternas no cotidiano familiar e as expectativas das mães quanto ao papel do pai. Por fim, ressaltamos a influência dos avós na vida familiar, enfatizando as influências diretas e indiretas nas famílias participantes deste estudo.

### **Modos de Vida familiar e Rede Social de Apoio Durante a Gravidez e o Nascimento de Filhos**

Nesta seção, descrevemos as atividades familiares e os trabalhos domésticos, enfocando quais são estas atividades, quem participa delas e como é a divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos na família. Além de identificar se houve mudanças

durante a gestação e o nascimento dos filhos, e em que aspectos da vida familiar, descrevemos, também, o apoio recebido e o contato social durante este período de transição.

### **As Atividades Familiares e os Trabalhos Domésticos**

Quais são as atividades que a família realiza e quem são os principais responsáveis por sua realização? Como é a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos? Qual a percepção das mães acerca das mudanças familiares decorrentes da gestação e do nascimento dos filhos? Neste tópico, procuramos responder estas três questões relativas ao funcionamento familiar, importantes para a compreensão deste modo de transição no desenvolvimento desses grupos.

#### **Quais são as atividades familiares e quem participa delas?**

As atividades que as famílias mais realizavam durante a semana e os finais de semana, eram: ficar em casa, sem nenhuma programação especial, e visitar parentes e amigos. Essas também foram as duas atividades que a maioria das famílias do Grupo A relatou fazer sempre, enquanto que a maior parte do Grupo B relatou sempre participar das atividades da igreja ou ficar em casa. A tabela 4 mostra as atividades realizadas por grupo, com especificação da periodicidade com que as famílias se engajavam em tais atividades.

Tabela 4. Atividades realizadas pelas famílias

Atividades/Eventos Sociais e/ou de Lazer	n												Total			
	Sempre*				Às vezes**				Dado não relatado***				A		B	
	A	%	B	%	A	%	B	%	A	%	B	%	A	%	B	%
Fica em casa/nada especial	25	55,5	08	19	04	8,9	07	16,7	12	26,7	27	64,3	41	91,1	42	100
Visitas Parentes	15	33,3	05	11,9	24	53,3	08	19	06	13,3	14	33,3	45	100	27	64,3
Recebe Visita de Parentes e Amigos	06	13,3	02	4,8	04	8,9	05	11,9	-	-	02	4,8	10	22,2	09	21,4
Conversas/Bate-papo na rua	06	13,3	01	2,4	04	8,9	03	7,1	-	-	03	7,1	10	22,2	07	16,7
Participação em atividades da Igreja	03	6,7	10	23,8	04	8,9	04	9,5	01	2,2	02	4,8	08	17,8	16	38,1
Passeios	06	13,3	04	9,5	29	64,3	12	28,6	06	13,7	15	35,7	42	93,3	34	81,1
Assiste à TV/Ouve música	03	6,7	-	-	03	6,7	-	-	-	-	05	11,9	06	13,3	05	11,9
Esporte (caminhada, bicicleta, futebol)	-	-	01	2,4	01	2,2	01	2,4	-	-	-	-	01	2,2	02	4,8
Outros	08	17,8	01	2,4	02	4,4	01	2,4	03	7,1	02	4,8	13	28,8	04	9,5

\* Nota. Pelo menos uma vez por semana. \*\* Pelo menos uma vez por mês. \*\*\* A atividade foi mencionada, embora sem especificação da frequência.

As companhias mais frequentes das mães durante as atividades eram seus maridos e/ou filhos. A participação dos demais parentes, além de vizinhos ou amigos, também era comum para mais da metade das mães entrevistadas. Dentre as mães do Grupo A, todas realizavam as atividades com seus maridos e/ou filhos e, também, com demais parentes. Grande parte destas mães também estava constantemente acompanhada por amigos ou vizinhos. No Grupo B, assim como no Grupo A, todas as mães realizavam as atividades com seus maridos e/ou filhos, porém suas outras companhias mais frequentes eram seus amigos ou vizinhos, conforme pode ser verificado na Tabela 5.

Tabela 5. Contato social das mães

Contato Social (com quem realiza as atividades)	n		%	
	Grupo A	Grupo B	Grupo A	Grupo B
Individualmente	05	02	11,1	4,8
Em grupo:				
Com a participação de marido/filhos	45	42	100	100
Com a participação de outros parentes	45	19	100	45,2
Com a participação de amigos/vizinhos	42	26	93,3	61,9
Com a participação de colegas de trabalho/patrões	05	01	11,1	2,4

### Como era a divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos?

A mãe era a principal responsável pela execução de todas as tarefas domésticas, ainda que algumas fossem divididas com o seu companheiro, um filho mais velho ou os avós da criança. A única atividade em que mãe e pai executavam de modo similar foi a de “fazer compras”, apesar do comprometimento materno ainda ser maior no Grupo A, conforme se pode observar na Tabela 6.

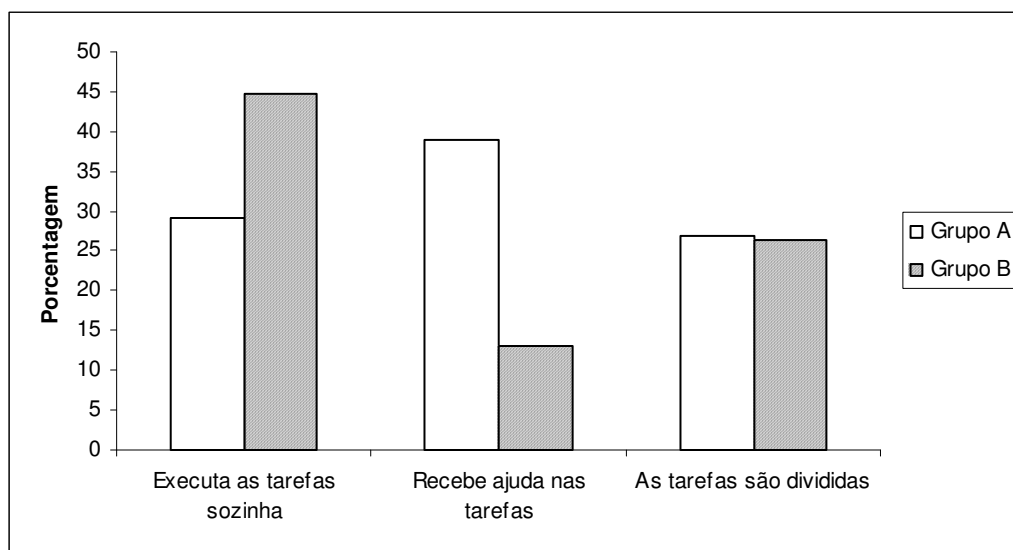
Tabela 6. Divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos

Atribuições	Mãe		Pai		Irmãos		Avós		Outros	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
Cuidado dos filhos	21	37	11	10	06	02	08	09	05	04
Dar comida/banho	18	39	06	02	02	01	03	02	02	-
Levar/Trazer da escola	06	04	01	04	03	-	01	-	01	01
Orientar dever escolar	09	06	02	02	03	-	-	-	01	01
Levar para lazer	16	16	09	07	01	01	01	01	-	01
Colocar para dormir	16	20	07	03	02	-	-	-	-	01
Arrumar a casa	43	32	13	07	04	02	03	02	06	09
Cozinhar	43	34	08	03	01	02	03	03	02	05
Lavar/Passar	41	32	11	04	03	02	02	01	04	06
Fazer compras	38	30	34	30	02	-	03	01	01	-
Orientar empregada	02	04	-	-	-	-	-	-	-	-

*Nota.* Irmãos: mais velhos que o primogênito; Outros: empregadas, vizinhos e outras pessoas.

Ainda de acordo com a Tabela 6, verificamos que as mães também eram as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos. Em seguida, foram citados outros cuidadores, como

pai, avós e outros filhos. Quanto às possíveis alterações no recebimento de apoio por meio de ajuda na realização de tarefas domésticas, a maioria das mães respondeu que continuava executando-as sozinha, e que não houve redistribuição das tarefas devido à gestação ou à presença do bebê: *“Sou eu quem faço, não tem mais ninguém pra fazer pra mim, meu esposo trabalha”* (Grupo B). No Grupo A, porém, a maior parte das mães relatou ter recebido ajuda durante a gravidez, apesar de continuar sendo a principal responsável pelas tarefas domésticas, como ilustra o seguinte relato: *“O que ela (avó materna) pode fazer, ela faz”*. Já no Grupo B, quase metade das mães continuou executando as tarefas domésticas sozinha, embora as demais também recebessem ajuda, em geral de avós: *“Minha mãe também, quando ela vê que eu tô ocupada e que o bebê está chorando, ela vai e pega ele e fica com ele. Quando ela está em casa no sábado e domingo”* (Grupo B). Estes dados podem ser observados na Figura 10.



*Figura 10.* Percepção das mães sobre a execução das tarefas, durante a gravidez e o nascimento de filhos.



A Figura 10 mostra também que o compartilhamento das tarefas domésticas foi semelhante em ambos os grupos, situação ilustrada nos seguintes depoimentos: “*Ele (marido) me ajuda bastante. Eu vou passar roupa, aí, enquanto eu tô passando, ele tá fazendo almoço, né!?*” (Grupo A). Apenas uma mãe do Grupo B relatou que as tarefas aumentaram, pois além da responsabilidade com a casa, ela passou a responsabilizar-se também pelos cuidados com o bebê.

Do total de mães, a grande maioria não contava com empregada doméstica, sendo este relato semelhante em ambos os grupos. Dentre as seis famílias que contavam com este serviço, o tempo de trabalho era de até quatro anos, e com metade das famílias usufruindo deste serviço regularmente.

### **Há mudanças decorrentes da gestação e do nascimento de filhos?**

As principais mudanças relatadas pelas participantes de ambos os Grupos são referentes ao recebimento de apoio e ao relacionamento familiar. Dentre as mães que relataram ter recebido ajuda durante a gestação e o nascimento, a grande maioria (Grupo A=46,51%; Grupo B=42,86%) citou o apoio emocional como o tipo mais freqüente de ajuda. Em seguida, foram citados o apoio nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, especialmente no Grupo B, conforme a Tabela 7.

Tabela 7. Principais mudanças percebidas pelas mães.

Principais Mudanças	n		%	
	Grupo A	Grupo B	Grupo A	Grupo B
Recebimento de apoio:				
Financeiro	4	4	9,3	9,52
psicológico	20	18	46,51	42,86
nas tarefas domésticas/filhos	8	12	18,6	28,58
Relacionamento com o marido/família:				
Melhorou	7	5	16,29	11,9
Piorou	4	3	9,3	7,14

O relacionamneto com o marido ou com outros membros familiares melhorou, de acordo com sete mães do Grupo A e cinco do Grupo B. Dezesete mães não relataram o tipo de mudança durante a gestação e o nascimento de seus filhos. A seguir, apresentamos detalhes a esse respeito.

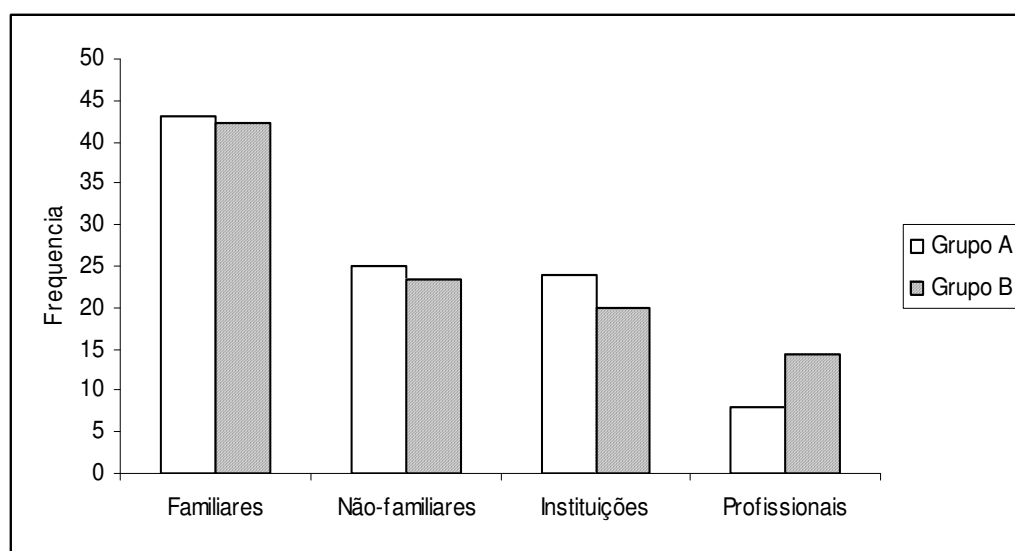
### **O Apoio Recebido e o Contato Social**

Neste tópico apresentamos, primeiramente, o tipo de apoio oferecido à mãe, a ordem de importância das pessoas que o prestaram e as mudanças percebidas quanto ao seu recebimento. Em seguida, apresentamos possíveis mudanças no apoio recebido pelas mães e, por último, se houve mudanças no contato social familiar em decorrência do nascimento dos filhos.

#### **Tipo de apoio, sua ordem de importância e mudanças percebidas**

As pessoas que mais apoiaram as mães durante a gestação atual (para o Grupo A) ou a mais recente (para o Grupo B) foram seus familiares, de acordo com a quase totalidade das respondentes. A maioria das mães do Grupo A citou o companheiro como o principal familiar envolvido no apoio durante a gravidez, seguido pelos avós e tios maternos e paternos, outros

familiares e os filhos mais velhos. As mães do Grupo B fizeram relato similar. Em ambos os grupos, o apoio dos não-familiares foi considerado menos importante para as mães. Dentre eles, foram citados amigos, outras pessoas, vizinhos e empregada ou babá. As mães do Grupo B consideraram igualmente importante o apoio recebido por amigos e vizinhos e por empregada e/ou babá, além de outras pessoas e instituições. Os profissionais foram os menos citados, conforme pode ser observado na Figura 11.



*Figura 11.* Tipo de apoio recebido pela mãe durante a gestação atual ou na mais recente.

Os resultados relativos às gestações anteriores foram semelhantes, porém com índices de citações menores em todas as categorias, especialmente quanto aos não-familiares. Nas gestações anteriores, as mães do Grupo B citaram os familiares com maior frequência do que as mães do Grupo A. Já em relação ao apoio de não-familiares, as mães do Grupo A relataram ter sido o apoio destes mais importante nas gestações anteriores do que as mães do Grupo B.

### **Houve mudanças no apoio recebido pelas mães?**

Grande parte das mães relatou, na entrevista, que houve mudanças durante o período gestacional e nos primeiros meses após o nascimento do bebê; algumas vezes em mais de um aspecto. A maioria das mães respondeu ter recebido mais apoio, atenção e carinho, além de ser objeto de maior preocupação e melhor tratamento do que recebiam anteriormente, como fica claro na fala da seguinte mãe: *“Nesses últimos meses, ele (marido) tá maravilhoso comigo. Ele me trata muito bem, ele se preocupa comigo. Se eu dou um pulo na cama, ele já levanta pensando que eu tô com alguma coisa. A mulher quando tá grávida precisa muito de carinho. Eu acho que tô recebendo”* (Grupo A). O apoio recebido do sogro também foi mencionado: *“Ichi! Até dormir lá, às vezes, eu tenho que dormir, meu sogro dorme no chão e eu durmo na cama dele”* (Grupo B). Apenas no Grupo A, as mães citaram o apoio por meio de “conselhos” quanto à sua saúde e à do bebê, por exemplo: *“(sogra) deu dicas para não usar roupa apertada, cuidados com a alimentação, essas coisas”* (Grupo A).

A maioria das mães do Grupo B relatou que a maior alteração em recebimento de apoio foi em relação ao provimento financeiro e material, conforme ilustrado pela fala a seguir: *“Tudo que eu precisava e ela (mãe) podia me ajudar, ela ajudava. O que ela podia, o que faltava lá em casa, assim de comida, essas coisas, ela sempre me ajudou”* (Grupo B). Em seguida, as mães deste grupo citaram a atenção, o carinho, a preocupação e o tratamento recebido, que foram melhores do que os recebidos anteriormente. O seguinte depoimento ilustra a situação: *“Ele (marido) deu toda a atenção que eu precisei. Eu não tenho parente aqui, é só nós dois... Porque, na época, a minha irmã não morava comigo, então, eu não podia contar com a companhia de uma irmã, duma tia, duma prima, nem da família dele, porque também não mora aqui”* (Grupo B).

No Grupo A, seis mães citaram não ter recebido o apoio esperado, e duas mães não perceberam mudanças no apoio. No Grupo B, todas as mães citaram alguma mudança no apoio recebido, conforme ilustrado na Figura 12.

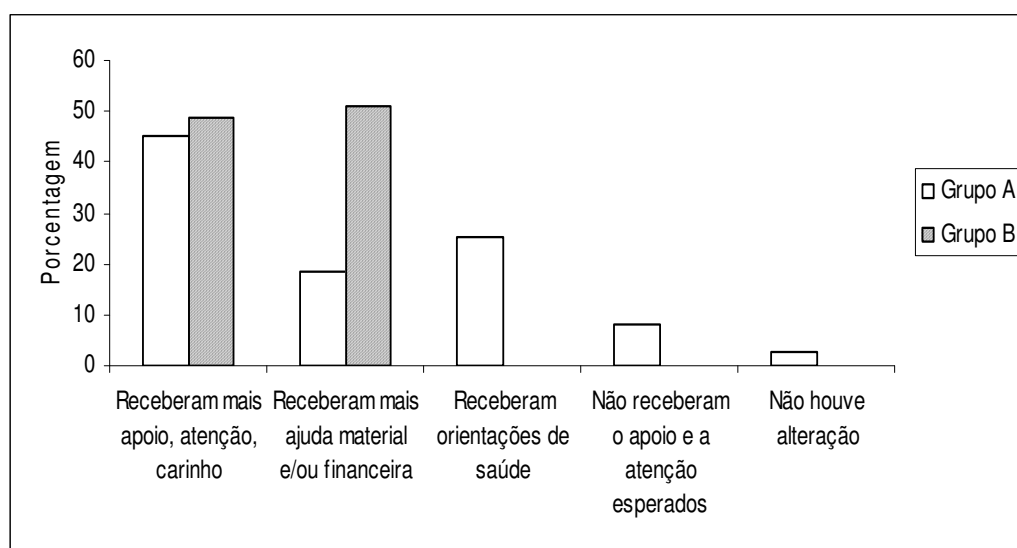


Figura 12. Percepção das mães acerca das mudanças no apoio recebido.

### O contato social da família: mudanças decorrentes do nascimento de filhos

Quando perguntadas se houve mudanças quanto ao contato social, a maior parte das mães do Grupo A (89,33%) e o total de mães do Grupo B (100%) responderam que sim. Questionadas sobre quais foram as mudanças ocorridas, grande parte das mães citou o fato de as famílias terem passado a ficar mais tempo em casa: *“Não pode fazer quase tudo o que fazia antes, dançar, sair, é muito cansaço”* (Grupo A) e *“Com criança pequena é difícil a gente sair, antes eu saía, ia pro trabalho, ia almoçar com alguém, ia na casa de algum amigo, agora, tá mais difícil. Dá muito trabalho sair com criança... um monte de sacola...”* (Grupo B).

Para as mães do Grupo A que responderam não ter havido mudanças, a família manteve o mesmo padrão de contato social existente antes da gravidez. Foi mantida a mesma rotina (visitar parentes, ficar em casa, sair com amigos para festas, reuniões/passeios com pessoas da igreja e bater papo com vizinhos) que a família já possuía antes da gravidez: “*A gente sempre senta à noite na calçada e vamos conversar, bater papo. A maioria trabalha durante o dia, à noite bate aquele calorzão, aí, a gente senta lá na calçada e vamos conversar*” (Grupo A). A Figura 13 mostra as mudanças relatadas pelas mães quanto ao contato social.

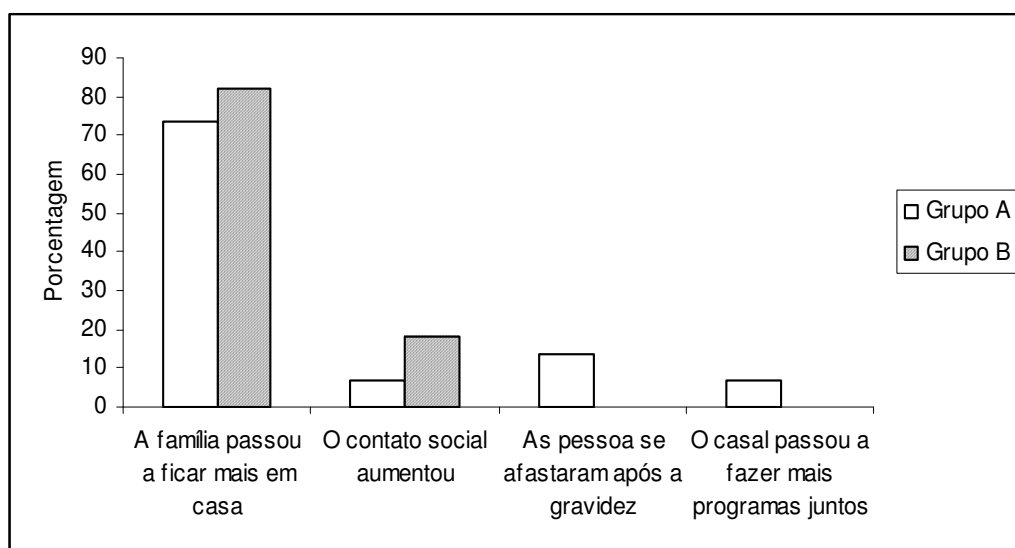


Figura 13. Mudanças ocorridas no contato social durante a gravidez e o nascimento de filhos.

Algumas famílias citaram que o contato social aumentou: “*Agora, eu vivo de visita... minha prima, ah, vai muita gente*” (Grupo B). Duas mães do Grupo A responderam, ainda,

que as pessoas se afastaram depois que elas (as mães) ficaram grávidas, e uma mãe citou que o casal passou a fazer mais atividades juntos, por passarem a coabitar.

### **Envolvimento do Pai na Família: O Pai Real e o Pai Ideal**

Esta seção focaliza a participação do pai na vida familiar, com ênfase nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, ressaltando as alterações durante a gestação e o nascimento dos filhos na perspectiva das mães. Em seguida, são apresentados os dados relativos às suas expectativas sobre a participação e o envolvimento dos pais na família, enfocando como seria uma participação “ideal”.

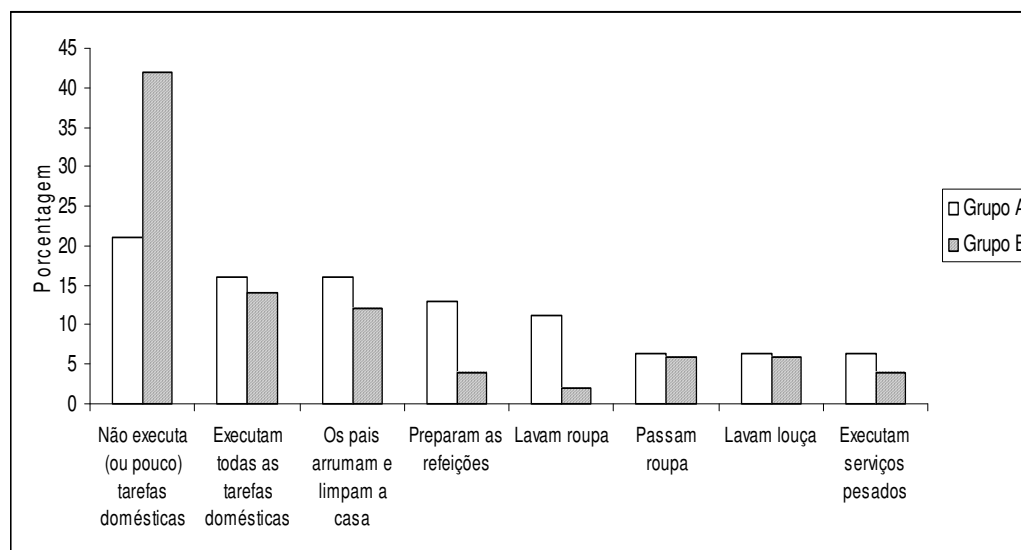
#### **O Pai Real: Participação na Vida Familiar**

Duas questões norteiam a descrição neste tópico: como se dá a participação do pai nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos? Como foi o envolvimento paterno, durante a gestação e o nascimento dos filhos?

#### **Tarefas domésticas: o que o pai faz em casa?**

A maior parte da amostra relatou que o pai não executava nenhuma ou quase nenhuma tarefa doméstica, sendo a incidência dessa resposta maior no Grupo B do que no Grupo A, situação ilustrada pelo depoimento a seguir: *“Ajudar nos trabalhos domésticos, ele (pai) não ajuda nada ”* (Grupo B). Contrastando com esta resposta de maior incidência, aparecem, em seguida, os relatos quanto a pais que executavam todas as tarefas em casa: *“Ele dá banho nas crianças, ele ajuda eu lavar as louças, a limpar a casa, só não faz comida porque ele não sabe. Ele passa as fraldas dela, porque não quer que eu passe ainda roupa e ele passa as*

*fraldas dela toda. Me ajuda assim. Só comida que ele não sabe fazer nada, nem café ele sabe fazer”* (Grupo A). No Grupo A, essa resposta foi mais freqüente que no Grupo B, como pode ser verificado na Figura 14.



*Figura 14.* Atividades domésticas realizadas pelos pais.

Dentre as tarefas domésticas executadas pelos pais, as mães citaram: arrumar e limpar a casa, preparar refeições, lavar e passar a roupa, lavar a louça e executar serviços pesados, tais como aqueles que exigem força física. No Grupo A, os pais arrumavam e limpavam a casa, ou executavam todas as tarefas domésticas: *“Nesse ponto, ele (pai) é um verdadeiro doméstico dentro de casa. Ele lava roupa, faz mamadeira, faz tudo!”* (Grupo A). Era comum, ainda, a participação dos pais no preparo de refeições: *“Às vezes, eu tô com preguiça, ele (pai) faz a comida pra mim”* (Grupo A). No Grupo B, a maioria dos pais executava todas as tarefas domésticas ou limpava e arrumava a casa, mas algumas mães (Grupo A= 3,23%; Grupo B=



10%) responderam que os pais só realizavam as tarefas quando solicitados. O pai lavava a roupa em apenas uma família do Grupo B.

### **Como os pais participam do cuidado dos filhos?**

A maioria das mães do Grupo B respondeu que os pais cuidavam de seus filhos, embora não tenha identificado uma tarefa específica. Dentre as tarefas específicas mencionadas, banhar os filhos e trocar a fralda e/ou vesti-los foram as mais citadas. Algumas mães do Grupo A (20,59%) não responderam a questão, por estarem esperando o primeiro filho do casal. As que já possuíam filhos relataram que o pai cuidava deles, dando-lhes o banho: *“Banho ele (pai) dá na mais velha, quando ele está em casa. Porque ele só está em casa dia de domingo e ele só ajuda com a menina, que coisa de casa, ele não sabe fazer”* (Grupo A). *“Mas, ele (pai) não ajuda legal. Banho eu não gosto que dê, porque dá banho frio, então, eu não gosto. Então, ele não ajuda. Eu não tenho isso como ajuda da parte dele”* (Grupo A). Alimentar os filhos também era uma tarefa comum aos pais deste grupo, enquanto a maior parte dos pais do Grupo B cuidava, trocava a fralda e/ou vestia e banhava seus filhos, conforme mostra a Figura 15.

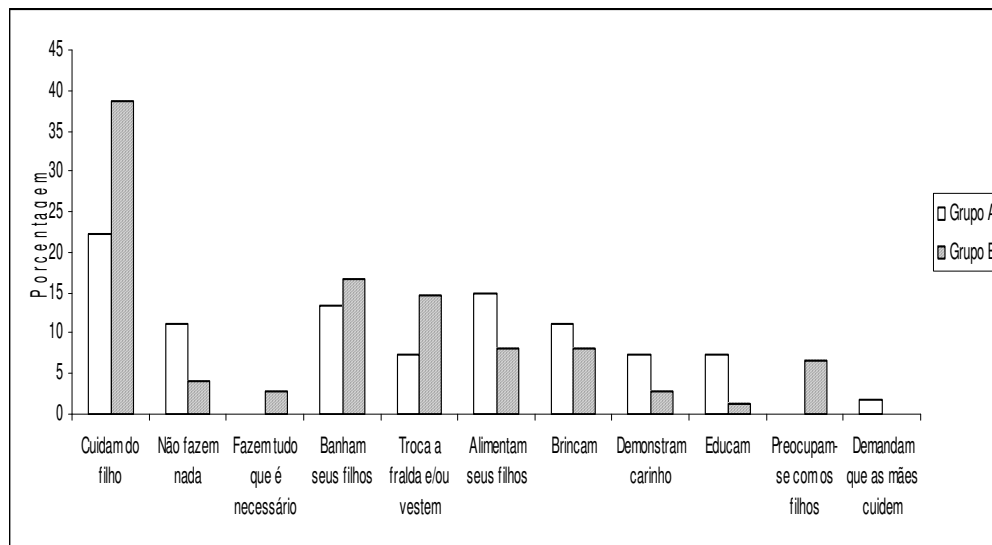


Figura 15. Formas de participação do pai nos cuidados com os filhos.

Dentre os relatos de menor frequência, destacam-se o “educar”, por exemplo: *“Ele é muito cuidadoso, eu não tenho o que preocupar. Conversa com ele (filho) sobre as coisas que acontece no mundo, fica orientando ele para ele não fazer errado”* (Grupo B). Sobre educarem os filhos e demonstrarem carinho: *“Como pai, maravilhoso, uma pessoa maravilhosa, carinhoso demais... Tudo é para ela”* (Grupo A). No Grupo B, algumas mães relataram que seus companheiros se preocupavam com os filhos, demonstravam carinho e ‘faziam tudo o que fosse necessário’: *“O que ele precisa fazer ele faz, desde o banho, dá comida, trocar, tudo que precisa, desde a minha gravidez que ele me ajuda”* (Grupo B). Uma mãe do Grupo A considerava, ainda, que o pai a cobrava para que cuidasse dos filhos. *“Só cobra! No caso do meu menino mais novo, ‘Ah, porque o menino tá descalço, o menino tem que botar a camisa.’ Então, eu tenho que tomar conta dela e me desdobrar para tomar conta do outro. Eu que tenho que escovar os dentes, eu que tenho que dar banho, tenho que arrumar a casa... Eu que tenho que fazer tudo! Ele me cobra muito”* (Grupo A).

## Como os pais se comportaram durante a gestação e o nascimento dos filhos?

Um pouco mais da metade das mães de ambos os Grupos relatou que os pais mudaram para melhor. A Figura 16 mostra as formas como os pais se comportaram durante a gestação e o nascimento dos filhos.

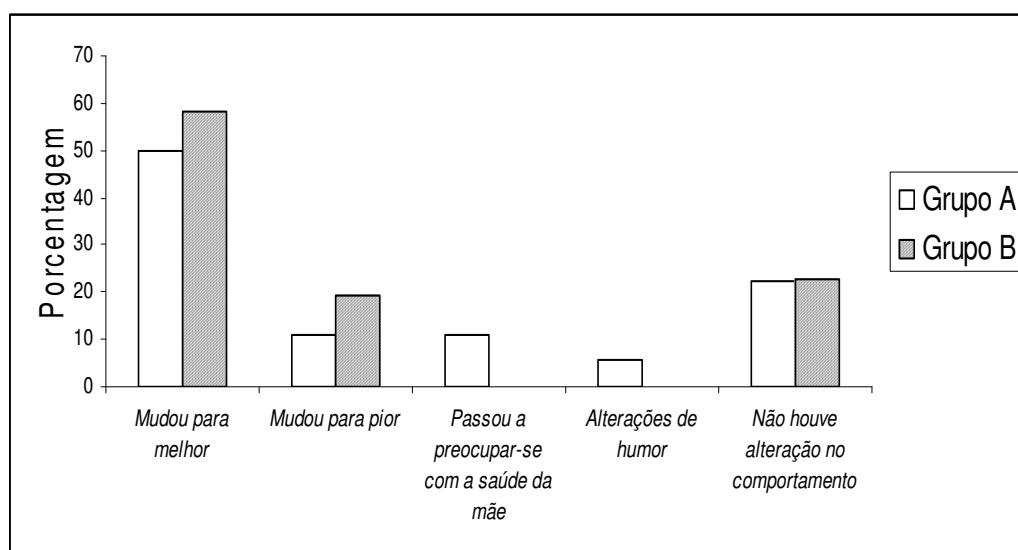


Figura 16. Forma como os pais se comportaram durante a gestação e o nascimento dos filhos.

No entanto, algumas mães consideraram que não houve mudanças no comportamento dos pais, ou que ele havia mudado para pior, fato ilustrado pelos seguintes relatos: “*Na outra gravidez ele ajudou mais, agora ele tá bebendo, mas quando não bebe é uma ótima pessoa*” (Grupo A) e “*Ele só faz reclamar que ela (filha) chora de noite, ela enche o saco, que não deixa ele dormir, desde que ela nasceu que ele não dorme*” (Grupo B).

Dentre as mães do Grupo A, algumas notaram que seus companheiros passaram a se preocupar mais com a sua saúde, incentivando-as a cuidarem da alimentação, a não pegarem

peso e a freqüentarem as consultas médicas: *“Fica só brigando comigo: ‘Vai no médico, vai no médico’...”* (Grupo A). Duas mães deste grupo citaram, ainda, que o pai teve alterações de humor: *“Eu não sei se é porque eu fiquei mais ciumenta, num sei. Passado um tempo, ele (pai) ficou mais nervoso... enjoado, sabe? Esses sintomas são os da mulher grávida, mas quem ficou foi ele”* (Grupo A).

### **O Pai “Ideal”: Expectativas das Mães Sobre o Envolvimento do Pai na Família**

Neste tópico, destacamos as seguintes questões: o pai faz o que deveria fazer? Ele deveria fazer mais? Se sim, o quê? E como seria uma participação “ideal” do pai na família?

#### **O pai faz o que deveria fazer?**

A maior parte das mães acreditava que o pai fazia o que deveria fazer, conforme ilustrado pela seguinte fala: *“Acho que ele faz o que pode. O que ele não pode, ele não pode. O que ele pode ele faz”* (Grupo A). Mais mães do Grupo B, quando comparadas às do Grupo A, consideravam que o pai não faz o que deveria, fato ilustrado pelos seguintes relatos: *“Acho ele muito folgado, chega em casa quer tudo na mão”* (Grupo B) e *“Porque ele não trabalha, se fosse outro, né, porque eu acho que o trabalho doméstico em casa não é só da mulher, o homem também, né, porque eu vejo, hoje em dia, que tem tanto homem aí que cozinha melhor do que uma mulher, arruma a casa melhor que uma mulher, passa a roupa e tudo o mais. Mas ele nada, nada, nada”* (Grupo B). Na Figura 17 estão representados os percentuais de mães que responderam positiva e negativamente à questão, por Grupo.

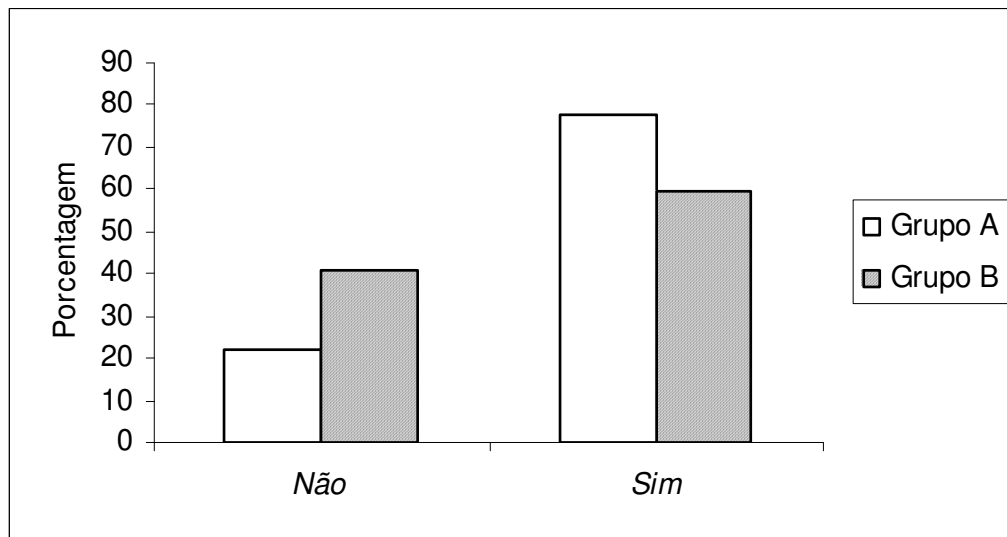


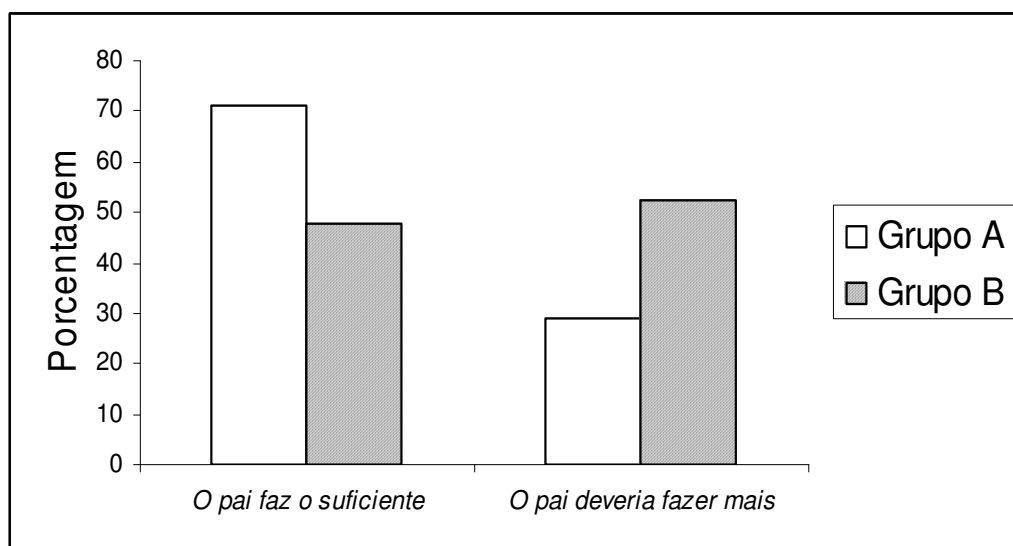
Figura 17. Percepção das mães acerca de se os pais fazem o que deveriam fazer.

As mães que acreditavam que os pais faziam o que deveriam apontaram vários motivos para tal, tais como: *“Acho que o homem tem que fazer a parte dele, a parte do homem é na rua, né, é trabalhar e colocar dentro de casa, acho que a parte do lar é referente à mulher, né”* (Grupo A). Dentre aquelas que consideravam que os pais não faziam o que deveriam, os motivos também foram diversos, e alguns relatos eram relativos à valores e crenças enraizados em nossa cultura, segundo o exemplo: *“Acho que não, porque ele fala é muito. Ele fala que eu não faço o serviço todo que era pra eu fazer. Ele diz que dava pra eu fazer tudinho”* (Grupo B).

### **O pai deveria fazer mais? O quê?**

A esta pergunta, a maioria das mães do Grupo A relatou acreditar que o pai não deveria fazer mais do que já fazia, uma vez que participava suficientemente da vida familiar. O relato a seguir é de uma mãe do Grupo A: *“Acho que não, ele já faz até demais. É difícil*

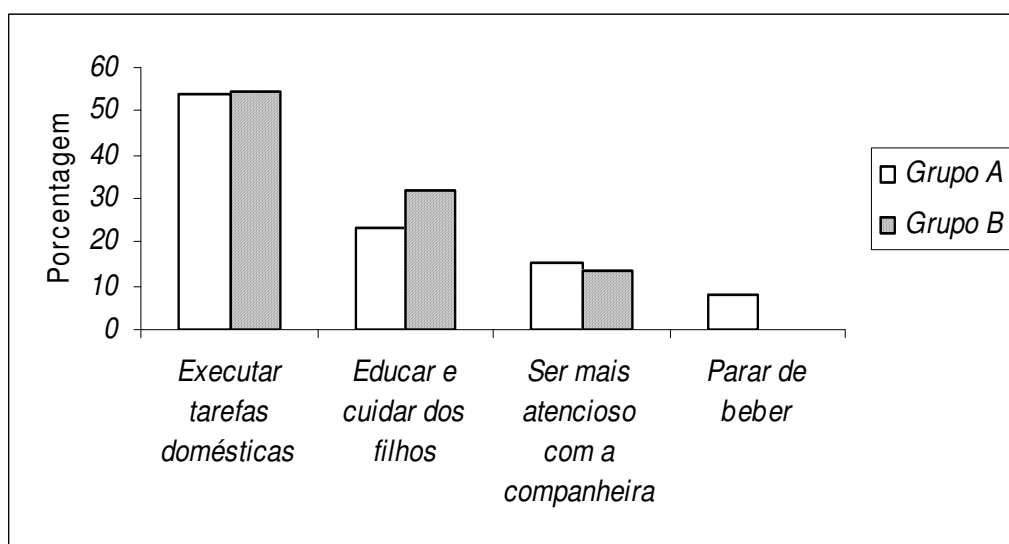
*encontrar um homem que troque fraldas. Se eu precisar passar cinco dias fora de casa, uma semana, eu posso ir tranqüila que ele faz comida, dá banho, leva pro colégio. A única coisa que ele é mais assim que não tem paciência é ensinar o dever de casa” (Grupo A). No Grupo B, uma quantidade maior de mães acreditava que o pai deveria fazer mais, conforme ilustra o seguinte exemplo: “Ele poderia ajudar mais nas tarefas domésticas. Tem homem que ajuda a mulher todo dia, ou sábado e domingo. Chega em casa e vai ver TV!” (Grupo B). A Figura 18 mostra as expectativas da mãe quanto à participação do pai na vida familiar.*



*Figura 18. Expectativas das mães quanto à participação dos pais na vida familiar.*

Dentre as mães que consideravam que seus companheiros deveriam participar mais efetivamente da vida familiar (Grupo A= 28,89%; Grupo B= 52,38%), mais da metade desejava que eles executassem as tarefas domésticas, segundo os depoimentos: *“Acho que ele deveria se preocupar assim, de fazer uma comida, né!? Ele tem sete irmãs e são cinco homens, a família dele é grande, os homens não faziam nada. É aquela criação, a mulher*

*arruma a casa. E lá em casa já foi o contrário, pode ver que as mulheres não fazem quase nada” (Grupo A) e “ele poderia ajudar mais nas atividades domésticas. Tem homem que ajuda a mulher, ajuda a lavar as fraldas, descascar verdura ou dividir a tarefa todo dia, ou sábado e domingo. Chega em casa e vai ver TV!” (Grupo B). Os dados podem ser observados na Figura 19.*



*Figura 19. Expectativas das mães quanto ao tipo de participação dos pais na vida familiar.*

A Figura 19 mostra, também, que as mães gostariam que seus companheiros educassem e/ou cuidassem dos filhos. Essa resposta foi mais comum no Grupo B: *“Assim, quando eu preciso sair eu tenho que levar todos os meninos porque ele não fica, podia ficar, né, ao menos um pouco. Ficar com ele também, mas ele sempre fala assim: ‘Ah, não, deixa com a sua mãe.’ Ele não gosta de ficar com os meninos, não”* (Grupo B). Duas mães do Grupo A e três mães do Grupo B responderam, ainda, que gostariam de receber mais atenção de seus companheiros: *“Ah, me apoiar mais, porque aqui ele sabe que é só eu e ele. Eu tenho*

*que apoiar ele e ele tem que me apoiar, né? Eu tenho que ajudar ele e ele tem que me ajudar também. Tem que ser assim. Eu pelo menos eu penso assim, né? Agora não sei se ele pensa assim”* (Grupo B). Uma mãe do Grupo A gostaria que seu companheiro parasse de beber. *“O que ele fizesse não era nem tanto me ajudar em casa, mas ajudar os filhos, né!? Porque sabe, adolescente, na idade que eles estão é muito difícil para eu sozinha. Se ele está num barzinho bebendo, ele chama o mais velho para beber, isso é um pai? E ele se visse o filho bebendo, ele era para chegar e dizer: ‘Não faça isso, você está muito novo, né!? Vai estudar’ e tudo mais, mas ele não é de conversar com o filho. Ele não é de conversar nem comigo!”* (Grupo A).

### **O que seria uma participação “ideal” do pai na família?**

Consistente com as respostas às perguntas anteriores, a maioria das mães do Grupo A acreditava que a participação do pai na família já era a ideal, como pode ser ilustrado pelo seguinte relato: *“É difícil, porque lá em casa, eu acho ele quase perfeito, ele faz quase tudo. Tem dias que eu levanto e ele não deixa eu fazer nada, só tarefa escolar. Agora para ser um pai perfeito, acho que tem que fazer esse tipo de coisa que ele faz, lavar fralda, viver o dia-a-dia, o meu filho de três anos não gosta do meu mingau, ele faz mingau super bem. Acho que o homem precisa sentir esse tipo de coisa”* (Grupo A). No Grupo B, a maioria das mães gostariam que os pais fossem mais atenciosos com os filhos: *“Ah, dar mais atenção, carinho, tem que andar com os filhos, conversar com eles. Porque os filhos quando o pai conversa , conta historinha, eles ficam mais quietos, não são muito danados”* (Grupo B).

Dentre as que gostariam que a participação fosse diferente, estavam aquelas que acreditavam que o pai poderia ser mais atencioso com seus filhos e com a sua companheira, deveria ajudar nas tarefas domésticas e educar os filhos, como ilustra a Figura 20.



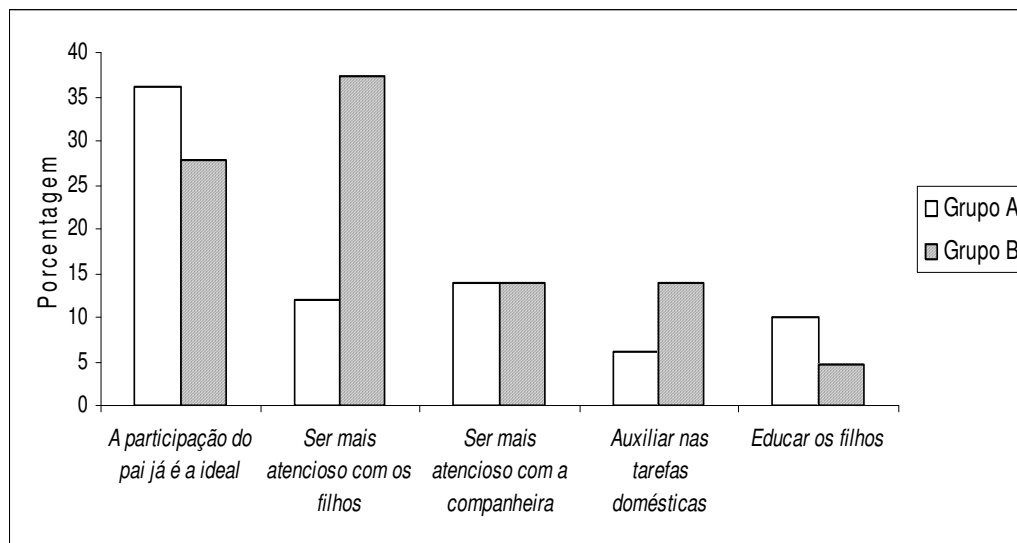


Figura 20. Como o pai teria uma participação ideal na família, segundo as mães.

As mães do Grupo A que acreditavam que a participação dos pais na família poderia melhorar destacaram a necessidade de que os pais dispensassem maior atenção à companheira e aos filhos, que passassem mais tempo com a família e educassem os filhos, fato ilustrado pelo seguinte depoimento: *“Acho que o pai deveria conversar bastante com os filhos, ajudar eles em tudo, auxiliar, procurar educar da maneira... não ficar batendo”* (Grupo A).

No Grupo B, a maioria das mães gostaria que seus companheiros fossem mais atenciosos com seus filhos: *“Ah, dar mais atenção, carinho, tem que andar com os filhos, levar ao médico quando a mãe não pode ir, isso que eu acho que um pai deve fazer. Conversar com os filhos. Porque os filhos quando o pai conversa, conta historinha, essas coisas, brinca, eles ficam mais quietos, não são muito danados. Eles ficam mais atencioso. E os filhos que o pai não conversa, eles é mais rebelde. Pelo menos, eu penso isso”* (Grupo B).

As mães deste grupo também se queixavam da necessidade de os pais educarem seus filhos: *“Ah, eu acho que o pai ideal a primeira coisa que ele tem que fazer é dar bom*

*exemplo. O pai que não dá um bom exemplo dentro de casa, ele não é um pai ideal de jeito nenhum. Eu acho que para mim, um pai que não dá uma boa moral em casa, ele nunca pode exigir dos filhos um bom respeito. Sei lá. Eu acho que os filhos não respeitam ele como deve respeitar, se ele não dá moral” (Grupo B).*

Além dessas características idealizadas pelas mães, algumas mães do Grupo A gostariam que o pai ficasse mais tempo com a família (10%), não fosse agressivo ou não bebesse (6%), fosse capaz de sustentar a família (4%) ou aceitasse o trabalho da mulher (2%): *“Está bom porque ele não me maltrata. A única coisa que eu queria era poder trabalhar fora de novo e ele concordar e a gente viver bem daqui para frente”*. Algumas mães do Grupo B (n=2,33%) gostariam que o pai passasse mais com ela e os filhos.

### **Influência dos Avós na Vida Familiar**

Nesta seção são apresentadas as percepções de mães a respeito das influências e do apoio dos avós na vida familiar, enfatizando as influências diretas na vida atual da família, especialmente durante a gestação e o nascimento dos netos. Consideramos, também, as influências indiretas dos avós na família, abordando a transmissão de valores intergeracionais, com foco na vida familiar atual e na infância das mães.

#### **Influência Direta dos Avós na Família**

Há interferência dos avós na vida familiar? Como se dá a transmissão intergeracional de valores, e em quais aspectos da vida familiar? Como as mães percebem o apoio de suas próprias mães, pais e sogros durante a gestação e o nascimento dos netos?

### A Interferência dos avós na vida familiar

Grande parte das mães de ambos os Grupos acreditava que os avós não interferiam na vida familiar, conforme mostra a Figura 21. A **não** interferência foi relatada com mais frequência pelas mães do Grupo B, fato ilustrado pelo seguinte depoimento: *“Eles sempre falam que ‘Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher’, sempre... A gente não é de confusão, a gente não é de tá assim discutindo, aí, sempre, eles nunca falaram nada, não”* (Grupo B).

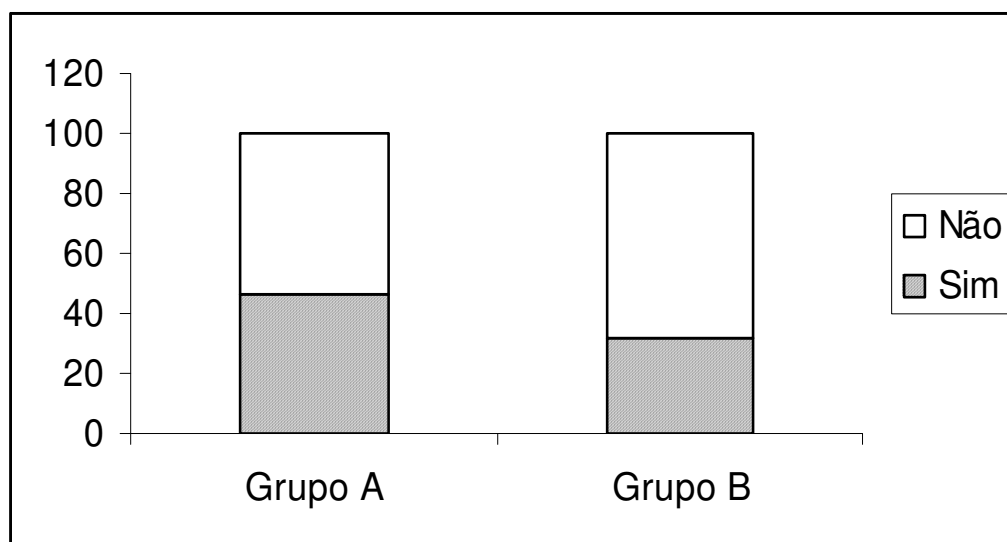
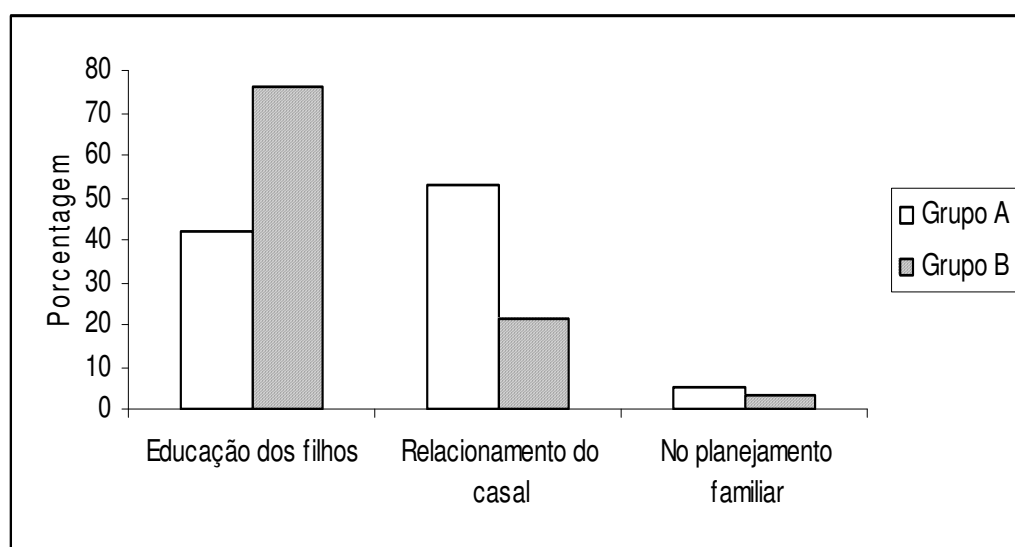


Figura 21. Percepção de mães acerca de interferência dos avós na família, por Grupo.

Dentre as mães que responderam que os avós interferiam na vida familiar, a maioria considerava que essa interferência ocorria em relação à educação de seus filhos: *“Ela fala para eu não bater no L. porque ele é criança, mas quando ele estiver mexendo em alguma coisa é para eu dizer que não pode. Ele gosta muito de mexer na televisão, mexer nas tomadas. Ela diz que nessa hora eu tenho que dar um tapinha na mão dele e falar ‘não pode’,*

*eu tenho que ensinar” (Grupo A). “Que não pode deixar as crianças na rua, que eu tenho que ensinar elas enquanto elas é pequena, principalmente sobre esse negócio de droga, essas coisas, ela (avó materna) fala direto pra mim, que eu não posso ficar apoiando eles em tudo que eles quiserem fazer. Eu tenho que disciplinar, né, não espancar, saber disciplinar eles” (Grupo B). A Figura 22 apresenta os aspectos da vida familiar em que a interferência dos avós se faz mais presente, segundo o relato das mães.*



*Figura 22. Interferências dos avós na vida familiar, segundo as mães.*

Em frequência menor à educação dos filhos, as mães responderam que a interferência ocorria no relacionamento do casal, incluindo aspectos da relação conjugal. *“Por exemplo, eu sou filha, se eu estiver certa, eles apóiam, se eu tiver errada, elas sentam comigo e dizem: ‘Não é assim, é assim que você tem que fazer, é desse jeito.’ Só mesmo quando a gente discute, a mãe (avó materna) está sempre falando: ‘Olha, ele (marido) foi errado nesse*

ponto', ou então, se for eu, ela também fala. Fala para mim, fala para ele, a minha mãe não é de esconder nada, não" (Grupo A).

É interessante notar que as mães do Grupo A relataram que a interferência ocorria mais em aspectos do relacionamento conjugal, enquanto as do Grupo B em relação à educação dos filhos. Algumas mães do Grupo B (n=9,37%) também responderam, ainda, que os avós atrapalhavam a harmonia familiar, fato ilustrado pelo seguinte relato: "*A sogra interfere muito. Eu não falo nada, não, para evitar briga. Mas, eu falo com o filho dela: 'Ah, a tua mãe tem hora que...'*" (Grupo B). Cabe ressaltar que apenas as sogras foram destacadas nas respostas.

#### **Os avós e a transmissão de valores: usando o aconselhamento como estratégia**

De acordo com o relato das mães (Grupo A=79,31%; Grupo B=90,34%), os avós exercem influencia na família transmitindo os seus valores e crenças por meio do aconselhamento. Os conselhos transmitidos são em relação à educação dos netos, aos hábitos de higiene, às práticas religiosas, ao relacionamento do casal e às finanças da família, conforme os relatos a seguir: "*Dar mais educação, não deixar os filhos ficarem na rua, ser mais educado, essas coisas assim. Nunca se meter nas conversas das pessoas mais velhas, ser mais obedientes*" (Grupo A) e "*Ela (avó) gosta muito dos netos e ela tem um jeito muito especial de tratar e ensina boas maneiras, comer com educação, tomar banho na hora certa, assim, além de brincadeira, porque ela foi professora primária, então ela tem, assim, muito jeito para lidar com criança. Então, ela quer passar para as crianças aquilo que ela já fez*" (Grupo A). A Figura 23 mostra o percentual de relatos de "conselhos" dos avós à família, classificados por área (tipos) com especificação do Grupo.

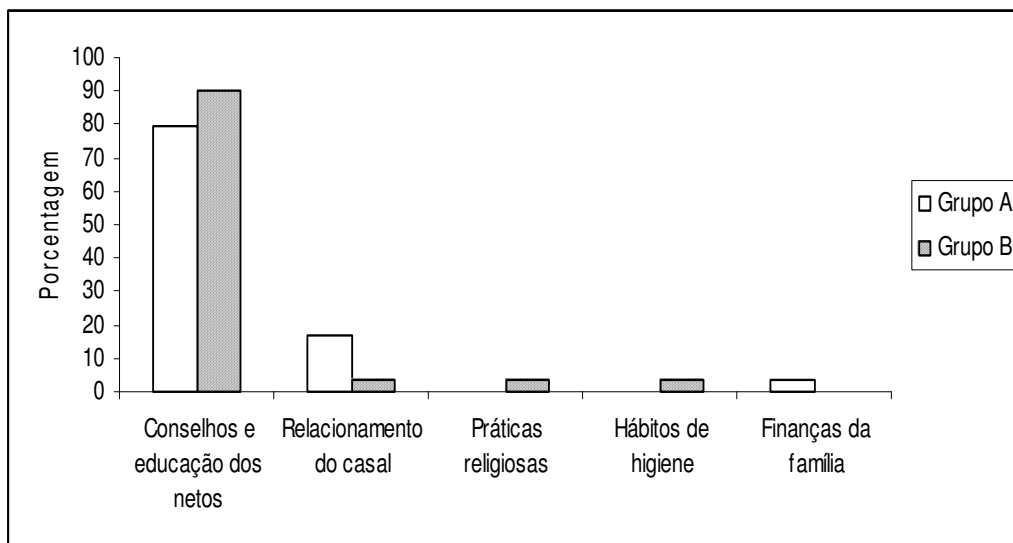


Figura 23. Tipos de aconselhamento dos avós para a família, segundo o relato das mães.

Apenas uma mãe do Grupo A relatou a transmissão de valores através do aconselhamento sobre as finanças do casal. *“Eles aconselham a não gastar muito, a gente gasta muito, a gente viaja muito, a gente tem que ser mais econômico”* (Grupo A). Ainda, no Grupo A, quatro mães acreditavam que os avós não transmitiam nada para seus netos, por serem distantes afetivamente da família. Já no Grupo B, três mães compartilhavam da idéia de não passar para seus filhos o que lhes foi transmitido por seus pais (avós dos filhos), por não concordarem com a educação recebida por eles: *“Eu não quero passar nada pra minha filha, porque fui criada muito mal”* (Grupo B).

### **O apoio dos avós durante a gestação e o nascimento dos netos**

Quando questionadas se os avós apoiavam (Grupo A) ou haviam apoiado a família durante a gestação e o nascimento dos netos, grande parte das mães do Grupo A (82,22%) e do Grupo B (83,33%) respondeu que sim, isto é, que os avós participavam colaborando nesse

período: *“Ela (avó paterna) tá sempre do meu lado, tá sempre conversando, tá sempre perguntando pelo neném. Eu sempre fui muito ligada... até hoje, são mais os meus sogros. Nós somos totalmente dependentes dos meus sogros”* (Grupo A) e *“Minha mãe dava banho, olhava... Fui dar banho um dia antes da minha mãe ir embora”* (Grupo B). As mães relataram também a intenção de os avós participarem: *“Eu vou ganhar neném agora e minha mãe vem cuidar de mim, vai ficar comigo uns seis meses, uns oito meses, que ela quer que eu vá trabalhar”* (Grupo A). Uma minoria de cada grupo considerou que os avós não apoiaram a família durante a gestação e o nascimento dos netos, havendo similaridade nos percentuais de respostas por grupo (Grupo A=17,78%; Grupo B=16,67%).

Apesar de grande parte das mães considerar que os avós apoiavam a família durante a gestação, algumas mães relataram que a família mantinha pouco ou nenhum contato com os avós, especialmente pela distância geográfica e/ou afetiva: *“Já tem três anos que eu não vejo a minha mãe, mas carta, o J.(filho) mesmo, todo mês, eu mando fotografia, todo mês, todo mês... Ela (avó materna) nunca viu o neto, só por fotografia”* (Grupo A) e *“A mãe dele sempre botava um obstáculo. Não queria que a gente ficasse junto, falando para ele só assumir ela (filha), para não vir morar comigo. Tinha vez até que ela falava para mim tirar. A mãe dele até hoje é falsa”* (Grupo B).

Prover ajuda material ou financeira, aconselhar sobre os cuidados na gestação e com os bebês, preocupar-se com a saúde e o bem-estar das mães e dos bebês, cuidar do(s) neto(s) e auxiliar nas tarefas domésticas foram os tipos de participação dos avós mais relatados pelas mães, conforme mostra a Figura 24.

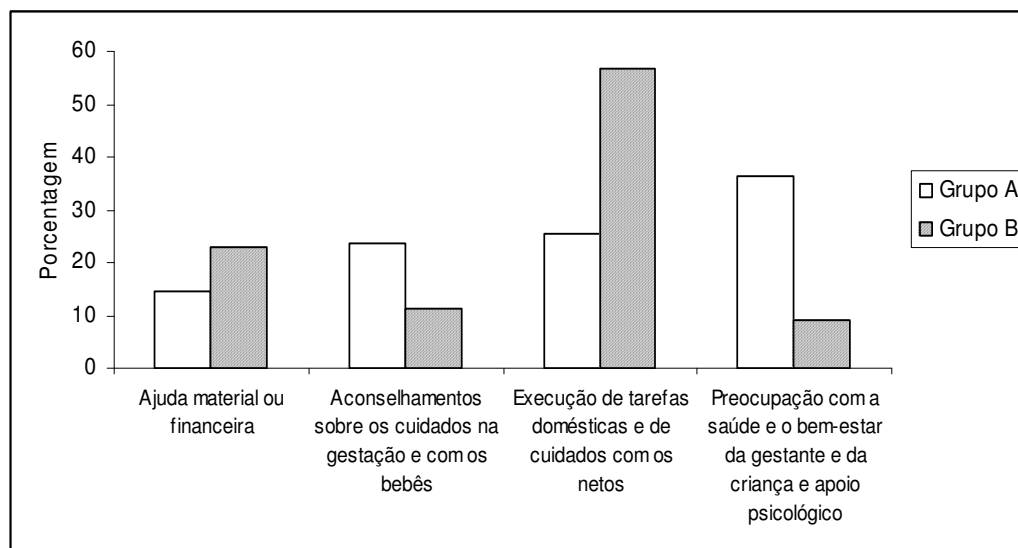


Figura 24. Tipo de participação dos avós durante a gestação e o nascimento de seus netos, segundo as mães.

A maior parte das avós do Grupo A demonstraram preocupação com a saúde e o bem-estar das mães e dos netos: *“Ela (avó materna) tá sempre querendo saber como eu tô, a respeito do meu bem-estar, sobre eu me adaptar”* (Grupo A) e *“Sempre que a minha mãe vinha me visitar ela dizia que gravidez é assim, não é coisa pra espantar”* (Grupo B). Já no Grupo B, a maior contribuição das avós deu-se no auxílio com as tarefas domésticas e de cuidados com os filhos: *“às vezes até brigam (pai e avó materna) pra ver quem cuida do neném! Ela nem deixa eu dar banho, só ela!”* (Grupo B) e *“quando eu for ganhar, vou ficar na casa da sogra, ela falou vem, pra eu poder ajudar”* (Grupo A).

Também foram citados os aconselhamentos sobre os cuidados na gestação e com o bebê: *“A minha mãe teve o máximo de cuidado comigo em tudo, até superproteção”* (Grupo A) e *“Então, quem mais me ajudou foi a minha sogra, me apoiou muito. Tudo que eu sentia ela dizia: ‘Não, isso é normal, gravidez é assim.’ Quando eu tava sentindo alguma coisa, elas: ‘Vai no hospital que em casa não resolve’”* (Grupo B). A ajuda material ou financeira



também foi freqüente, especialmente no grupo B (22,73%): *“Não, assim, dava as coisas, ajudava, mas ele (avô materno) deixou o carro para ele (marido) ir trabalhar... Então, ele ajudava em tudo. Até o meu esposo falou, o pai que ele não teve”* (Grupo B) e *“Ela (avó paterna) trabalha num restaurante, ela traz muita coisa pra mim, para meu filho. Ela compra roupa, brinquedo, ela tá sempre ajudando”* (Grupo A).

### **Influência Indireta dos Avós na família: A Infância das Mães**

Apresentamos, nesse tópico, as influências indiretas dos avós na família, abordando especialmente a infância das mães. Ao lembrarem do passado, elas resgataram informações sobre aspectos positivos e negativos de sua própria infância e juventude que têm reflexos na vida da família recém-construída.

### **Influência indireta dos avós: o que as mães mais gostaram em sua infância**

Parte das mães do Grupo A (33,61%) e a maioria do Grupo B (55,88%) mencionaram não ter gostado de nada em sua infância: *“Não gostei de nada da minha infância. Nem da minha infância, nem da minha adolescência, de nada!”* (Grupo A) e *“Não passei nada bom na vida, não. Tudo foi ruim”* (Grupo B).

Algumas mães gostaram da criação recebida, fato ilustrado pelos seguintes relatos: *“Minha criação foi ótima, porque a minha mãe tratou a gente sempre com muito carinho, a gente sempre contou com o apoio de mãe e pai e, mas ela nunca foi de espancar a gente, um pouquinho, de vez em quando, mas graças a Deus, isso eu devo a ela, hoje ela ter me criado desse jeito e é isso que eu tento passar para os meus filhos, é isso”* (Grupo A) e *“Minha infância foi toda boa. Eu vivia igual eu vivo hoje, sem sair de casa. Essa foi a criação que minha mãe me deu. Na casa de um vizinho, eu só ia para fazer algum mandado. E ainda tinha*

*aquele negócio: 'Vou cuspir no chão e se você chegar e o cuspe tiver seco, é uma surra.' Aí, tinha que ir e voltar rapidinho” (Grupo B).*

Outras mães citaram a liberdade própria da infância: *“Eu sempre brinquei (...) A minha infância foi boa, então, eu vou procurar passar pra ele (filho) a mesma coisa” (Grupo A).*

Porém, algumas mães gostaram da atenção e do carinho recebidos pela família: *“O carinho dos meus pais. Eu vou dar muito carinho como eu tive, né!? Muito carinho!” (Grupo A) e*

*“Meus pais me ensinaram a não ser egoísta, gosto muito de ser assim, tô sempre ajudando” (Grupo B).* Outras mães gostaram de ter tido acesso a bens materiais: *“Tive muito brinquedo, bicicleta, porque meu pai me dava. Tudo o que eu precisava, meu pai me dava” (Grupo A).*

As mães de ambos os grupos também relataram ter gostado mais da oportunidade dada pelos pais para que pudessem estudar: *“Tive estudo, minha vida foi legal, vou passar isso pra eles (filhos) também” (Grupo A) e “Eles (avós) me forçaram muito a estudar, eu é que não queria estudar. Isso é o que eu quero passar pros meus filhos. Eu quero forçar ele a estudar porque eu quero que ele seja alguém na vida” (Grupo B).* A Figura 25 mostra os percentuais de respostas de mães à pergunta “o que mais gostaram em sua infância”, por grupo.

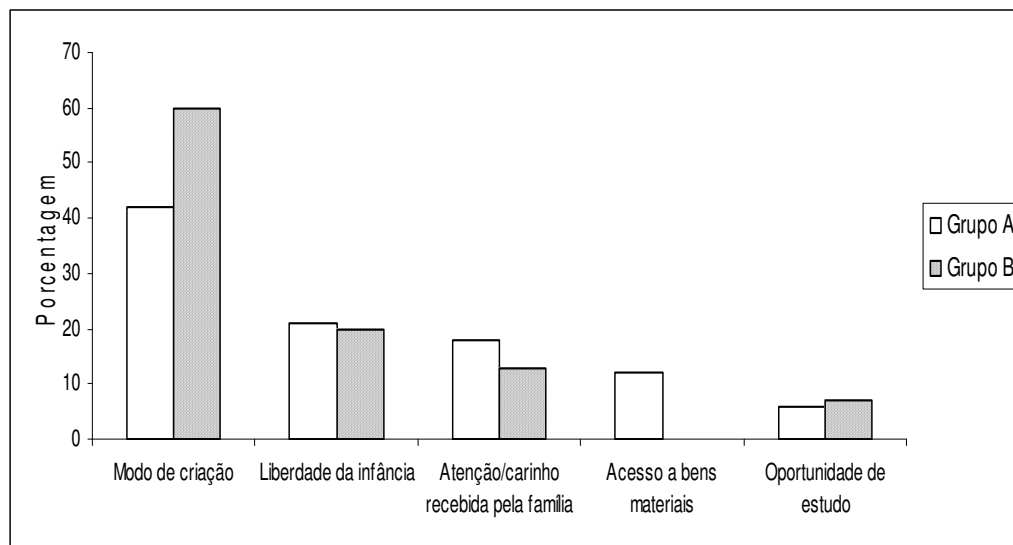


Figura 25. O que as mães gostaram em suas infâncias.

### **Influência indireta dos avós: o que as mães não gostaram em sua infância**

Quando questionadas sobre o que não gostaram em suas infâncias, parte das mães do Grupo A (43%) e do Grupo B (31%) mencionou o fato de terem precisado parar de estudar: *“Eu quero que eles (filhos) tenham infância, que eles brinquem, que eles estudem, porque eu também não estudei muito, queria ter estudado mais. Não pude por causa do trabalho”* (Grupo A) e *“Quando eu era criança, morava no interior e trabalhava na roça. E tudo que fazia era para comprar roupa, calçado, porque a gente não tinha quem dava nada para a gente. Se a gente fosse na escola uma semana, passava duas, três sem ir porque era longe e tinha que trabalhar”* (Grupo B).

Algumas mães (Grupo A=25%; Grupo B=25,65%) relataram a existência de problemas familiares, tais como o mau comportamento destas durante a sua infância, o alcoolismo do pai. Ter vivenciado as brigas entre os pais também foi uma queixa comum em ambos os grupos, conforme ilustrado pelos seguintes relatos: *“A situação dos meus pais,*

*porque eles tinham se separado, um ido para um lado, outro para o outro. Então, a gente passou um tempo com o meu pai, outro com a minha mãe. Isso foi uma coisa ruim porque a gente quer sempre ficar com os dois. Larga um e fica com o outro, aí, a gente se sente culpado, vai para o outro e se sente culpado do mesmo jeito. Eu não quero que ele nunca passe por isso. Isso foi muito ruim, foi o que me marcou”* (Grupo B). A Figura 26 mostra o percentual de categorias relatadas pelas mães a respeito do que elas não gostaram em suas infâncias.

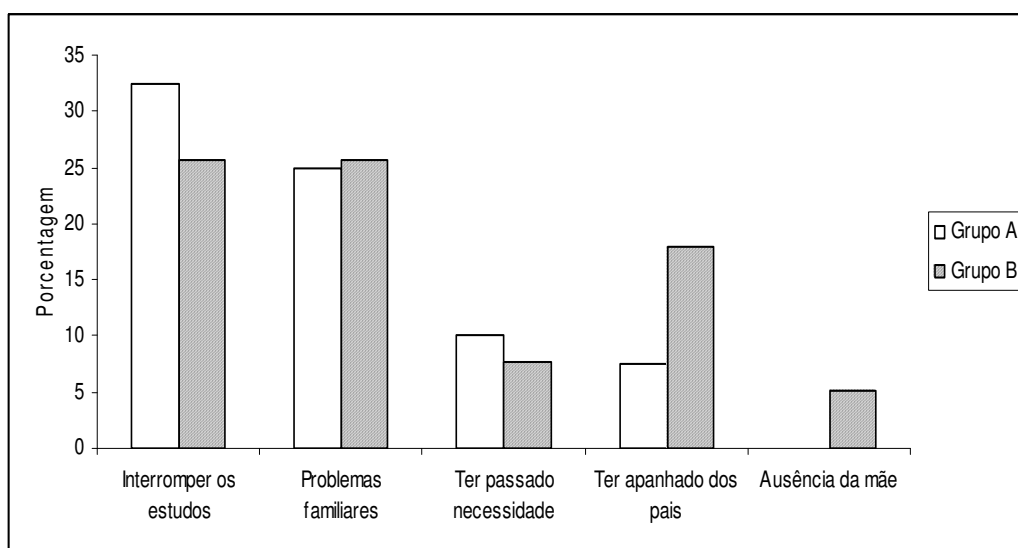


Figura 26. O que as mães não gostaram em suas infâncias.

As mães também lamentaram ter passado necessidades materiais: *“Eu acho que a minha infância foi assim um pouco difícil. Minha mãe dizia que quando ela me ganhou, até os cinco anos de idade, nós passamos uma fase de fome. O que eu mais peço a Deus é que pelo menos o pão de cada dia, saúde, são duas coisas que eu não quero que faltem para os meus filhos”* (Grupo A) e *“Nunca tive nada! Meus filhos têm tudo que eu nunca tive. Eu não tive*

*nem uma boneca para brincar, eu brincava com um sabugo! E, hoje, eles têm o que eu nunca tive. Eles têm brinquedo que eu nunca tive, tem o carinho que eu nunca tive” (Grupo B). Já outras mães (Grupo A=7,5%; Grupo B=17,95%) se ressentiram por terem apanhado dos pais, e de não terem se divertido como gostariam: “Eu apanhei demais, tanto da minha mãe, do meu pai e dos meus irmãos. Isso é o que eu não gostaria de passar para o meu filho” (Grupo B).*

## DISCUSSÃO

Apresentamos, na primeira seção, as reflexões acerca do método utilizado na pesquisa, enfocando os instrumentos, a fonte da informação e os procedimentos utilizados. Na segunda seção é realizada a discussão dos resultados, englobando, em tópicos, os modos de vida familiar e a rede social de apoio durante a gravidez e o nascimento de filhos, o envolvimento do pai na família e a contribuição dos avós para a vida familiar. Por fim, apresentamos as contribuições deste estudo aos projetos de intervenção e às pesquisas futuras.

### **Reflexões Sobre o Método do Estudo**

Primeiramente, consideramos que esta pesquisa foi pertinente, relevante e enriquecedora para o estudo das transições familiares decorrentes do nascimento de filhos, especialmente no que se refere à rede social de apoio. Nossos dados confirmam a importância, para a mãe, deste momento de transição, e apontam a necessidade de uma maior atenção à família nesse período.

De modo geral, verificamos mais similaridades do que diferenças entre os Grupos A e B. Isso pode ter ocorrido pelo fato de grande parte das mulheres do Grupo A já terem filhos, o que tornou a configuração familiar semelhante em ambos os Grupos. Provavelmente, os resultados teriam sido menos similares caso o Grupo A fosse composto apenas por mulheres primíparas, e o Grupo B por mães não primíparas. Essa configuração nos traria informações valiosas sobre as características próprias da transição para a parentalidade, além de uma boa base para comparação entre estes dois momentos distintos de transição familiar decorrente do nascimento de filhos. No entanto, o foco deste estudo

foi sobre as alterações próprias das transições decorrentes do nascimento de filhos, visando a comparação entre o período de gestação e o período imediatamente após o nascimento do bebê, quando a dinâmica da família sofre alterações drásticas (Dessen, 1992.).

Como o intuito desta pesquisa foi averiguar o momento familiar pela perspectiva materna, a realização das entrevistas e a aplicação dos questionários apenas com as mães foi condizente com seu objetivo. Porém, caso também tivéssemos aplicado os instrumentos aos pais, teríamos um quadro mais completo do modo de funcionamento familiar, possibilitando a comparação dos relatos das mães e dos pais e, conseqüentemente, uma compreensão mais global da família, que só é possível quando incluimos, na coleta de dados, todos os membros familiares (Dessen & Lewis, 1998).

Neste sentido, contribuindo também para uma compreensão mais completa do sistema familiar, estaria a inclusão dos avós como participantes da pesquisa. Os avós, como os pais, permitiriam uma especulação mais fidedigna acerca do quanto o apoio recebido pela mãe corresponderia ao apoio por ela percebido, pois eles nem sempre são os mesmos (Lakey, McCabe, Fisicaro & Drew, 1996). Provavelmente teríamos respostas diferentes quanto a alguns aspectos perguntados, como a divisão de tarefas domésticas e de cuidado dos filhos. Especulamos, ainda, que talvez os avós teriam apresentado aspectos positivos da infância das mães que elas não apresentaram, por exemplo. Esses dados enriqueceriam a pesquisa e nos possibilitariam comparar aspectos diferentes da transição familiar aqui abordada.

Apesar dos aspectos mencionados anteriormente sobre o tipo de delineamento e fontes de informação limitadas apenas às mães, podemos afirmar que o método utilizado foi correto e coerente ao que foi proposto, tendo em vista os objetivos dessa dissertação. Foi possível descrever sutilezas das similaridades e diferenças entre os Grupos e, também,

características específicas de cada um deles. Além disso, foi possível conhecer não apenas a estrutura da rede de apoio social, mas também o seu funcionamento, o que é o mais indicado, conforme ressaltado pela literatura (Cohen & Wills, 1985).

A utilização da entrevista semi-estruturada e do questionário sociodemográfico possibilitou a coleta de informações complementares sobre as alterações familiares ocorridas nos dois momentos da transição decorrente do nascimento dos filhos. O foco em três vertentes da dinâmica da vida familiar durante a gestação e o nascimento de filhos: rede social de apoio das famílias, participação do pai e seu apoio à mãe e a influência intergeracional na vida familiar, pode ser considerado de relevância social inquestionável.

Acreditamos, ainda, que um roteiro específico de entrevista, com questões aprofundadas, poderia ter sido desenvolvido para que tivéssemos acesso mais amplo à infância das mães. Caso pudéssemos compreender melhor a infância delas, teria sido possível estabelecer relações mais significativas entre essa e a influência dos avós na vida dos netos, já que os dados relatados pelas mães não nos permitem fazer as associações esperadas.

Sobre a participação dos avós ressaltamos que, da maneira como o questionário e o roteiro de entrevista foram elaborados, não houve uma distinção entre os avôs e as avós, o que impossibilita uma comparação entre a influência de ambos na vida familiar. O relato das mães sugere que as respostas foram quase inteiramente baseadas na participação das avós; porém, não podemos afirmar com segurança que a participação das avós no contexto brasileiro se faz mais presente. Portanto, há necessidade em pesquisas futuras de haver uma diferenciação entre os avôs e as avós nas questões investigadas além, é claro, de incluir ambos como fonte de informação para a pesquisa.



Ainda sobre os instrumentos, apesar destes terem sido bem empregados para os objetivos propostos, o uso de outros tipos de instrumentos teria nos possibilitado o acesso a informações de natureza distinta e/ou aprofundadas. Por exemplo, o uso de escalas para avaliar o relacionamento conjugal, como a Escala de Ajustamento Diádico (Spainer, 1976) teria tornado possível compreender melhor as relações conjugais. A nossa compreensão desse período de transição teria sido também enriquecida se medidas do estresse parental tivessem sido utilizadas. Esses são apenas exemplos de instrumentos a serem utilizados, pois sabemos que há diversas opções de escalas para obtenção de dados que seriam relevantes nessa pesquisa.

Cabe ressaltar, ainda, que a utilização de metodologia de observação forneceria informações valiosas a respeito das interações e das relações familiares em seus diferentes subsistemas: genitores, netos, avós-netos e marido-esposa. Assim, mais do que as percepções de mães, pais e avós acerca do tipo de atividades realizadas com as crianças, por exemplo, seria possível verificar como eles realizam tais atividades e como interagem entre si.

Outro aspecto importante a ser considerado é o local e a quantidade de encontros com a família. Nessa pesquisa, só foi possível estar em contato com a mãe, em um único momento, no posto de saúde. Por razões de “custos e benefícios” da atividade de pesquisa no contexto acadêmico brasileiro, a família não foi acompanhada durante um período de tempo mais longo, inviabilizando a adoção de uma perspectiva longitudinal, ideal para captar mudanças no desenvolvimento (Fleith & Costa-Junior, 2005). As propriedades das relações não estão ligadas apenas às interações, mas à sua frequência relativa e aos padrões desenvolvidos ao longo do tempo (Hinde, 1979). Portanto, na investigação das relações e de suas alterações, o ideal seria realizar coleta de dados mais de uma vez ao longo do

tempo, para que pudéssemos ter, pelo menos, duas medidas, ao invés de ter apenas um “retrato” de suas características (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Apesar das limitações desta pesquisa, parte devido à falta de condições apropriadas para a sua condução, sobretudo de tempo e de recursos humanos qualificados para a coleta, os dados obtidos nos permitem conhecer um pouco melhor as transições decorrentes do nascimento de filhos no contexto brasileiro. O relato da mãe sobre sua rede social de apoio e sobre a situação da família durante os momentos de transição foi suficiente para que uma série de questões fosse levantada, garantindo, assim, o valor heurístico desta pesquisa, e alertando para a importância de se implementar mais estudos sobre as transições decorrentes do nascimento dos filhos no contexto das famílias brasileiras.

### **O Que os Resultados Sugerem?**

Nesta seção apresentamos três tópicos: os modos de vida familiar e a rede social de apoio durante a gravidez e o nascimento de filhos, o envolvimento do pai na família, destacando como o pai é e como a mãe gostaria que ele fosse, e a participação dos avós na vida familiar. Pretendemos, assim, retomar os principais resultados, confrontando-os com a literatura existente sobre o assunto.

#### **Modos de Vida Familiar e Rede Social de Apoio Durante a Gravidez e o Nascimento de Filhos**

Quais são as atividades realizadas pela família e como é feita a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos? Quais as mudanças que ocorrem na família durante a gestação e por ocasião do nascimento de filhos? Estas são as duas questões tratadas neste tópico.

### **As atividades familiares e os trabalhos domésticos**

As atividades familiares, em grande parte, eram realizadas em casa. As famílias permaneciam em suas residências e recebiam visitas de parentes e/ou amigos, ou os visitavam. Essas atividades eram realizadas, na maior parte das vezes, na companhia dos companheiros e dos filhos. Esses dados sugerem que, durante a gestação e após o nascimento dos filhos, as atividades da mãe limitavam-se ao ambiente doméstico, tendo como companhia os familiares, o que ressalta o dado de que a chegada de um recém-nascido favorece o isolamento dos genitores (Cusinato, 1994). Neste contexto, o apoio promovido por pais, avós e demais parentes torna-se preponderante, já que estes são, em muitos casos, as pessoas que estão cotidianamente presentes na vida das mães.

Muitas mães relataram, também, uma diminuição de contatos com amigos e outras pessoas, por dificuldades de manter uma vida social fora do lar, confirmando os dados de alguns estudos (Brody & cols., 1986; Sydow, 1999). Conforme pesquisa realizada por Burchinal e cols. (1996), as mães que possuem uma rede de apoio social mais densa, ou seja, formada por um número maior de pessoas, incluindo parentes, tendem a ter maior assistência e maior número de contatos e interações diárias do que as mães com redes sociais menores. Supostamente, as mães brasileiras da amostra possuem uma rede social numerosa tendo, portanto, mais possibilidades de contato do que se a rede social fosse menor. Em uma rede extensa, caso ela não receba o apoio esperado em um determinado ambiente social, ela terá uma possibilidade maior de encontrá-lo junto a outras pessoas. Portanto, a dificuldade da amostra deste estudo manter uma vida social fora do lar parece estar mais associada à dificuldade financeira do que ao tamanho da rede social.

É conveniente lembrar que mais da metade da amostra de mães, em ambos os Grupos, era composta por mulheres que não trabalhavam fora de casa executando, quase

todas, apenas atividades domésticas, o que pode favorecer o isolamento e a diminuição de contatos com amigos. Se por um lado isto restringe os contatos com colegas e amigos, por outro aumenta a possibilidade de contato com a vizinhança, sobretudo em famílias que residem em bairros periféricos, como é o caso da maior parte da amostra deste estudo. Além disso, conforme dados da literatura (Cohen & Wills, 1985; Sluzki, 1997), apenas a quantidade de membros existentes em uma rede social de apoio não é um preditor da sua qualidade. Portanto, essa diminuição de contato social vivido pelas mães durante o nascimento dos filhos pode ser um indício de diminuição de recebimento de suporte, mas este fato não se constitui em um fator absoluto.

Algumas das mães que trabalhavam deixaram de trabalhar ou de estudar para cuidarem de seus filhos e do lar. Cowan e Cowan (1988), Salmela-Aro e cols. (2000) e Singley e Hynes (2005) consideram ser comum as mulheres exercerem com menor frequência funções remuneradas após o nascimento do bebê. No Brasil, apesar de as mulheres atuarem cada vez mais no mercado de trabalho, os homens ainda são os principais provedores domiciliares, correspondendo a 75% dos lares brasileiros (IBGE, 2006).

Quanto à divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos, as mães de ambos os Grupos eram as principais responsáveis por todas as tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos, confirmando os dados da literatura (Lewis & Dessen, 1999). Ainda que os pais participassem da distribuição das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, eles não assumiam a responsabilidade por tarefas cotidianas, cabendo este papel às mães.

A única atividade doméstica em que a participação dos pais igualava-se à das mães era “fazer compras” e, ainda assim, as mães eram as principais responsáveis. Esta informação está de acordo com a encontrada por Barnett e Hyde (2001), que consideram

comum a mulher se responsabilizar pelas tarefas domésticas, enquanto o homem se responsabiliza pelas compras e pela aquisição de bens materiais para o lar.

Quando questionadas sobre as possíveis mudanças no recebimento de apoio nas tarefas domésticas durante a gestação e o pós-parto, a maior parte das mães do Grupo A relatou ter recebido maior ajuda na execução das tarefas domésticas durante a gestação. No grupo B, porém, a maioria das mães respondeu que não houve alterações, pois elas já executavam as tarefas sozinhas, e continuaram a fazê-las. Essa disparidade pode ter ocorrido pelo fato de que, no Grupo A, quase a metade das mães estava grávida de seu primeiro filho, com a idade gestacional variando, na maioria, entre o quarto e o nono mês. A carga de tarefas domésticas, portanto, era possivelmente menor, além de não haver a necessidade de atenção e cuidados com o restante da prole. Ademais, nesse período da gestação, as mudanças físicas no corpo da mãe são evidentes, e é comum que as pessoas se compadeçam pelo estado da gestante, auxiliando-a no que seja necessário. Podemos citar, ainda, que essas famílias estavam vivendo a “novidade” da primeira gestação, o que pode ter trazido sentimentos de “recomeço” para o casal, inclusive na redistribuição das tarefas domésticas.

Já no Grupo B, todas as mulheres possuíam um filho de até seis meses, e metade delas possuía também, ao menos, outro filho. Com isso, é possível que as mães estivessem se sentindo sobrecarregadas pelo acúmulo de funções com as tarefas domésticas e com os outros filhos, além de estarem se adaptando à vida familiar com a chegada de mais um componente. Quanto a isso, cabe ressaltar que, ainda que as mães do grupo B tenham sido questionadas tanto sobre o período atual quanto sobre sua última gestação, a tendência destas mães pode ter sido falar apenas sobre a situação vivenciada no momento de coleta de dados. Isto explica em parte as diferenças de relato das mães dos Grupos A e B, no que

tange às atividades familiares e aos trabalhos domésticos. De modo geral, verificamos uma satisfação maior com a rede de apoio social no Grupo A, especialmente com o pai, quanto à divisão de tarefas domésticas e de cuidado dos filhos. Essas mães demonstraram, também, uma satisfação maior com o modo de vida familiar.

### **Há mudanças na família decorrentes da gestação e do nascimento de filhos?**

Grande parte das mães relatou que houve mudanças, especialmente no recebimento de ajuda psicológica e na divisão das tarefas domésticas. Segundo Cusinato (1994), as transições decorrentes do nascimento dos filhos acarretam mudanças significativas para a família, com benefícios para mães e pais, mas trazem consigo desafios e problemas a serem enfrentados, pois a chegada de um recém-nascido requer um reajustamento à nova situação.

De acordo com estudo realizado por Levitt e cols. (1986), grande parte das mães pesquisadas considerou que houve mudanças, tanto negativas quanto positivas, nos relacionamentos com seus maridos, seus pais e suas mães após o nascimento do bebê. Afinal, conforme discutido anteriormente, não existe mudança mais profunda do que a chegada de uma nova criança ao sistema familiar, e a transição para a parentalidade constitui uma grande alteração na vida do homem e da mulher (Montigny & cols., 2006; Piccinini & cols., 2004; Salmela-Aro & cols., 2000).

Dentre as mães que relataram mudanças no relacionamento com o companheiro e a família, grande parte considerou que houve piora nessas relações. Conforme dados da literatura (Cowan & Cowan, 1988; Delmore-Ko & cols., 2000), é comum pais e mães vivenciarem estresse e problemas na relação conjugal após o nascimento do bebê. Além disso, conflitos existentes entre nora e sogra que, em geral, apresentam uma série de dificuldades, também podem ter contribuído para a percepção de piora nas relações

familiares relatadas pelas mães. Mesmo a relação mãe-filha, já no papel avó-mãe, pode tornar-se negativa após o nascimento dos netos, pois pode haver interferências nos aspectos parentais e até mesmo conjugais, podendo levar a atritos entre as diferentes gerações (Walsh, 1995).

Quanto ao apoio recebido, grande parte das mães considerou que houve mudanças durante o período gestacional ou nos primeiros meses de vida do bebê. A maioria das mães do Grupo A e todas as mães do Grupo B responderam ter recebido apoio, atenção, carinho, preocupação e tratamento melhor do que recebiam anteriormente, o que reflete o padrão brasileiro, sobretudo em relação ao nascimento do primeiro filho. Como a rede de apoio social pode ser de diferentes tipos (Dessen & Braz, 2000; Gottlieb & Pancer, 1988), acreditamos que as mudanças relatadas pelas mães refletem os diferentes suportes providos por ela.

Dentre as mudanças percebidas pelas mães, a grande maioria foi considerada como positiva, pois refletiam um maior cuidado com elas pelas pessoas que estavam ao seu redor. Segundo Gjerdingen e Chaloner (1994) a percepção de estarem sendo cuidadas por seus companheiros, parentes e amigos está diretamente relacionada ao bem-estar materno, o que é benéfico para sua saúde e seu bem-estar geral. Esta pode ser, inclusive, uma contribuição para a menor probabilidade de ocorrência de depressão pós-parto (Gottlieb & Pancer, 1988; Singley & Hynes, 2005).

As pessoas que mais apoiaram as mães durante a gestação atual (para o Grupo A) ou a mais recente (para o Grupo B) foram seus familiares e, dentre estes, os principais envolvidos foram os companheiros, os avós e os tios maternos. Este dado está consoante com a literatura, pois segundo Levitt e cols. (1986), os maridos, as crianças mais velhas, os pais e as mães (das mães) foram os principais participantes da rede social de apoio e as

principais fontes de apoio. Dessen e Braz (2000) também sugerem que o pai é um dos principais membros na rede social de apoio da mãe.

Nas gestações anteriores, as mães vivenciaram a mesma experiência, ou seja, que companheiros, avós e tios maternos foram as principais fontes de apoio, porém com índices de citações mais baixos. Essa diferença se deu, possivelmente, ao tempo decorrido, já que é comum não lembrarmos detalhadamente de situações que ocorreram no passado, conforme mencionado anteriormente.

Esses dados reforçam a importância da família como a principal fonte de apoio materno, já que os parentes foram bem mais citados do que os não-familiares e as instituições. Ainda que seja necessário considerarmos os diferentes grupos envolvidos na rede social de apoio (Feijó, 2006), fica claro que a família ainda é a principal expoente na realidade brasileira.

Quando perguntadas se houve mudanças quanto ao contato social, a maior parte das mães dos Grupos A e B respondeu que sim, alegando que essas mudanças ocorreram, especialmente pelo fato de as famílias terem passado a permanecer mais tempo em casa. Dentre as mães que responderem não ter havido mudanças, elas consideraram que a família manteve o mesmo padrão de contato social existente antes da gravidez, já que foi mantida a mesma rotina (visitar parentes, ficar em casa, sair com amigos para festas, reuniões, passeios com pessoas da igreja e bater papo com vizinhos). Essas afirmações reforçam a importância do companheiro e dos familiares próximos como componentes da rede de apoio social, conforme descrito anteriormente.



### **Envolvimento do Pai na Família: O Pai Real e o Pai Ideal**

Neste tópico apresentamos, inicialmente, a participação do pai na vida familiar, considerando, especialmente, os cuidados com os filhos e a sua participação nas atividades domésticas. Em um segundo momento, são discutidas as questões acerca do que seria uma participação ideal do pai na família, segundo o relato das mães.

#### **O Pai Real: Participação na Vida Familiar**

Segundo o relato das mães, especialmente as do Grupo B, a maioria dos pais não executava ou executava poucas tarefas domésticas. Esse é um dado interessante, pois há vários estudos (Bustamante, 2005; Pontes, 2002) que consideram que o papel do pai na família vem mudando, especialmente quanto à sua maior participação nas atividades domésticas e no cuidados com os filhos. Os resultados dessa pesquisa apontam, porém, uma realidade diferente, em que o pai mantém um papel tradicional, cabendo às mulheres os cuidados com a prole e o lar (Setton, 2004).

A maior parte dessas respostas se deu no Grupo B, em que as famílias estavam com um recém-nascido, período em que se espera maior participação do pai. Caso a percepção das mães de que os pais não as estavam auxiliando corresponda à realidade, pode-se inferir, então, que os pais se envolvem pouco nas tarefas domésticas e com os cuidados aos filhos. Cabe ressaltar, entretanto, que segundo Deutsch e cols. (1993), as mães geralmente consideram que o pai nada faz em relação às tarefas domésticas, ainda que, factualmente, ele passe a prestar mais serviços domésticos após o parto. Não pretendemos afirmar que as mães estejam enganadas quanto ao comprometimento paterno, mas sim atentar para o fato de que é possível haver dissonâncias entre as expectativas das mães e a realização de tarefas domésticas pelos pais. A maior incidência dessa resposta no Grupo B pode ser

decorrente da exaustão física e mental da mulher, comum neste período cujo desafio é cuidar de um bebê pequeno, o que pode levá-la à sobrecarga de atividades domésticas e, com isto, subestimar a participação do pai.

Podemos considerar, ainda, as respostas quanto ao pai só realizar as tarefas quando solicitados, mais presentes no Grupo B. Essa situação reforça a idéia da importância do papel feminino na mudança de padrões masculinos na cultura brasileira. Pesquisas deveriam ser implementadas sobre a participação dos homens na vida familiar, com destaque para a influência da mulher, tanto das mães (durante o processo de socialização na infância e adolescência) quanto das esposas. Este fato necessita ser melhor investigado na cultura brasileira, visando o desenvolvimento de programas de educação familiar que priorizem uma maior participação do pai, pelo menos durante as transições decorrentes do nascimento.

A outra resposta mais citada pelas mães, especialmente as do Grupo A, foi aquela que considerava que os pais executavam todas as tarefas em casa. Essa afirmação corrobora os dados de pesquisa encontrados por Singley e Hynes (2005), que demonstram que os pais aumentam a execução das tarefas domésticas durante a gestação e após o parto, mantendo este padrão por um longo período após o nascimento do bebê. Além disso, ocorre também a necessidade de reorganização das tarefas domésticas e de cuidados com os filhos por parte do casal, o que pode contribuir para que os pais participem mais ativamente do cotidiano familiar (Goldberg & Michaels, 1988; Gottlieb & Pancer, 1988; Singley & Hynes, 2005). A incidência maior dessa resposta no Grupo A pode refletir uma possível dificuldade da mãe em realizar as atividades domésticas por causa da gestação já adiantada. Com isso, é provável que os companheiros dessas mães estivessem mais atentos e prestativos, a fim de evitar o desgaste da gestante.

Quanto aos cuidados com os filhos, as principais atividades realizadas pelos pais, relatadas tanto pelas mães do grupo A que já possuíam filhos nascidos quanto pelas mães do Grupo B, foram banhar, trocar as fraldas, vestir e alimentar os filhos. Brincar com eles também foi uma atividade relatada, com incidência similar em ambos os grupos. Essas respostas nos possibilitam compreender que os pais possuíam tarefas específicas no cotidiano familiar, e que não eram os principais responsáveis pela rotina da criança, o que corrobora dados da literatura (Cia & cols., 2005a; Lewis & Dessen, 1999).

Por outro lado, sabemos que, em alguns casos, as próprias mães não possibilitam que os pais cuidem efetivamente de seus filhos, delegando a eles um papel de “substituto” nas funções com os filhos (Deutsch, 2001; Phares & Compas, 1993). Nos dados desta pesquisa, algumas mães contaram que seus companheiros não participavam dos cuidados aos filhos mas, ao mesmo tempo, reclamavam do pouco que era feito, pois segundo elas as tarefas não eram “bem-feitas”. Para Gomes e Resende (2004) e Deutsch, quando a mãe possibilita que o pai também cuide dos filhos ela incentiva a relação deste com seus filhos, fica menos sobrecarregada, e encontra no pai um parceiro para essa tarefa.

Alguns pesquisadores (Jablonski, 1999; Tudge & cols., 2000) consideram que os pais interagem com os filhos principalmente através das brincadeiras e dos jogos, o que não apareceu nos relatos da rotina das famílias dessa amostra. Apesar de as brincadeiras terem sido citadas, tanto pelas mães do Grupo A quanto pelas mães do Grupo B, respostas genéricas (“os pais cuidam dos filhos”) ou tarefas específicas como as acima relatadas foram as mais citadas.

### **O pai real X o pai ideal: em busca do equilíbrio na família**

Apesar de grande parte das mães considerar que o pai executa poucas tarefas domésticas, e de serem elas as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos, elas parecem satisfeitas com isto, uma vez que relataram que o pai faz o que deveria fazer. Entre as mães do Grupo A, essa resposta foi mais freqüente do que entre as do Grupo B. Isso pode ser em decorrência das alterações ocorridas na rotina da casa, características do período imediatamente após o nascimento do bebê. É neste período que a família canaliza esforços para se adaptar à nova rotina “imposta” pela inserção de mais uma criança (Dessen, 1992). Cabe ressaltar que algumas famílias do Grupo A ainda não possuíam filhos nascidos e, portanto, a resposta das mães pode ter sido relativa apenas às atividades domésticas ou aos cuidados com a saúde da gestante e do feto ou, ainda, às expectativas desta com o papel paterno após o nascimento do bebê.

Executar as tarefas domésticas e educar ou cuidar dos filhos foram as atividades em que as mães gostariam que seus maridos contribuíssem mais efetivamente. Mas houve uma diferença expressiva entre as mães dos dois Grupos quanto à opinião a este respeito. Grande parte das mães do Grupo A considerava que o pai não deveria fazer mais, enquanto a maioria das mães do Grupo B relatava que os pais deveriam fazer mais. Essa diferença pode residir, novamente, no fato de que algumas mães do Grupo A ainda não tinham filhos e, portanto, responderam a esta pergunta de maneira hipotética.

Por último, grande parte das mães do Grupo A considerava que a participação do pai já era uma participação ‘ideal’, enquanto a maioria das mães do grupo B manifestou o desejo de que ele fosse mais atencioso com seus filhos. As expectativas das mães são coniventes com aquilo o que elas acreditam ser um pai ideal, já que desejos e valores se misturam nessa questão.

Tudge e cols. (2000) consideram que o período em que o pai passa mais tempo com seus filhos é justamente na fase pré-escolar. Neste estágio do desenvolvimento infantil, as crianças estão cognitivamente competentes para brincadeiras, e a literatura sobre o papel paterno (Lewis & Dessen, 1999) tem demonstrado que esta é uma das tarefas delegadas ao pai nas sociedades ocidentais contemporâneas. Como a maior parte das crianças da amostra tinha menos de seis meses de vida, acreditamos que a relação ainda estava muito centrada na mãe, que assume o papel de cuidadora primária em nossa cultura.

Um aspecto importante a ser destacado frente a estas respostas é o fato de muitas mães considerarem que a tarefa principal do pai é prover materialmente a família (Barnett & Hyde, 2001; Deutsch & cols., 1993; Singley & Hynes, 2005) e que, portanto, estar trabalhando já significa o bom desempenho de sua parentalidade. De modo geral, ser atencioso, carinhoso e estar presente já é uma participação paterna considerada suficiente para as mães, segundo dados da literatura (Dessen & Braz, 2000), o que corrobora, sobretudo, os dados do Grupo A. O fato de as mães terem relatado que os pais poderiam estar mais presentes e, ao mesmo tempo, considerarem que seus companheiros já faziam o que deveriam fazer, mostra uma contradição no relato verbal.

Merece destaque também o fato de que, mesmo insatisfeitas com a participação dos pais em casa as mulheres parecem resignadas com essa realidade. Esse comportamento não favorece e nem estimula uma maior participação do homem na vida familiar o que, por sua vez, resulta em mais insatisfação para a mãe, conforme aponta a literatura (Erel & Burman, 1995). Como todos os membros de uma família estão intimamente relacionados e se influenciam mutuamente, as mudanças que ocorrem em uma determinada relação afetam as demais (Kreppner, 2005). Portanto, a satisfação das mães quanto ao envolvimento paterno depende da própria dinâmica familiar existente ainda antes destes tornarem-se pais: as

relações conjugais, e mesmo aquelas estabelecidas entre pai e mãe enquanto filhos desempenham papéis significativos nas expectativas e realizações quanto ao papel parental.

### **Os Avós e sua Contribuição Para a Continuidade da Família**

Neste tópico, apresentamos as influências diretas dos avós na vida familiar, especialmente no que se refere à contribuição destes durante a gestação e o nascimento dos netos. Em seguida, a influência indireta dos avós na família, com foco na infância das mães, será discutida.

#### **Influência Direta dos Avós na Família**

De modo geral, as mães relataram que os avós não interferiam na vida familiar. Como grande parte dos avós habitavam em outros estados do Brasil, é de se supor que a distância física tenha sido o fator principal a gerar este tipo de resposta. Porém, mesmo distantes os avós podem contribuir para a vida familiar provendo suporte emocional e financeiro para filhos, netos, genros e noras (Reynolds & cols, 2003). Neste estudo, o apoio fornecido pelos avós quando do nascimento dos netos foi percebido por grande parte das mães de ambos os grupos, que relatou que os avós haviam contribuído durante a gestação e o nascimento dos netos, mesmo quando os avós e a família tinham contato apenas por telefonemas e cartas.

Entre as mães do Grupo B que mantinham contatos freqüentes com os avós, a participação mais comumente relatada foi a assistência prestada durante o nascimento, sobretudo dispensando cuidados ao bebê e aos outros filhos, e ajudando nas tarefas domésticas. Já entre as mães do Grupo A, o relato mais comum foi de que os avós aconselhavam-nas sobre os cuidados consigo e com os bebês. É interessante notar que as

mães provavelmente relataram o que havia sido mais marcante nos seus respectivos momentos deste processo: as mães do Grupo B, com seus bebês ainda pequenos, citaram a ajuda durante o nascimento e o cuidado com o bebê e outros filhos, embora os avós tenham prestado outros tipos de ajuda durante a gestação; já as mães do Grupo A citaram o aconselhamento dos avós, mesmo havendo perspectivas de apoios de outras naturezas. Segundo Kipper e Lopes (2006), é comum que as avós estejam presentes durante a gestação e o parto, sendo ativas nos cuidados com a gestante e o neto.

Ainda que cuidar do(s) neto(s) e auxiliar nas tarefas domésticas tenha sido mais citado pelas mães do Grupo B, estes tipos de apoio foram mencionados em ambos os grupos, assim como prover ajuda material ou financeira. Esta categoria foi pouco mencionada em resposta ao questionário, mas nas entrevistas algumas mães referiram-se a este tipo de apoio. Esses dados reforçam as informações verificadas na literatura de que a participação dos avós é importante para o reequilíbrio da dinâmica familiar, contribuindo significativamente para a adaptação da família neste momento de transição normativa (Coelho, 2002; Dessen, 1997).

Em relação às mães que percebiam interferências dos avós na vida familiar, elas citaram, principalmente, a educação de seus filhos e o aconselhamento do casal como as áreas de interferências mais frequentes. Um aspecto importante foi o fato de as mães terem considerado apenas as suas sogras, e não as suas mães, pais ou sogros, nas respostas a essas duas questões. Isso pode ter ocorrido por um viés da própria pergunta, já que a palavra “interferência” pode ter uma conotação negativa para algumas pessoas. Por outro lado, sabe-se que os conflitos entre sogras e noras são comuns, já que esta pode tornar-se uma relação delicada (Chiapin & cols., 1998). A aproximação com a própria genitora,

característica da transição para a maternidade também pode ter contribuído para essas respostas.

### **Influência Indireta dos Avós na Família: A Infância das Mães**

Para a maior parte das mães de ambos os Grupos, a principal transmissão de valores dos avós foi acerca do aconselhamento sobre a educação dos filhos. Esta influência podia se dar de maneira direta ou indireta, sendo que um exemplo desta última forma seria o “reconhecimento” da mãe de que educava seus filhos de maneira semelhante, isto é, como ela havia sido educada, mesmo que isto não correspondesse à realidade. Nesse sentido, a valorização dos avós como pessoas com mais maturidade e experiência tendeu a estar presente na fala das mães entrevistadas, assim como afirmam Sommerhalder e Nogueira (2003).

O fato de as mães da nossa pesquisa terem considerado que a transmissão dos avós se dava especialmente pela educação de seus filhos é consoante com os dados do estudo de Honig e Deters (1996), cuja conclusão foi que avós e mães têm mais características comuns do que discordantes quanto à educação de seus netos/filhos. Contudo, seus relatos acerca das similaridades e diferenças entre suas formas de educar e a forma como foram educadas vão contra os resultados destes autores, em parte devido às experiências negativas do período da infância.

De fato, as lembranças das mães acerca de sua infância foram, em grande parte, negativas. A maioria das mães não mencionou algo de que tivesse gostado, e a maioria não gostou de ter precisado interromper os estudos. Esse fato se devia, em grande parte, por muitas das mães terem passado sua infância no interior do Brasil, onde muitas vezes as crianças e adolescentes não contam com escolas para poderem estudar. Além disso, as



necessidades econômicas as induziam a trabalhar, o que dificultava ainda mais o acesso aos estudos. Para escapar dessa realidade, muitas dessas mulheres passaram a residir no Distrito Federal, já que o País não oferece as condições para o assentamento destas famílias no campo. Portanto, fatores econômicos e políticos geram grande influência nos valores e crenças que essas mães transmitiram aos seus filhos. Quando do estudo com famílias, é necessário ter sempre em vista o macrossistema, pois ele subsidia importantes informações acerca da história familiar e de sua vivência atual.

Enquanto algumas mães disseram que não houve nada de que não tivessem gostado em suas infâncias, outras apreciaram a educação recebida. Algumas mães relataram, ainda, que passaram por situações de extrema necessidade no passado. A experiência de uma infância em condições econômicas difíceis vivenciada pelas mães parece influenciar no cotidiano das famílias e no modo como elas educam os filhos. Nestes relatos percebemos, também, a importância da educação para as mães, que enfatizam o propósito de fazer todo o possível para garantir os estudos de seus próprios filhos.

Assim, a própria história de vida das mães e suas experiências como filha delineiam suas idéias acerca do que é importante, de quais tradições devem ser mantidas e em quais aspectos a família deve seguir por um caminho diferente. Verificamos nos relatos, por exemplo, a herança negativa das brigas conjugais e das separações testemunhadas pelas mães, além das necessidades materiais e de problemas de saúde, em especial o alcoolismo do pai (fato que, muitas vezes, se repete na família atual). Outros aspectos, como a importância da escola e o respeito aos outros são fatos que as mães aprenderam enquanto filhas e planejam transmitir para suas famílias.

## **Considerações Finais: Contribuições para a Família Durante Momentos de Transição por Nascimento de Filhos**

A família tem passado por importantes mudanças nas últimas décadas mas, infelizmente, os pesquisadores não têm acompanhado essas mudanças com a rapidez necessária à sua compreensão (Barnett & Hyde, 2001). Estudar as famílias brasileiras é uma tarefa complexa, especialmente tendo em vista a sua grande extensão territorial, sua densa população e suas diversas culturas geograficamente distribuídas (Dessen & Torres, 2002). Porém, de acordo com Dessen e Braz (2005a), são crescentes as pesquisas que visam compreender aspectos familiares que até pouco tempo não eram considerados, como o papel do pai, a influência da relação parental na relação conjugal e a constituição de valores e crenças na família. Além destes temas, muitos outros ainda precisam ser explorados, e esse crescente interesse demonstra a diversidade possível e a importância desses estudos para a compreensão do sistema familiar.

Devemos ressaltar que o desenvolvimento humano, como é visto atualmente, engloba um conjunto de processos que integram sistematicamente as diferentes perspectivas de compreensão do homem (Cairns & cols., 1996). Para estudá-lo, portanto, é necessário estarmos atentos a todos os níveis de mudança, compreendendo as relações entre todos os sistemas envolvidos (Aspesi & cols., 2005; Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Isto requer a aplicação de instrumentos validados e padronizados para as famílias brasileiras, o que nem sempre é possível. A área de desenvolvimento familiar carece de instrumentos validados para investigar a dinâmica familiar.

Em se tratando de acessar a rede de apoio social das mães, já existe um instrumento traduzido e validado para a nossa população (Chor & cols., 2001; Lima, Norman & Lima,

2005). Nele, são realizadas perguntas sobre as pessoas importantes na vida do participante, em quais situações elas estiveram presentes e qual tipo de apoio foi prestado. Esse instrumento pode ser útil nos estudos futuros, como um adicional para a pesquisa, considerando que as entrevistas fornecem um material riquíssimo para análise.

Considerar as influências culturais também é fundamental para o estudo do desenvolvimento humano (Cicchetti & Rogosh, 2002). Essa característica pode ser mais facilmente estudada quando o delineamento de pesquisa é feito longitudinalmente, pois dessa forma é possível verificar como os aspectos macrossistêmicos atuam no decorrer do tempo (Cole & Cole, 2004).

Dessen e Costa-Junior (2006) consideram que as pesquisas devam se ajustar aos paradigmas atuais, considerando aspectos mais abrangentes do desenvolvimento. Em outras palavras, os pesquisadores de um determinado tema devem buscar a integração com as diversas áreas de conhecimento, dentro dos parâmetros postulados pela nova maneira de se estudar o desenvolvimento humano. Com isso, a produção brasileira pode estar alinhada com a “produção de um conhecimento crítico, inovador, socialmente orientado e cientificamente apoiado, dentro de um espaço de relativa autonomia e liberdade para um estudo mais rigoroso e original de seus objetos de investigação” (p. 153).

Consideramos, portanto, que muito ainda há a avançar quanto à pesquisa em desenvolvimento humano. Por outro lado, sabemos que cada construção, ainda que pequena, contribui, e muito, para a pesquisa no Brasil e no mundo. Portanto, devemos estar atentos às reais necessidades da pesquisa, de acordo com o contexto cultural, econômico e social que nos cerca, e termos uma atenção especial quanto à aplicabilidade de nossos estudos. Uma maneira de contribuir para a sociedade, devolvendo o conhecimento que foi construído conjuntamente com ela é a realização de programas de educação familiar.

Acreditamos que os resultados dessa pesquisa são de fundamental importância para a elaboração de programas de educação familiar, pois indicam que nas transições decorrentes do nascimento dos filhos é necessário privilegiar a participação dos pais e dos avós na rotina de cuidados do bebê, ao invés de delegar todas as atenções e funções à mãe. O fortalecimento dessa rede de apoio à mãe terá como consequência melhora da própria relação entre a mãe e seu filho (Cia & cols., 2005b). Dessa forma, profissionais de saúde responsáveis pelo acompanhamento à gestante e ao recém-nascido devem incentivar a participação familiar no atendimento à gestante, assim como à mãe e ao bebê.

A maioria dos programas ainda é direcionada apenas às mães, mas os pais estão cada vez mais presentes (Duncan & Markman, 1988). Segundo Dessen e Pereira-Silva (2004), não apenas pais e mães devem estar envolvidos, mas toda a família deve participar destes programas. Porém, para que este pressuposto seja alcançado com sucesso, é importante que a família seja compreendida em suas particularidades, devendo ser enfocada em suas inúmeras possibilidades de organização. Afinal, ajudar a família a acompanhar a gestação e o nascimento do bebê é assegurar que ela se torne mais feliz e ajustada (Berthoud & Bergamy, 1997).

Os mecanismos através dos quais espera-se que a intervenção durante a gestação e o parto se dê são: (a) o aumento do apoio social; (b) a diminuição do estresse materno; e (c) o fortalecimento do conhecimento da mãe acerca da promoção de saúde e de sinais perigosos durante a gestação e o parto (Langer & cols., 1996). Gjerdingen e Chaloner (1994) sugerem que a importância do apoio emocional e prático deve ser trabalhada junto aos pais ainda durante a gestação. Porém, os programas não devem focar apenas a gestação e o nascimento, mas devem também ajudar os pais a assumirem esse novo papel (Duncan & Markman, 1988). A participação em grupos que ofereçam a oportunidade da família

discutir os desafios e as demandas da parentalidade deve ser estimulada, pois o apoio fornecido por eles pode ajudar a família a lidar com maior facilidade com os momentos de transição decorrentes do nascimento dos filhos (Salmela-Aro & cols., 2000).

Dessen e Pereira-Silva (2004) alertam ainda que os programas de intervenção familiar devam incluir todos os sistemas em que o membro focalizado convive, como a escola, a igreja e o parquinho, dentre outros. Assim, o programa continua priorizando a família, mas compreendendo-a como integrante de um sistema mais amplo.

De modo geral, porém, não são estes os pressupostos que norteiam os programas de educação desenvolvidos no Brasil. Esses, segundo Bazon (2000), não estão suficientemente atentos às necessidades das famílias atendidas. Apesar de apresentarem uma série de inovações e avanços, o erro básico de não respeitar os valores e as crenças próprios de cada família continua sendo freqüentemente cometido. Ao contrário, as crenças do que é “normal” e do que é “melhor” em nossa cultura definem as metas desses programas. De acordo com Bazon, caso houvesse o respeito às diferenças, os resultados destes programas seriam bem mais satisfatórios.

Apesar das limitações e da pouca valorização dos programas de educação familiar, especialmente no Brasil, consideramos que estes ofereçam um apoio importante às famílias nos momentos de transição decorrentes do nascimento de filhos, e seu desenvolvimento deva ser estimulado. Dessen e Biasoli-Alves (2001) alertam para o fato de que qualquer projeto que se proponha a intervir com famílias (ou mesmo com outros grupos sociais) deva ser embasado por dados científicos, e que seja resultado de pesquisas planejadas e executadas de maneira cuidadosa.

Não resta dúvida de que é preciso intensificar os estudos sobre a participação da rede de apoio familiar durante os momentos de transição decorrentes do nascimento de

filhos e, ao refletirmos sobre as perspectivas futuras, devemos pensar não apenas sobre os avanços que o estudo do desenvolvimento familiar pode obter, mas também de quais maneiras os conhecimentos obtidos deverão ser utilizados pelos pesquisadores e pela ciência (Dessen & Biasoli-Alves, 2001). Apesar de se tratar de um campo de investigação relativamente novo, sabemos que este é um tema relevante socialmente e cientificamente. Desta forma, compete a nós, pesquisadores, a responsabilidade por desenvolver a pesquisa e o suporte aos programas de educação destinados a essas famílias.

**REFERÊNCIAS**

- Araújo, M.R. & Dias, C.M. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia*, 7, 91-101.
- Aspesi, C.C., Dessen, M.A. & Chagas, J.F. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. Em M.A. Dessen & A.L. Costa Junior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.
- Aubel, J., Touré, I. & Diagne, M. (2004). Senegalese grandmothers promote improved maternal and child nutrition practices: The guardians of tradition are not averse to change. *Social Science e Medicine*, 59, 945-959.
- Barnett, R.C. & Hyde, J.S. (2001). Women, men, work, and family: An expansionist theory. *American Psychologist*, 56, 781-796.
- Barrett, G., Pendry, E., Peacock, J., Victor, C., Thakar, R. & Manyonda, I. (1999). Women's sexuality after childbirth: A pilot study. *Archives of Sexual Behavior*, 28, 179-187.
- Bazon, M.R. (2000). Dinâmica e sociabilidade em famílias de classes populares: histórias de vida. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 10, 40-50.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berthoud, C.M. & Bergami, N.B. (1997). Família em fase de aquisição. Em C.M. Cerveny & C.M. Berthoud (Orgs.), *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (pp. 47-73). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas da educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-49.

- Bigras, M. & Paquette, D. (2000). L'interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: Une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Bradt, J.M. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 206-222). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1980).
- Brody, G.H., Pellegrini, A.D. & Sigel, I.E. (1986). Marital quality and mother-child and father-child interactions with school-aged children. *Developmental Psychology*, 22, 291-296.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. Em S.L. Friedman & T.D. Wachs (Orgs.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental process. Em W. Damon & R.M. Lerner (Orgs.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (5<sup>a</sup> ed., pp. 993-1028). New York: Wiley.
- Burchinal, M.R., Follmer, A. & Bryant, D.M. (1996). The relations of maternal social support and family structure with maternal responsiveness and child outcomes among African American families. *Developmental Psychology*, 32, 1073-1083.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de casos com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10, 393-402.



- Cairns, R.B., Elder, G.H. & Costello, E.J. (1996). Developmental science: A collaborative statement. Em R.B. Cairns, G.H. Elder & E.J. Costello (Orgs.), *Developmental science* (pp. 31-62). New York: Cambridge University Press.
- Calil, V.L. (1987). *Terapia familiar e de casal*. São Paulo: Summus Editorial.
- Carter, B. & McGoldrick, M.A. (1995). Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1980)
- Chiapin, G., Araújo, G.B. & Wagner, A. (1998). Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 541-550.
- Chor, D., Griep, R., Lopes, C. & Faerstein, E. (2001). Medidas de rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de Saúde Pública*, 17, 887-896.
- Cia, F., Williams, L.C. & Aiello, A.L. (2005a). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9, 225-233.
- Cia, F., Williams, L.C. & Aiello, A.L. (2005b). Intervenção focada na família: um estudo de caso com mãe adolescente e criança de risco. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 11, 49-66.
- Cicchetti, D. & Rogosh, F. (2002). A developmental psychopathology perspective on adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70, 6-20.
- Coelho, M.R. (2002). Visitando a fase última. Em C.M. Cerveny & C.M. Berthoud (Orgs.), *Visitando a família ao longo do ciclo vital* (pp. 127-160). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cohen, S. & Wills, T. (1985). Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98, 310-357.
- Cole, M. & Cole, S. (2004) *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho originalmente publicado em 2003).

- Coley, R.L. (2001). (In)visible men. *American Psychologist*, *56*, 743-753.
- Cooke, L.P. (2004). The gendered division of labor and family outcomes in Germany. *Journal of Marriage and Family*, *66*, 1246-1259.
- Cowan, P.A. & Cowan, C.P. (1988). Changes in marriage during the transition to parenthood: Must we blame the baby? Em G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 114-154). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Crittenden, P.M. (1985). Social networks, quality of child rearing, and child development. *Child Development*, *56*, 1299-1313.
- Crosnoe, R. & Elder Jr., G.H. (2002). Successful adaptation in the later years: A life course approach to aging. *Social Psychology Quarterly*, *65*, 309-328.
- Cusinato, M. (1994). Parenting over the family life cycle. Em L. L'Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology* (pp. 83-115). New York: Wiley.
- Davis, S.N. & Greenstein, T.N. (2004). Cross-national variations in the division of household labor. *Journal of Marriage and Family*, *66*, 1260-1271.
- Delmore-Ko, P., Pancer, S., Hunsberger, B. & Pratt, M. (2000). Becoming a parent: The relation between prenatal expectations and postnatal experience. *Journal of Family Psychology*, *14*, 625-640.
- Demick, J. & Andreoletti, C. (2003). *Handbook of adult development*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Dessen, M.A. (1992). *Efeitos do nascimento de uma segunda criança no comportamento e nas relações entre o primogênito e os genitores*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Dessen, M.A. (1997). Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, 3, 51-61.
- Dessen, M.A. (1999). *Questionário sociodemográfico da família*. Manuscrito não publicado, Laboratório de Desenvolvimento Familiar, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília.
- Dessen, M.A. & Biasoli-Alves, Z.M. (2001). O estudo da família como base para a promoção da tolerância. Em Z.M.M. Biasoli-Alves & R. Fischeman (Orgs. da Série e do Vol.), *Série: Ciências, cientistas e tolerância: Vol. I. Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância* (pp. 183-193). São Paulo: EDUSP.
- Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 221-231.
- Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2005a). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. Em M.A. Dessen & A.L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2005b). As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. Em M.A. Dessen & A.L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 132-151). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M.A. & Costa Júnior, A.L. (2006). A ciência do desenvolvimento humano: desafios para pesquisa e para os programas de pós-graduação. Em D. Colinviaux, L.B. Leite & D.D. Dell'Agio (Orgs.), *Psicologia do desenvolvimento: reflexões e práticas atuais* (pp. 133-158). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Dessen, M.A. & Lewis, C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”? *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 8, 105-121.
- Dessen, M.A. & Pereira-Silva, N.L. (2004). A família e os programas de intervenção: tendências atuais. Em E.G. Mendes, M.A. Almeida & L.C.A. Williams (Orgs.), *Temas em educação especial: avanços recentes* (pp. 179-187). São Carlos: EDUFSCAR.
- Dessen, M.A. & Torres, C. (2002). Family and socialization factors in Brazil: An overview. Em W.J. Lonner, D.L. Dinnel, S.A. Hayes & D.N. Sattler (Orgs.), *OnLine Readings in Psychology and Culture* (Unit 13, Chapter 2). Bellingham, Washington, USA: Western Washington University, Center for Cross-Cultural Research. Available: <http://www.wvu.edu/~culture>
- Deutsch, F. (2001). Equally shared parenting. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 25-28.
- Deutsch, F., Lussier, J. & Servis, L. (1993). Husbands at home: Predictors of paternal participation in childcare and housework. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 1154–1166.
- Doherty, W.J., Kouneski, E.F. & Erickson, M.F. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 277-292.
- Duncan, S.W. & Markman, H.J. (1988). Intervention programs for the transition to parenthood: Current status from a prevention perspective. Em G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 270-310). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Easterbrooks, M.A. & Goldberg, W.A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting. *Child Development*, 55 740-752.

- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *118*, 108-132.
- Falcão, D.S. & Salomão, N.M. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, *22*, 205-212.
- Fávero, M.H. & Mello, R.M. (1997). Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *13*, 131-136.
- Fedele, N.M., Golding, E.R, Grossman, F.K. & Pollack, W.S. (1988). Psychological issues in adjustment to first parenthood. Em G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 85-113). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Feijó, M.R. (2006). Família e rede social. Em C.M. Cerveny (Org.), *Família e...* (pp. 233-255). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fingerman, K.L. (2004). The role of offspring and in-laws in grandparents' ties to their grandchildren. *Journal of Family Issues*, *25*, 1026-1049.
- Fleith, D.S. & Costa-Junior (2005). Métodos de pesquisa em psicologia do desenvolvimento: o que é relevante considerar? Em M.A. Dessen & A.L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-52). Porto Alegre: Artmed.
- Georgas, J., Berry, J.W., Van de Vijver, F.J.R., Kagitçibasi, Ç. & Poortinga, Y.H. (Orgs.) (2006). *Families across cultures: A 30-nation psychological study*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Giarrusso, R., Silverstein, M. & Bengtson, V. (1996). Family complexity and the grandparent role. *Generations*, *20*, 17-23.

- Gjerdingen, D.K & Chaloner, K.M. (1994). The relationship of women's postpartum mental health to employment, childbirth, and social support. *Journal of Family Practice*, 38, 465-472.
- Goldberg, W.A. & Michaels, G.Y. (1988). The transition to parenthood: Synthesis. Em G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 342-360). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Gomes, A.J. & Resende, V.R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 119-125.
- Gordon, R.A., Chase-Lansdale, P.L., Matjasko, J. L. & Brooks-Gunn, J. (1997). Young mothers living with grandmothers and living apart: How neighborhood and household contexts relate to multigenerational coresidence in African American families. *Applied Developmental Science*, 1, 89-106.
- Gottlieb, G. (1996). Developmental psychobiological theory. Em R.B. Cairns, G.H. Elder & E.J. Costello (Orgs.), *Developmental science* (pp. 63-77). New York: Cambridge University Press.
- Gottlieb, B.H. & Pancer, S.M. (1988). Social networks and the transition to parenthood. Em G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 235-269). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Guedea, M.T. (2005). *Modelos de estresse e bem-estar subjetivo em cuidadores de familiares idosos dependentes funcionais*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Hinde, R.A. (1979). *Towards understanding relationships*. London: Academic Press.
- Hinde, R.A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Sussex, UK: Psychology Press.

- Hofberg, K. & Ward, M.R. (2003). Fear of pregnancy and childbirth. *Postgraduate Medical Journal*, 6, 505-510.
- Honig, A.S. & Deters, K. (1996). Grandmothers and mothers: An intergenerational comparison of child-rearing practices with preschoolers. *Early Development and Parenting*, 5, 47-55.
- Horvath, I. (1995). O pai como força na família. Em J. Gomes-Pedro & M.F. Patricio (Orgs.), *Bebé XXI: criança e família na viragem do século* (pp. 151-157). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006). *Pessoas responsáveis pelos domicílios, por sexo, segundo as grandes regiões*. Obtido em 12 de dezembro de 2006 do [World Wide Web: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/tabela012000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/tabela012000.shtm).
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. Em T. Feres-Carneiro (Org.), *Casal e família: entre a tradição e a transformação* (pp. 55-69). Rio de Janeiro: NAU editora.
- John, C. & Winston, T. (1989). The effect of social support on prenatal care. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 25, 79-98.
- Kendrick, C. & Dunn, J. (1980). Caring for a second baby: Effects on interaction between mother and firstborn. *Developmental Psychology*, 16, 303-311.
- Kipper, C.D. & Lopes, R.S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 29-34.
- Konold, T.R. & Abidin, R.R. (2001). Parenting alliance: A multifactor perspective. *Assessment*, 8, 47-65.

- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 11-22.
- Kreppner, K. (2003). Social relations and affective development in the first two years in family contexts. Em J. Valsiner & K. Connolly (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 194-214). London: Sage Publications.
- Kreppner, K. (2005). Family assessment and methodological issues: Discussion. *European Journal of Psychological Assessment, 21*, 249-254.
- L'Abate, L. (1994). What is developmental family psychology? Em L. L'Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology* (pp. 3-23). New York: Wiley.
- Lahey, B., McCabe, K., Fisicaro, S. & Drew, J. (1996). Environmental and personal determinants of support perceptions: Three generalizability studies. *Journal of Personality and Social Psychology, 70*, 1270-1280.
- Lamb, M.E. (1976). The role of the father: An overview. Em M.E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 1-61). New York: Wiley.
- Lamb, M.E. (1996). *The role of the father*. New York: Wiley.
- Langer, A., Farnot, U., Garcia, C., Barros, F., Victora, C., Belizan, J. & Villar, J. (1996). The Latin American trial of psychosocial support during pregnancy: Effects on mother's wellbeing and satisfaction. *Social Science and Medicine, 42*, 1589-1597.
- Levitt, M.J., Weber, R.A. & Clark, M.C. (1986). Social network relationships as sources of maternal support and well-being. *Developmental Psychology, 22*, 310-316.
- Lewis, C. & Dessen, M.A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15*, 9-16.



- Lewis, M. & Weinraub, M. (1976). The father's role in the child's social network. Em M.E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 157-184). New York: Wiley.
- Lima, E.D., Norman, E.M. & Lima, A.P. (2005). Translation and adaptation of the social support network inventory in Brazil. *Journal of Nursing Scholarship*, 37, 258-260.
- Llewellyn, G. & McConnell, D. (2002). Mothers with learning difficulties and their support networks. *Journal of Intellectual Disability Research*, 46, 17-34
- Lopes, R.C., Donelli, T.S., Lima, C.M. & Piccinini, C.A. (2005). O antes e o depois: expectativas e experiências de mães sobre o parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 247-254.
- Lopes, R.C., Menezes, C., Santos, G.P. & Piccini, G.A. (2006). Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*, 11, 55-61.
- Matthey, S., Barnett, B., Ungerer, J. & Waters, B. (2000). Paternal and maternal depressed mood during the transition to parenthood. *Journal of Affective Disorders*, 60, 75-85.
- Michaels, G.Y. (1988). Motivational factors in the decision and timing of pregnancy. Em G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Orgs.), *The transition to parenthood* (pp. 23-61). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Mills, T. (2001). Research on grandparent and grandchild relationships in the new millennium. *Journal of Family Issues*, 22, 403-406.
- Mills, T., Wakeman, M. & Fea, C. (2001). Adult grandchildren's perceptions of emotional closeness and consensus with their maternal and paternal grandparents. *Journal of Family Issues*, 22, 427-455.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.

- Minuchin, P. (1988). Relationships within the family: A systems perspectives on development. Em R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 8-25). Oxford: Clarendon Press e University Press.
- Montigny, F., Lacharité, C. & Amyot, E. (2006). Tornar-se pai: modelo da experiência dos pais em período pós-natal. *Cadernos de psicologia e Educação Paidéia*, 16, 25-36.
- Morof, D., Barrett, G., Peacock, J., Victor, C. & Manyonda, I. (2003). Postnatal depression and sexual health after childbirth. *The American College of Obstetricians and Gynecologists*, 102, 1318-1325.
- Motta, C.C. & Crepaldi, M.A. (2005). O pai no parto e apoio emocional. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 15, 105-118.
- Nash, J. (1976). Historical and social changes in the perception of the role of the father. Em M.E. Lamb (Org.), *The role of the father in child development* (pp. 62-88). New York: Wiley.
- Pereira, P. (2003). A nova família. Publicado na *Revista Época*, 29/12/2003.
- Pereira-Silva, N.L. & Dessen, M.A. (2004). O que significa ter uma criança com deficiência mental na família? *Educar em Revista*, 23, 161-183.
- Petzold, M. (1995). Aprender a ser pai. Em J. Gomes-Pedro e M. Patrício (Orgs.), *Bebé XXI: Criança e família na viragem do século* (pp. 133-150). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Petzold, M. (1996). The psychological definition of “the family”. Em M. Cusinato (Org.), *Research on family: Resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milão: LED-Edizioni Universitarie.
- Phares, V. & Compas, B. (1993). Fathers and developmental psychopathology. *Current Directions in Psychological Science*, 2, 162-165.

- Piccinini, C.A., Silva, M.R., Gonçalves, T.R., Lopes, R.S. & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 303-314.
- Pontes, M.M. (2002). *O papel do pai no contexto familiar: A importância da função paterna na relação com a mãe e a criança*. Rio de Janeiro: Fábrica de livros.
- Pratt, M.W. & Fiese, B.H. (2004). *Family stories and the life course: Across time and generations*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Ray, E.B. & Miller, K.L. (1994). Social support, home/work stress, and burnout: Who can help? *The Journal of Applied Behavioral Science*, 30, 357-373.
- Reynolds, G.P., Wright, J.V. & Beale, B. (2003). The roles of grandparents in educating today's children. *Journal of Instructional Psychology*, 30, 316-326.
- Ribeiro, Y.H. (2005). *Suporte social e qualidade de vida em pessoas portadoras de lesão medular traumática*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Robbins, M., Szapocznik, J., Tejada, M., Samuels, D., Ironson, G. & Antoni, M. (2003). The protective role of the family and social support network in a sample of HIV-positive African American women: Results of a pilot study. *Journal of Black Psychology*, 29, 17-37.
- Ruschel, A.N. & Castro, O.P. (1998). O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, 11, 523-539.
- Salmela-Aro, K., Nurmi, J., Saisto, T. & Halmesmäki, E. (2000). Women's and men's personal goals during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 14, 171-186
- Santos, M.C., Caldana, R.H. & Biasoli-Alves, Z.M. (2001). O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: Transformações no ideário. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 11, 57-68.

- Setton, M.Z. (2004). Uma visão histórico-antropológica sobre a paternidade. Em E. Polity, M. Setton & S. Colombo (Orgs.), *Ainda existe a cadeira do papai?: conversando sobre o lugar do pai na atualidade* (pp. 45-57). São Paulo: Vetor.
- Silva, D.S. & Salomão, N.M. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia*, 8, 135-145
- Simpson, J.A., Rholes, W.S., Campbell, L. & Wilson, C.L. (2003). Changes in attachment orientations across the transition to parenthood. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39, 317-331.
- Singley, S.G. & Hynes, K. (2005). Transitions to parenthood: Work-families policy, gender, and the couple context. *Gender & Society*, 19, 376-397.
- Sluzki, C.E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sommerhalder, C. & Nogueira, E.J. (2003). As relações entre gerações. Em A.L. Neri & S.A. Freire (Orgs.), *E por falar em boa velhice* (pp. 101-112). Campinas: Papirus.
- Spanier, G.B. (1976). Measuring diadic adjustment: New scale for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage in the Family*, 38, 15-28.
- Sydow, K.V. (1999). Sexuality during pregnancy and after childbirth: A metacontent analysis of 59 studies. *Journal of Psychomatic Research*, 47, 27-49.
- Thomas, J.L., Sperry, L. & Yarbrough, M.S. (2000). Grandparents as parents: Research findings and policy recommendation. *Child Psychiatry and Human Development*, 31, 3-22.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Otero, D., Kulakova, N., Tammeveski, P., Meltsas, M. & Lee, S. (2000). Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1-11.

- Valsiner, J. & Connolly, K. (Orgs.). (2003). *Handbook of developmental psychology*. London: Sage Publications.
- van Geert, P. (1998). We almost had a great future behind us: The contribution of non linear dynamics to developmental-science-in-the-making. *Developmental Science*, 1, 143-159.
- van Geert, P. (2003). Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. Em Valsiner, J. & Connolly, K. (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 640-672). London: Sage Publications.
- Walsh, F. (1995). A família no estágio tardio de vida. Em B. Carter & M.A. McGoldrick (Orgs.), *Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*, (p. 269-287). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1980)
- Zamberlan, M.A., Camargo, F.C. & Biasoli-Alves, Z.M. (1997). Interações na família: revisões empíricas. Em M.A. Zamberlan & Z.M. Biasoli-Alves (Orgs.), *Interações familiares: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção* (pp. 39-57). Londrina: U.E.L.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Prezada mãe,

Nós, responsáveis pela execução da pesquisa intitulada “Relações familiares durante transições decorrentes do nascimento de filhos”, solicitamos a sua participação no referido projeto, fornecendo informações que consideramos importantes. O objetivo deste trabalho é caracterizar a rede social de famílias por ocasião do nascimento de um filho. Um estudo desta natureza trará contribuições valiosas para a compreensão do desenvolvimento das relações familiares em momentos de mudanças na família, principalmente para as crianças. Além disso, fornecerá dados mais objetivos para a orientação de pais e clínicos a respeito do processo de desenvolvimento da própria família e de cada indivíduo que nela se insere. Portanto, a sua colaboração é imprescindível.

Os dados obtidos através dos questionários e das entrevistas serão **CONFIDENCIAIS** e a nossa conduta manter-se-á fiel aos princípios éticos que regem a profissão de psicólogo. Informamos, também, que as entrevistas serão gravadas e que este trabalho poderá ser apresentado em Congressos ou ser utilizado em caráter didático.

Antecipadamente, agradecemos a sua compreensão e colaboração.

---

Maria Auxiliadora Dessen  
(coordenadora do projeto)

DE ACORDO:

MÃE: \_\_\_\_\_

---

Local e Data

## ANEXO 2

## QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO DA FAMÍLIA

Maria Auxiliadora Dessen

Laboratório de Desenvolvimento Familiar - Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília-UnB

CENTRO DE SAÚDE: \_\_\_\_\_ Início: \_\_\_/\_\_\_ Término: \_\_\_/\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

GRUPO: A B Família no. \_\_\_\_\_

## I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome da mãe : \_\_\_\_\_

2. Estado civil:

 casada  mora junto 1°. Companheiro  2°. Companheiro  3°. Companheiro  4°. Companheiro

Número de filhos X Número de companheiros: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo mora com o companheiro? \_\_\_\_\_

3. Idade (anos, meses)- Mãe: \_\_\_\_\_ Pai: \_\_\_\_\_

4. Escolaridade da Mãe:

Completo:  Primeiro Grau  Segundo Grau  Curso SuperiorIncompleto:  Primeiro Grau  Segundo Grau  Curso Superior Outros \_\_\_\_\_

5. Escolaridade do Pai:

Completo:  Primeiro Grau  Segundo Grau  Curso SuperiorIncompleto:  Primeiro Grau  Segundo Grau  Curso Superior Outros \_\_\_\_\_

6. Ocupação:

Mãe: \_\_\_\_\_ Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

O que faz (descrever) \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_ Há quanto tempo? \_\_\_\_\_



O que faz (descrever) \_\_\_\_\_

### 7. Residência

- |                                       |  |
|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Plano Piloto | <input type="checkbox"/> Cidade Satélite _____ |
| <input type="checkbox"/> Asa Norte    | <input type="checkbox"/> Lago Norte            |
| <input type="checkbox"/> Asa Sul      | <input type="checkbox"/> Lago Sul              |

Há quanto tempo reside nesta localidade? \_\_\_\_\_

Observação: \_\_\_\_\_

### 8. Quem mora na casa? Há quanto tempo (anos; meses)?

Parentes por parte de pai	Parentes por parte da mãe	Não familiares
<input type="checkbox"/> avô _____	<input type="checkbox"/> avô _____	<input type="checkbox"/> Babá _____
<input type="checkbox"/> avó _____	<input type="checkbox"/> avó _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> tio _____	<input type="checkbox"/> tio _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> tia _____	<input type="checkbox"/> tia _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> Outros _____	<input type="checkbox"/> Outros _____	<input type="checkbox"/> _____

Existe algum filho morando com parentes ou amigos? \_\_\_\_\_

9. Renda Familiar ATUAL R\$ \_\_\_\_\_

10. Grupo A: Esta é a

1<sup>a</sup> gravidez    2<sup>a</sup>    3<sup>a</sup>    4<sup>a</sup>    +4<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

11. Grupos A e B: Número de filhos

1 filho    2    3    4    +4 \_\_\_\_\_

## II – CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

1) Sobre os filhos

1.1) Idade, sexo e escolaridade dos filhos

- Primogênito \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_
- Segundo \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_
- Terceiro \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_
- Quarto \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_
- Outros \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

1.2) Atualmente, onde os filhos estudam, em que período e desde que idade?

- Tipo de Escola: (1) Creche (2) Pré-escola (3) Escola Formal
- Instituição: (1) Pública (2) Privada
- Período: (1) Integral (2) Parcial

Primogênito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Terceiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quarto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Não freqüentam creche ou instituição de ensino (especificar motivos):

---



---



---



---

1.3) Quem cuida dos filhos no período em que eles estão em casa e os pais estão trabalhando?

- mãe  pai  irmãos  avô  avó  babá
- empregada doméstica  vizinhos  outros \_\_\_\_\_

1.4) Em que local?

- Na própria residência da criança
- na residência de quem cuida da criança
- outros

2) Quanto às atividades de lazer da família

2.1) Local

LOCAL	ATIVIDADES
Dentro de casa	
Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais Públicos	

## 2.2) Tipo de atividades

ATIVIDADES SOCIAIS	FREQUENCIA				
	Nunca	Menos de uma vez por mês	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo / assistência à comunidade					
Missas/ cultos em geral					
Eventos sociais / festas					
Encontros sociais com familiares / amigos					
Visitas					
Comemorações em geral					
Encontros em locais públicos / alimentação					
Festas típicas					
Cinema, teatro					
Visitas a centros culturais					
Não participa de atividades de lazer					

## 2.3) Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

- Todos os membros da família
- Toda família com avós (que residem no mesmo local)
- Apenas mãe e filhos
- Toda família com parentes em geral
- Apenas pai e filhos
- Toda família com amigos

## 3) Divisão das tarefas de casa

3.1) A família tem empregada doméstica ?  Sim  Não

- Número: \_\_\_\_\_
- Há quanto tempo: \_\_\_\_\_
- Período de trabalho: \_\_\_\_\_

## 3.2) Atribuições

- Que pessoas fazem as atividades abaixo:

ATIVIDADES	M	P	I	A	Em	Vz	O	S
Alimentação/banho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Levar à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Ler/contar estórias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Levar à atividades de lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Colocar a criança alvo para dormir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Arrumar a casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Cozinhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Lavar/passar roupas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Fazer compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>
Orientar a empregada nas tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	___	<input type="checkbox"/>

→Legenda: M= mãe; P= Pai; I= irmãos; A= avós; Em= empregada; Vz= vizinhos; O= outros; S=sozinho

### III- CARACTERÍSTICAS DA REDE SOCIAL DE APOIO DURANTE PERÍODOS DE TRANSIÇÃO DECORRENTES DO NASCIMENTO DE FILHOS

#### 1. Sobre a gravidez atual(ou última)

1.1) Houve mudança na rede de apoio durante esta gravidez/nascimento do último filho?

Sim  Não

Quais foram as mudanças principais?

---



---



---

1.2) Quais as pessoas que apóiam (aram) você (mãe) durante a gravidez e qual sua ordem de importância?

#### MEMBROS FAMILIARES

Família Nuclear:	<input type="checkbox"/> esposo	<input type="checkbox"/> primeiro filho	<input type="checkbox"/> segundo filho	<input type="checkbox"/> terceiro filho	<input type="checkbox"/> 4°. ou +
Por parte da mãe:	<input type="checkbox"/> avô	<input type="checkbox"/> avó	<input type="checkbox"/> tio	<input type="checkbox"/> tia	<input type="checkbox"/> outros__
Por parte do pai:	<input type="checkbox"/> avô	<input type="checkbox"/> avó	<input type="checkbox"/> tio	<input type="checkbox"/> tia	<input type="checkbox"/> outros__

#### NÃO-FAMILIARES

amigos  vizinhos  empregada  babá  outros\_\_\_\_\_

#### INSTITUIÇÕES

creche  
 pré- escola  
 escola  
 centro de saúde  
 outros \_\_\_\_\_

#### PROFISSIONAIS

pajem dos filhos  
 professor  
 médico  
 outros \_\_\_\_\_

#### 2. Sobre outras transições familiares (quando houver)

2.1) Houve mudanças na rede de apoio em outros períodos em que você esteve grávida?

Sim  Não

Quais foram as mudanças principais?

---



---



---

2.2) Quais as pessoas que apóiam (aram) você (mãe) durante os outros períodos em que você esteve grávida e qual sua ordem de importância?

MEMBROS FAMILIARES

Família Nuclear:	<input type="checkbox"/> esposo	<input type="checkbox"/> primeiro filho	<input type="checkbox"/> segundo filho	<input type="checkbox"/> terceiro filho	<input type="checkbox"/> 4°. ou +
Por parte da mãe:	<input type="checkbox"/> avô	<input type="checkbox"/> avó	<input type="checkbox"/> tio	<input type="checkbox"/> tia	<input type="checkbox"/> outros__
Por parte do pai:	<input type="checkbox"/> avô	<input type="checkbox"/> avó	<input type="checkbox"/> tio	<input type="checkbox"/> tia	<input type="checkbox"/> outros__

NÃO-FAMILIARES

amigos     vizinhos     empregada     babá     outros\_\_\_\_\_

INSTITUIÇÕES

creche  
 pré- escola  
 escola  
 centro de saúde  
 outros \_\_\_\_\_

PROFISSIONAIS

pajem dos filhos  
 professor  
 médico  
 outros \_\_\_\_\_

**ANEXO 3**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

Identificação

Grupo: A B

Família:

**Parte I- Descrição das alterações da rede de apoio em três momentos: durante a gravidez, durante a hospitalização e após o nascimento, especificando:**

- a. Familiares
- b. Não-familiares
- c. Instituições
- d. Profissionais

Detalhar, caso necessário, as alterações nas seguintes áreas:

- a. contato social da família
- b. divisão de trabalho doméstico

**Parte II- Quanto ao papel do pai**

1. Participação e apoio dispensado pelo pai em relação:
  - a. às tarefas rotineiras da casa
  - b. aos cuidados dispensados aos filhos: tipo e frequência
  - c. aos momentos de transição decorrentes do nascimento do filho
2. Sentimentos e expectativas quanto à participação do pai na vida familiar
  - a. Se o pai faz o que deveria fazer em casa
  - b. Se poderia fazer mais do que já faz, e o quê
  - c. O que seria uma “participação ideal” do pai na vida familiar, na perspectiva da mãe

**Parte III- Quanto à influência intergeracional na vida familiar**

- a. Importância da participação dos avós dos bebês na vida familiar atual
- b. Padrões/condutas transmitidas por eles e que, de alguma forma, exercem influência no modo de vida familiar
- c. Se e de que forma a participação dos avós dos bebês interfere no relacionamento desenvolvido entre os subsistemas marido-esposa, genitores-filhos, irmão-irmão
- d. Detalhar o tipo de apoio que é fornecido pelos avós à família, por ocasião do nascimento de filhos, destacando como é fornecido e sua importância naquela ocasião.
- e. O que a mãe teve na infância, e que gostaria de repetir e o que não gostaria de repetir em sua vida familiar atual.

## ANEXO 4

### SISTEMA DE CATEGORIAS PARA ANÁLISE DA ENTREVISTA <sup>1</sup>

#### **I- Modos de Vida familiar e Rede Social de Apoio Durante a Gravidez e o Nascimento de Filhos:**

##### **- As Atividades Familiares e os Trabalhos Domésticos:**

#### **1. Quais são as atividades familiares?**

- 1.1 Fica em casa/nada de especial
- 1.2 Visita parentes
- 1.3 Recebe visitas de parentes e amigos
- 1.4 Conversas/Bate-papo na rua
- 1.5 Participação em atividades da Igreja
- 1.6 Passeios
- 1.7 Assiste à TV/Ouve música
- 1.8 Esporte (caminhada, bicicleta, futebol)
- 1.9 Outros

#### **2. Com quem a mãe realiza as atividades?**

- 2.1 Individualmente
- 2.2 Em grupo, com a participação de
  - marido/filhos
  - outros parentes
  - amigos/vizinhos
  - colegas de trabalho/patrões

#### **3. Como era a divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos?**

- 3.1 Divisão do trabalho doméstico
  - Arrumar a casa
  - Cozinhar
  - Lavar/Passar
  - Fazer compras
  - Orientar empregada
- 3.2 Cuidado com filhos
  - Dar comida/banho
  - Levar/Trazer da escola
  - Orientar dever escolar
  - Levar para lazer
  - Colocar para dormir

---

<sup>1</sup> Este sistema é uma adaptação do sistema de categorias de entrevistas de Dessen e Braz (2000).



#### **4. Percepção das mães durante a gravidez e o nascimento de filhos na execução das tarefas**

- 4.1 Executa as tarefas sozinha
- 4.2 Recebe ajuda nas tarefas
- 4.3 As tarefas são divididas

#### **5. Principais mudanças percebidas pelas mães em ambas as gestações**

- 5.1 Recebimento de apoio
  - financeiro
  - psicológico
  - nas tarefas domésticas/filhos
- 5.2 O relacionamento com o marido/família
  - melhorou
  - piorou

### **- O Apoio Recebido e o Contato Social**

#### **1. Tipo de apoio recebido pela mãe durante a gestação atual ou na mais recente**

- 1.1 Familiares
- 1.2 Não familiares
- 1.3 Instituições
- 1.4 Profissionais

#### **2. Percepção das mães acerca das mudanças no apoio recebido**

- 2.1 Receberam mais apoio/ajuda
  - atenção, carinho
  - material e/ou financeira
  - orientações de saúde
- 2.2 Não receberam o apoio/ajuda e a atenção esperados
- 2.3 Não houve alteração

#### **3. Mudanças ocorridas no contato social durante a gravidez e o nascimento de filhos**

- 3.1 A família passou a ficar mais em casa
- 3.2 O contato social aumentou
- 3.3 As pessoas se afastaram após a gravidez
- 3.4 O casal passou a fazer mais programas juntos

## **II- Envolvimento do Pai na Família: O Pai Real e o Pai Ideal:**

### **- O Pai Real: Participação na Vida Familiar**

#### **1. Atividades domésticas realizadas pelos pais**

- 1.1 Executa tarefas domésticas
  - todas
  - arruma e limpa a casa

- prepara as refeições
- lava roupa
- passa roupa
- lava louça
- executa somente serviços pesados

1.2 Não executa tarefas domésticas

## **2. Formas de participação dos pais nos cuidados com os filhos**

2.1 Cuida do filho

- faz tudo que é necessário
- banha
- troca e/ou veste
- alimenta
- brinca
- demonstra carinho
- educa

2.2 Demanda que as mães cuidem

2.3 Não cuida/não faz nada

2.4 Demonstra carinho/preocupa-se com os filhos

## **3. Forma como os pais se comportaram durante a gestação e o nascimento dos filhos**

3.1 Mudou

- para melhor
- para pior

3.2 Passou a preocupar-se com a saúde da mãe

3.3 Demosntrou alterações de humor

3.4 Não mudou/não houve alteração

## **- O Pai “Ideal”: Expectativas das Mães Sobre o Envolvimento do Pai na Família**

### **1. Percepção das mães acerca da realização das tarefas por parte dos pais**

1.1 Não

1.2 Sim

### **2. Expectativas das mães quanto o envolvimento dos pais na vida familiar**

2.1 O pai faz o suficiente

2.2 O pai deveria fazer mais

### **3. Expectativas das mães quanto ao tipo de participação dos pais na vida familiar**

3.1 Executar tarefas domésticas

3.2 Educar e cuidar dos filhos

3.3 Ser mais atencioso com a companheira

3.4 Parar de beber

### **4. Como o pai teria uma participação ideal na família, segundo as mães**

4.1 A participação do pai já é a ideal

- 4.2 Ser mais atencioso com os filhos
- 4.3 Ser mais atencioso com a companheira
- 4.4 Auxiliar nas tarefas domésticas
- 4.5 Educar os filhos

### **III- Influência dos Avós na Vida Familiar**

#### **- Influência Direta dos Avós na Família: Interferências e Participação**

##### **1. Percepção de mães acerca de interferência dos avós na família**

- 1.1 Sim
- 1.2 Não

##### **2. Tipos de interferências dos avós na vida familiar**

- 2.1 Educação dos filhos
- 2.2 Relacionamento do casal
- 2.3 No planejamento familiar

##### **3. Tipos de aconselhamento dos avós para a família**

- 3.1 Educação dos netos
- 3.2 Relacionamento do casal
- 3.3 Práticas religiosas
- 3.4 Hábitos de higiene
- 3.5 Finanças da família

##### **4. Tipo de participação dos avós durante a gestação e o nascimento de seus netos**

- 4.1 Ajuda material ou financeira
- 4.2 Preocupação com a saúde e o bem estar da gestante e da criança e apoio psicológico
- 4.2 Aconselhamento sobre os cuidados na gestação e com os bebês
- 4.3 Ajuda na realização de tarefas domésticas e de cuidados com os netos

#### **- Influência Indireta dos Avós na família: A Infância das Mães**

##### **1. O que as mães gostaram em suas infâncias**

- 1.1 Modo de criação e de não ter apanhado
- 1.2 Liberdade na infância
- 1.3 Atenção/carinho recebido
- 1.4 Acesso a bens materiais
- 1.5 Oportunidade de estudo

##### **2. O que as mães não gostaram em suas infâncias**

- 2.1 Interromper os estudos
- 2.2 Problemas familiares
- 2.3 Ter passado necessidades materiais
- 2.4 Ter apanhado dos pais
- 2.5 Ausência da mãe

**ANEXO 5****LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Idades de mães e pais dos Grupos A e B	46
Tabela 2. Grau de escolaridade de mães e pais dos Grupos A e B	47
Tabela 3. Parentes morando na mesma casa ou no mesmo lote da família	54
Tabela 4. Atividades realizadas pelas famílias	59
Tabela 5. Contato social das mães	60
Tabela 6. Divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos	60
Tabela 7. Principais mudanças percebidas pelas mães	63

## ANEXO 6

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tipo de ocupação de mães e pais da amostra	48
Figura 2. Idade dos filhos	50
Figura 3. Sexo dos filhos	50
Figura 4. Filhos que freqüentam a escola	50
Figura 5. Estado civil das mulheres do Grupo A	52
Figura 6. Estado civil das mulheres do Grupo B	52
Figura 7. Tempo de coabitação das mães com seus companheiros	53
Figura 8. Famílias com parentes residindo na mesma casa ou lote	54
Figura 9. Tempo de moradia das famílias dos Grupos A e B	55
Figura 10. Percepção das mães sobre a execução das tarefas, durante a gravidez e o nascimento de filhos	61
Figura 11. Tipo de apoio recebido pela mãe durante a gestação atual ou na mais recente	64
Figura 12. Percepção das mães acerca das mudanças no apoio recebido	66
Figura 13. Mudanças ocorridas no contato social durante a gravidez e o nascimento de filhos	67
Figura 14. Atividades domésticas realizadas pelos pais	69
Figura 15. Formas de participação dos pais nos cuidados com os filhos	71
Figura 16. Forma como os pais se comportaram durante a gestação e o nascimento dos filhos	72
Figura 17. Percepção das mães acerca de se os pais fazem o que deveriam fazer em relação às tarefas domésticas e de cuidados com os filhos.	74
Figura 18. Expectativas das mães quanto à participação dos pais na vida familiar	75
Figura 19. Expectativas das mães quanto ao tipo de participação dos pais na vida familiar	76
Figura 20. Como o pai teria uma participação ideal na família, segundo as mães	78
Figura 21. Percepção de mães acerca de interferência dos avós na família, por grupo	80
Figura 22. Interferências dos avós na vida familiar, segundo as mães	81
Figura 23. Tipos de aconselhamento dos avós para a família, segundo o relato das mães	83

Figura 24. Tipo de participação dos avós durante a gestação e o nascimento de seus Netos, segundo as mães	85
Figura 25. O que as mães gostaram em suas infâncias	88
Figura 26. O que as mães não gostaram em suas infâncias	89